



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

***O PORVIR, JORNAL LITERÁRIO E RECREATIVO: PROPRIEDADE DE UMA
ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE (1874)***

CIBELE DE SOUZA RODRIGUES

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

***O PORVIR, JORNAL LITERÁRIO E RECREATIVO: PROPRIEDADE DE UMA
ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE (1874)***

CIBELE DE SOUZA RODRIGUES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dr^a. Eva Maria Siqueira Alves.

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

R696p Rodrigues, Cibebe de Souza
O Porvir, jornal literário e recreativo : propriedade de uma
associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874) / Cibebe
de Souza Rodrigues ; orientadora Eva Maria Siqueira Alves. – São
Cristóvão, 2016.
105 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal
de Sergipe, 2016.

1. Educação – História - Sergipe. 2. Jornais. 3. Cultura –
Educação. 4. Associações estudantis. 5. Colégio Atheneu
Sergipense. I. Alves, Eva Maria Siqueira, orient. II. Título.

CDU 37(091)(813.7)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**



CIBELE DE SOUZA RODRIGUES

**O PORVIR, JORNAL LITERÁRIO E RECREATIVO: PROPRIEDADE DE UMA
ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE (1874)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 24.02.2016

Prof.ª Dr.ª Eva Maria Siqueira Alves (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Verônica dos Reis Mariano Souza
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos
Universidade Federal de Sergipe/UFS

Prof.ª Dr.ª Simone Paixão Rodrigues
Secretaria de Estado da Educação de Sergipe/SEED

SÃO CRITÓVÃO

2016

Aos meu pais, Elizio e Rosa, exemplo de integridade e amor.

Ao meu querido irmão Teófilo Rodrigues.

Ao meu amado Tarcísio Freitas.

AGRADECIMENTOS

Eis que é chegada a hora de agradecer!

Primeiramente, agradeço ao meu bom Deus, pelo dom da vida, por se fazer presente diante de tantas realizações permitidas em minha história, sendo esta mais uma delas.

Aos meus pais, Elizio e Rosa, base de tudo que sou, exemplo de integridade, honestidade, respeito e amor. Sempre me ensinaram o melhor caminho a seguir, desde a infância até os dias atuais. Dou glória a Deus pela vida de vocês, meus amores!

Ao meu irmão Teófilo Rodrigues, sempre solícito e de um coração gigantesco. Téo, você é a parte mais nervosa de mim (Risos!). Me ensinou a ser preocupada com as atribuições da escola e, principalmente, da Universidade. A maior força para seguir na pesquisa veio de você, nunca vou esquecer suas palavras de incentivo para enveredar nos caminhos do PIBIC. Muuito obrigada, mano!

Ao meu amado Tarcísio Freitas, minha base de apoio, a pessoa mais linda que Deus podia me presentear como parceiro para a vida toda! Meu muito obrigada por tanta compreensão, ajuda e parceria nos momentos felizes e naqueles um pouco mais árduos. Estamos juntos sempre!

Ahh... àquela que sempre acreditou em mim, desde a graduação. Professora Dr^a. Eva Maria, a senhora é espelho para mim. Obrigada por tantos “puxões de orelha” e, na mesma medida, palavras de apoio e incentivo. Aprendi e aprendo muito com a senhora. Obrigada por tudo!

Agradeço imensamente aos professores do Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS, sempre empenhados nos direcionamentos da pesquisa em História da Educação e sugestões de leituras sobre temáticas ligadas ao meu objeto de estudo.

À secretaria do Programa, por oferecer funcionários tão competentes e atenciosos com os alunos, auxiliando-me sempre nos momentos de dúvidas burocráticas.

À CAPES, pela bolsa de estudos durante todo o desenvolvimento da pesquisa do Mestrado.

Aos professores, Dr. Fábio Alves e Dr^a. Verônica Reis, pelas contribuições desde o Seminário de Pesquisa e Exame de Qualificação, a respeito do texto final.

Aos colegas do grupo de estudos Disciplinas Escolares: História, Ensino, Aprendizagem (DEHEA), João Paulo, Suely, Ana Márcia, Simone, Edna, Sayonara, Wênia, Carla, Wal, Adriana, Cristiane, por tantos encontros recheados de boas leituras e discussões.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Epifânio Dórea e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, por colaborarem com as pesquisas que lá desenvolvi. Exteriorizo também meus agradecimentos às meninas do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), Edna, Wênia e Carla, por sempre compartilharem comigo assuntos relacionados desde a pesquisa até os mais variados do cotidiano.

Aos colegas de turma que tornaram nossos laços de amizade inesquecíveis, promovendo encontros com registros de alegria e companheirismo uns aos outros. Externo de maneira especial, meus sinceros agradecimentos as amigas íntimas de turma, Edna Santos e Ane Rose Maciel, meninas, obrigada por dividirem comigo tantos momentos singulares durante essa trajetória!

A Simone Paixão, pelos ensinamentos e contribuições desde a graduação, quando dei os primeiros passos na pesquisa, me auxiliando sempre com indicações de leitura, incentivo e palavras de carinho. Meu muito obrigada a você é pouco para expressar minha gratidão.

Aos meus amigos íntimos, Adrielle, Adriana, Joselito, Valmisson, Evaneide, às cunhadas/amigas, Laís, Thaís e Elaine; aos sogros, Raimundo e Irani, por sempre me compreenderem nos momentos de ausência. Sei que a torcida foi enorme e verdadeira. Muito obrigada!

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, fazendo com que mais uma etapa da minha vida acadêmica fosse alcançada.

A minha gratidão a todos!

RESUMO

A presente dissertação tem como fonte principal e objeto de estudo o jornal estudantil *O Porvir*, datado no ano de 1874, pertencente ao primeiro órgão dos estudantes do Atheneu Sergipense, instituição de Ensino Secundário em Sergipe. A pesquisa tem como objetivo fundamental analisar os temas educacionais abordados no impresso, por um grupo de alunos do Atheneu Sergipense, nos doze números de edições localizados, desse momento de circulação. O marco temporal está compreendido entre os meses de agosto e novembro de 1874, essa demarcação justifica-se pela datação da coletânea de *O Porvir* identificada na Biblioteca Pública Epifânio Dórea referente a esse período. O estudo traz em seu debate a compreensão da constituição de um espaço estudantil que se configurou em um impresso organizado por alunos do Atheneu Sergipense, no século XIX. Adotei como fundamentos metodológicos, o diálogo com as fontes bibliográficas e documentais, tais como: Leis, Regulamentos, Relatórios, Atas e os números de edições do próprio jornal *O Porvir*. Dessa forma, o presente trabalho se insere no campo da História da Educação, na perspectiva da Nova História Cultural, utilizando-se de conceitos principais, como cultura escolar de Vinão Frago (1994) e Dominique Julia (2001), cultura material escolar de Felgueiras (2010) e associativismo de Alexis de Tocqueville (2004). Assim sendo, o estudo permitiu compreender um pouco mais sobre o universo discente, a predileção daquele grupo de estudantes do Atheneu Sergipense em 1874 por escritos banhados de ensinamentos morais, religiosos e educacionais, considerados por eles como o caminho para se chegar à “luz” e ao sucesso no por vir. Foi possível notar ainda um sentimento de patriotismo defendido em meio aos anúncios e poesias sobre as festividades históricas, incentivadas também pela escola, ou seja, um contributo de significativo valor para o entendimento da cultura escolar daquele momento.

Palavras-chave: Associativismo Estudantil. Atheneu Sergipense. Cultura Escolar. Jornal Estudantil. *O Porvir*.

ABSTRACT

This thesis has as its main object of study the student newspaper O Porvir, dated from 1874, belonging to the first student organization of Atheneu Sergipense, a secondary institution of education in Sergipe. The research focuses on analyzing the educational topics discussed in the newspaper by a group of students from Atheneu Sergipense, on the twelve editions that were located, from that time. The timeframe is between August and November of 1874, because of the dating of the selection of O Porvir identified at the Public Library Epifânio Dórea in this period. The study brings in its discussion the comprehension of the constitution as a student space which was compressed in a newspaper organized by the students from Atheneu Sergipense in the 19th century. It was adopted as methodological foundations the dialog between the bibliography and documentary references, such as Laws, Regulations, Reports, Records and the number of editions of the newspaper. Thus, this thesis presents itself in the field of History of Education on the New Cultural History approach, by using main concepts, such as school culture by Vinão Frago (1994) and Dominique Julia (2001), material school culture by Felgueiras (2010), and association by Alex de Tocquebile (2004). Therefore, the study allowed me to comprehend more about the student universe, the preference of that group of the school in 1874 through the writings, which were full of moral, religious, and educational teachings, considered by them as a way to achieve “light” and success. It was also possible to notice a respect defended among the ads and poetry about historical festivities, encouraged by the school, that is, a significant contribution of values for the understanding of the school culture of that time.

Key words: Student Associations. Atheneu Sergipense. School Culture. Cultural History. School Paper. O Porvir.

.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cabeçalho do Jornal <i>O Porvir</i> – 1874	18
Figura 2 – Cabeçalho do Jornal <i>O Porvir</i> – 1900	18
Figura 3 – Cabeçalho do Jornal <i>O Porvir</i> – 1932	18
Figura 4 – Manoel dos Passos de Oliveira Telles	57
Figura 5 – Balthazar de Araujo Goes	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Taxas Cobradas aos Discentes do Atheneu Sergipense (1870)	37
Quadro 2 – Escritores Associados em <i>O Porvir</i> – Agosto a Novembro (1874)	48
Quadro 3 – Jornais Brasileiros Circulantes de Nomenclatura <i>O Porvir</i> (1874 – 1903)	50
Quadro 4 – Redatores Responsáveis pelos Meses de Agosto, Setembro e Outubro (1874).....	53
Quadro 5 – Colaboradores de <i>O Porvir</i> – Dados Biográficos	55
Quadro 6 – Artigos Intitulados “O Porvir” (1874)	67
Quadro 7 – Artigos Intitulados “Literatura/ Parte Litterária” (1874)	68
Quadro 8 – Poesia, Poema e Canto (1874)	71
Quadro 9 – Artigos sobre Instrução Pública, Independência do Brasil e Emancipação Política de Sergipe (1874)	73
Quadro 10 - Artigos com e sem Títulos sobre Assuntos Variados (1874).....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ASPECTOS CULTURAIS E EDUCACIONAIS EM SERGIPE ANTECEDENTES A CRIAÇÃO DE <i>O PORVIR</i>	29
2.1	ENSINO SECUNDÁRIO EM SERGIPE E O ATHENEU SERGIPENSE.....	31
2.2	OS ALUNOS E O REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE 1870	34
2.3	REFLEXÕES SOBRE A IMPRENSA E A CIDADE DE ARACAJU EM 1874.....	37
3	PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR	41
3.1	ASSOCIATIVISMO DOS ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE, A CRIAÇÃO DO JORNAL <i>O PORVIR</i> E SUA NOMENCLATURA	43
3.2	MATERIALIDADE DO IMPRESSO E OS ALUNOS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO JORNALÍTICA	52
3.2.1	Manoel dos Passos e Balthazar Goes: de estudantes a diretores do Atheneu Sergipense	55
3.2.2	Eutychio Lins e Amancio Bezerra: de colaboradores a professores	60
4	“O ESTUDO, O LIVRO E O MESTRE”: TEMAS EDUCACIONAIS EM <i>O PORVIR</i>	63
4.1	UM ESPAÇO “LIVRE” PARA A PRODUÇÃO ESTUDANTIL: O JORNAL EM SEU CONTEÚDO	66
4.1.1	Penalidades e castigos no ato de ensinar? O que diz um dos redatores de <i>O Porvir</i> sobre a palmatória	77
4.1.2	Divergência de ideia entre alunos: Os embates sobre liberdade x obrigatoriedade de ensino	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	87
	ANEXOS	94

ANEXO A - Ilustração do Anúncio sobre a Inauguração do Telégrafo em 1 Aracaju.....	95
ANEXO B - Hino da Proclamação da República.....	96
ANEXO C – Ilustração do Brasão de Sergipe	97
ANEXO D - Exemplar Completo de <i>O Porvir</i> (1874).....	98
ANEXO E – Ilustração de Poesia em <i>O Porvir</i> (1874).....	102
ANEXO F- Ilustração do Artigo Completo sobre os Festejos do dia 24 de Outubro de 1874.....	103

1 INTRODUÇÃO

O PORVIR

A instrucção é a maior riqueza do homem na vida temporaria.
Elle deve, pois, esforçar-se para possuil-a em summo grau.
O homem que vem á luz tem de caminhar do berço á eternidade atravessando os escuros do sepulcro: precisa de uma guiadora mão, de um pharol que não se apague.
Essa mão, esse pharol é a instrucção, que gera a sabedoria.
É pela instrucção que o homem pode grangear uma posição, elevar-se acima de seus iguaes, merecer o tributo da admiração, conquistar a gloria por todos os seculos vindouros. [...]
A instrucção é tudo; sem ella o homem não passa da ordem das alimarias; não se engrandece na vida; não fulgura na sociedade; não pratica a virtude porque não a pode conhecer.
A vontade é dominada pela intelligencia.
A que abysmos não attirará ella a pobre humanidade sem a luz da instrucção? (MACHADO, 1874, p. 1).¹

¹ Em momentos de transcrição de documento, foi considerada a grafia original a fim de tratar o cenário investigado com maior fidelidade.

As palavras de Manuel Machado (1874)² escritas nas folhas do jornal estudantil *O Porvir* revelam sua defesa, na condição de estudante, à instrução como o caminho para o desenvolvimento do cidadão, o meio pelo qual os homens vencem a ignorância e se tornam virtuosos. Entre as páginas desse jornal, é possível vislumbrar textos escritos por alunos otimistas que viam na instrução a possibilidade de “elevar-se acima de seus iguaes”. Por isso, expressões, opiniões e luta por uma instrução que levasse o educando ao porvir, como o nome do jornal já sugere, configuravam o ideal dos alunos envolvidos na produção desse periódico.

O jornal *O Porvir* fora localizado no momento em que iniciei o primeiro contato com a pesquisa em História da Educação, ou seja, em meio aos encantamentos do desenvolvimento do Projeto de Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a orientação da professora Doutora Eva Maria Siqueira Alves, com o título de: “Uma História da Disciplina Pedagogia no Atheneu Sergipense (1870-1901)”, objetivando dessa maneira, identificar e analisar elementos pertinentes a essa disciplina.

A partir desse projeto, principiei a investigação para elaboração da minha monografia de conclusão de curso em Pedagogia Licenciatura, da Universidade Federal de Sergipe, tendo como propósito apresentar dados da ação do professor Ignácio de Souza Valladão, primeiro lente da cadeira de Pedagogia do Curso Normal do Atheneu Sergipense.

Os dados para ambos os estudos foram obtidos, em partes, por meio dos jornais da época, sendo um deles o jornal estudantil *O Porvir* do ano de 1874, contando com uma coletânea de 11 números de edições, iniciada a partir do número 2, e localizada dentre os acervos pesquisados, apenas na Biblioteca Pública Epifânio Dórea.³

O fato de esse jornal pertencer a uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense chamou a atenção e despertou-me interesse em pesquisá-lo, por configurar-se em um objeto rico a ser explorado possibilitando novos olhares à História da Educação a partir do universo do aluno. O jornal *O Porvir* configurou-se como parte da cultura escolar do Atheneu

² Um dos redatores de *O Porvir*. Nascido na vila de Propriá em 19 de abril de 1852 e falecido em Aracaju, no dia 22 de fevereiro de 1897, fez alguns preparatórios dos que constituíam o Curso Normal no Atheneu Sergipense (GUARANÁ, 1925, p. 381).

³ Acervos pesquisados: Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense; Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Arquivo Público do Estado de Sergipe e Biblioteca Pública Epifânio Dórea.

Sergipense, em que é possível visualizar, entre as páginas do periódico, as relações que existiam no ambiente escolar naquela determinada época.

Ao partir em busca de informações sobre o referido impresso, verifiquei no catálogo “Jornais, Revistas e outras Publicações Periódicas”, organizado por Armindo Guaraná (1908), que fez um levantamento de jornais circulantes em Sergipe entre os anos de 1832 a 1908, a indicação de que *O Porvir* tinha sua data inicial no ano de 1872, muito embora não houvesse encontrado indícios de tal informação, nos acervos físicos que pesquisei, a respeito dos exemplares desse ano de publicação. Armindo Guaraná (1908) o descreve da seguinte forma:

Pequeno jornal litterario, órgão de uma associação. 1872. O seu corpo redacional compunha-se de estudantes do Atheneu Sergipense, entre os quais figuravam Balthazar Goes, José Ricardo Cardoso, Eutycquio Lins, Silverio Martins Fontes, Manoel Alves Machado, Melchisedech Mathusalém Cardoso e Juvencio de Siqueira Montes (GUARANÁ, 1908, p. 778).

De acordo com as informações de Guaraná (1908), os discentes do Atheneu Sergipense trataram em fundar uma associação logo no segundo ano de início das atividades da instituição, ou seja, em 1872.

Entretanto, julguei significativas as buscas pela edição de número 1 do jornal datado de 1874, a fim de entender como se deu o reaparecimento, portanto, do impresso nesse período.⁴ Contudo, entre os acervos físicos que pesquisei não foi possível localizá-la. Por isso, busquei no site da Biblioteca Nacional, no menu hemeroteca digital, jornais com essa nomenclatura, identificando na pasta “O Porvir (SE)” exatamente a referida edição, única desse período disponível no site, sendo então possível evidenciar elementos sobre a criação do periódico em questão.

Em um dos textos desse primeiro número de edição, há um anúncio sobre a reunião convocada pelo aluno idealizador do impresso, José Ricardo Cardoso, aos seus colegas, propondo a criação de uma sociedade estudantil com o intuito de formular um jornal “litterario e recreativo” dos alunos daquele estabelecimento de ensino, precisamente, no ano de 1874. Lê-se:

A inauguração desta sociedade teve logar no dia 12 do passado mez na casa em que funciona a aula do Ilm. Snr. Professor Alexandre José Teixeira, que tão bondosamente no-la ofereceu (PUBLICAÇÃO..., 1874, p. 4).

Armindo Guaraná (1908) também cita *O Porvir* de 1874. Contudo, expressa apenas da seguinte forma: “Órgão de uma associação de estudantes – 1874. O primeiro número saiu

⁴ Vale ressaltar que no primeiro momento da investigação, contei com a coletânea de edições de 1874 a partir do número 2.

no princípio de agosto” (GUARANÁ, 1908, p. 779). Destarte, considere o dado em que a principal fonte desta pesquisa indica, ou seja, a organização do jornal *O Porvir* pelos alunos do Atheneu Sergipense em 1874.

Entretanto, os registros sobre jornais estudantis em Sergipe, datam inicialmente, no ano de 1872 com a indicação de *O Porvir* segundo Guaraná (1908), embora não configurasse como único impresso estudantil a circular no período. De acordo com Rodrigues (2015), na segunda metade do século XIX, mais três impressos organizados por estudantes circularam em terras sergipanas, sendo eles: *A Luz*, *A Luz do Século* e *Echo Juvenil*.

Esse foi um momento também de profusão de circulação de impressos, de modo geral, no Brasil. Segundo Machado (2007), “entre 1830 e 1890, verificou-se um crescimento no consumo de jornais” e esse fato devia-se ao período de mudanças que estavam ocorrendo no país, “tais mudanças levaram os jornais a se tornarem um hábito para um grande número de pessoas” (MACHADO, 2007, p. 36), inclusive entre os alunos, que viam na imprensa a possibilidade de divulgarem suas produções e opiniões entre seus pares.

Dando curso à pesquisa sobre elementos relevantes ao jornal estudantil *O Porvir*, percebi entre os acervos pesquisados, que essa nomenclatura do jornal apareceu em três momentos distintos em Sergipe, tratando-se de organizações diferentes. Embora, as informações nos cabeçalhos dos jornais de 1874 e 1932 indiquem que se trata de impressos organizados por estudantes do Atheneu Sergipense.⁵

Dessa forma, constatei na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, site da Biblioteca Nacional e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, três períodos de edições e organizações diferentes do impresso, sendo eles no ano de 1874, 1900 e 1932.

⁵ Vale ressaltar que em 1932 o Atheneu Sergipense é chamado Atheneu Pedro II. Ao longo dos anos a instituição passou por variadas denominações, tais como: “Atheneu Sergipense (1870), Lyceu Secundário de Sergipe (1881), Escola Normal de Dois Graus (1882), Atheneu Sergipense (1890), Atheneu Pedro II (1925), Atheneu Sergipense (1938), Colégio de Sergipe (1942), Colégio Estadual de Sergipe (1943), Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970), Colégio Estadual de Sergipe Atheneu Sergipense – Centro de Excelência (2003)” (ALVES, 2005, p. 6).

Figura 1 – Cabeçalho do jornal *O Porvir* – 1874



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital.

Figura 2 – Cabeçalho do jornal *O Porvir* - 1900



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Figura 3 – Cabeçalho do jornal *O Porvir* – 1932



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Não há uma sequência de numeração nos exemplares analisados dos três períodos. Ou seja, em cada momento, há no cabeçalho dos jornais a repetição da referência ao “Anno I”, dessa forma, todos começam nos distintos momentos pelo exemplar de número 1, 2, 3 e, assim, sucessivamente.

Desse modo, entende-se que se trata de disposições diferentes nos três momentos, sendo possível evidenciar, por meio das informações localizadas no cabeçalho do jornal, logo abaixo do seu nome, na primeira coletânea encontrada, “Jornal Litterario e Recreativo – propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense” (*O Porvir*, 1874). Já no segundo momento, lê-se “Jornal Litterario, Noticioso e Recreativo – propriedade de Costa & C.” (*O Porvir*, 1900), e na terceira coletânea, encontra-se “Órgão Semanal do Grêmio Litterario Pedro II” (*O Porvir*, 1932).

Assim, os primeiros números do jornal sergipano que tem como nomenclatura *O Porvir*, datam do ano de 1874, trata-se de uma organização estudantil e sua coletânea conta com doze número de edições; já a coleção de 1900, resulta em vinte e um números de edições, e configura-se como de propriedade privada. Por último, a compilação referente a 1932, contando com cinco números de edições e pertencente também a uma organização de estudantes do Atheneu Sergipense.

Por se tratar de publicações diferentes com momentos distintos na história do Brasil, busquei recorrer aos doze exemplares identificados do ano de 1874, com o principal objetivo de analisar os assuntos abordados por um grupo de estudantes do Atheneu Sergipense, com ênfase naqueles que tratavam da educação no século XIX, a fim de perceber o olhar estudantil sobre tal tema, dessa maneira, o jornal *O Porvir* foi considerado como principal fonte e objeto do estudo. Desse modo, o marco temporal da pesquisa está compreendido entre os meses de agosto e novembro de 1874 e essa demarcação justifica-se pela datação dos números de edições da primeira coletânea localizada.⁶

Com o propósito principal de analisar os assuntos educacionais abordados por estudantes no impresso, a relevância do estudo justifica-se por trazer em seu debate a compreensão da constituição de um espaço estudantil que se configurou em um impresso de caráter hebdomadário⁷ dos alunos do Atheneu Sergipense, denominado *O Porvir*. Assim,

⁶ Vale ressaltar que os números posteriores a esse período, 1900 e 1932, estão sendo incorporados em outras pesquisas já em desenvolvimento.

⁷ O termo hebdomadário é considerado relativo a semanal, jornal que se renova a cada semana.

possibilitou o crescimento cultural, político e intelectual daqueles jovens alunos, uma vez que era por este meio de comunicação que eles elaboravam seus exercícios de composição, a fim de treinarem para a circulação em outros periódicos daquele tempo. Dessa maneira houve um contributo à percepção da educação através do olhar discente.

Para tanto, o presente trabalho se insere no campo da História da Educação, na perspectiva da Nova História Cultural. Segundo Peter Burke (2005): “[...] o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar” (BURKE, 2005, p. 8). Tal expressão explica-se também pelo fato de que essa perspectiva histórica possibilita novas abordagens, olhares, objetos e métodos historiográficos de pesquisa.

Em consonância, Roger Chartier (1990) diz: “A história cultural, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). A partir dessa ideia, pude considerar o jornal estudantil *O Porvir* como uma prática cultural dos alunos do Atheneu Sergipense no século XIX.

Nesse sentido, dentre as possibilidades e limites da pesquisa, algumas categorias de análise foram pensadas a fim de discorrer ao longo do texto. Uma delas alude para o entendimento do impresso estudantil como parte da cultura escolar. Esse conceito, segundo Vinão Frago (1994),

[...] deve ser entendido como um conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos - história cotidiana do fazer escolar -objetos materiais - função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento [...], e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas (FRAGO, 1994, p. 5).

Percebe-se, então, que o jornal estudantil constitui parte desse conjunto de práticas que permite a transmissão de algum conhecimento, de uma determinada época. Nesse sentido, um contributo ao estudo da cultura escolar que assume, por sua vez, um caráter de objeto histórico no âmbito da História da Educação.

Analisando o que declara Dominique Julia (2001) sobre a cultura escolar como objeto histórico, há de se considerar, dentre outros fatores, que este estudo compreende as normas e finalidades da escola, avaliação do papel do professor e o interesse pelas análises de conteúdos e práticas escolares. Logo, evidencia-se que, a partir dessas práticas e perspectivas se inserem também estudos e pesquisas sobre jornais estudantis e que, por meio deles, se torna

viável observar o olhar do aluno, como ele descreve seu cotidiano, os seus professores e disciplinas, as questões educacionais, o entorno da escola, dentre outros elementos pertinentes à cultura escolar. Conforme Amaral (2002), com esse tipo de pesquisa,

[...] tem-se a possibilidade de se trazer uma voz pouco escutada pelos pesquisadores, produzindo-se uma nova roupagem ao "velho objeto" que é a Escola. É o ator estudante que se manifesta. Que registra, que inscreve a sua manifestação através dos impressos, que passam a ser novas fontes e/ou objetos a darem visibilidade à produção estudantil (AMARAL, 2002, p. 120).

Assim, ao tomar o jornal estudantil em sua materialidade, visto como um objeto que faz parte do ambiente educacional, buscando considerá-lo como cultura material escolar de uma instituição e, para isso, é preciso segundo Felgueiras (2010):

Olhar ‘esses’ objetos como resultados de ações, que incorporam interesses, objetivos e tradições de quem os produz e de quem deles se apropria. E isso aplica-se, quer a um edifício escolar quer a um manual, um caderno de exercícios, uma lousa, um mapa, uma carteira. Estamos perante uma dupla significação: a de quem produziu os objetos, para quê, em que condições e de quem deles se apropria, para que fim, com que interesse e como se articularam objetos com origens e intencionalidades diferentes num mesmo projeto escolar, local e pessoal (FELGUEIRAS, 2010, p. 28).

Torna-se, então, possível, através do entendimento do conceito de cultura material escolar, perceber que o objeto que se constitui o jornal estudantil pode revelar como os agentes envolvidos em tal prática construíram tradições de ensino, ou seja, “a cultura material escolar revela uma civilização que cria a escola e ao mesmo tempo a sociedade que é criada pela escola” (FELGUEIRAS, 2010, p. 31).

Ao se trabalhar com impressos estudantis, torna-se essencial, compreender o conceito de representação, que será aqui considerado através do pensamento de Chartier (2002), que o avalia como: “o instrumento de um conhecimento imediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é (CHARTIER, 2002, p. 74). Ou seja, através das análises aos números de edições do jornal é possível perceber as representações dos jovens alunos do Atheneu Sergipense do século XIX.

Contudo, Chartier (1990) chama a atenção para o fato de que, essas representações “supõe-nas como estando sempre colocada num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. ” (CHARTIER, 1990, p.17). Sendo assim, tornam-se compreensivos “os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e os seus domínios” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Outra categoria de análise foi pensada através dos dados obtidos no cabeçalho do jornal, bem como nos trabalhos de Armindo Guaraná (1908) e Rodrigues (2015), assim ela alude ao entendimento da criação de *O Porvir* por meio de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense. Dessa forma, torna-se viável considerar o conceito de associação visto a partir do teórico Aléxis de Tocqueville (2005), que, em sua obra “A democracia na América – Leis e Costumes”, pretende, em um dos tópicos, defender a ideia de que os americanos tinham o costume de se associar para combater o individualismo e o isolamento social. Assim afirma:

Uma associação consiste apenas na adesão pública que certo número de indivíduos dá a determinadas doutrinas e no compromisso que contraem de contribuir de uma certa maneira para fazê-las prevalecer. [...] Quando uma opinião é representada por uma associação, é obrigada a tomar uma decisão mais nítida e precisa. Ela conta seus partidários e os compromete com sua causa. Estes aprendem a se conhecer uns aos outros, e seu ardor cresce com seu número. A associação reúne em feixe os esforços de espíritos divergentes e impele-os com vigor a um só objetivo claramente indicado por ela (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220).

Considerando, então, uma associação como um grupo de indivíduos que possui um mesmo ideal, é possível que os alunos que faziam parte da associação que deu origem ao jornal estudantil *O Porvir*, precisassem de um espaço para discutir suas ideias e opiniões, pois isso configurava parte integrante do treinamento a que se submetiam. Segundo os estudos de Rodrigues (2013b) sobre as associações do Atheneu Sergipense do século XIX, os alunos daquela instituição “[...] fundaram associações estudantis cujo objetivo era desenvolver o espírito de colaboração para a produção de um jornal que veiculasse suas concepções políticas, sociais e culturais” (RODRIGUES, 2013b, p. 3).

A partir desse dado, constata-se a ideia defendida pelo teórico Aléxis de Tocqueville (2004) na obra intitulada “A democracia na América - Sentimentos e Opiniões” quando explica a relação direta entre as associações e os jornais. Ele diz que há um sentimento e um propósito em comum entre os que compõem uma associação, sendo expressos nos jornais. Deste modo: “O jornal representa a associação; pode-se dizer que ele fala a cada um de seus leitores em nome de todos os outros e os conduz com tanto maior facilidade quanto mais são fracos individualmente” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 140). Ou seja, em forma de associação e com os ideais expostos em um veículo de informação como o impresso estudantil, os alunos do Atheneu Sergipense buscavam suas representações, divulgando suas discussões e ideias, a fim de buscar notoriedade entre seus iguais.

Sendo assim, o jornal estudantil será considerado, conforme Catani e Bastos (1997), como: “um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar

o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar" (CATANI; BASTOS, 1997, p. 5).

Nesse caso, a imprensa mostra-se ampla na compreensão do campo educativo de uma determinada época. Contudo, quando se trata de trabalhar com temas educativos através de periódicos, vale considerar o que diz Nóvoa (1997) sobre a imprensa:

Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades. As suas páginas revelam, quase sempre “a quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época (NÓVOA, 1997, p. 31).

Visto como fonte histórica, o impresso estudantil passa a ganhar novo espaço em pesquisas no campo da História da Educação, corroborando, dessa forma, com a ideia de Burke (1997) sobre a perspectiva historiográfica cultural:

Abre-se, em consequência, um leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitem ao historiador ampliar sua visão do homem (BURKE, 1997, p.7).

Por meio dessas considerações sobre impresso estudantil, bem como as categorias de análise já expostas, questões sobre o objeto *O Porvir* vieram à tona, tais como: Como era na época a conjuntura dos alunos que criaram *O Porvir*? E sua criação, como se deu? Qual sua materialidade? Quem eram os alunos envolvidos nas produções e como as disciplinas e professores estavam ligados a esta prática? Quais temas eram abordados pelos estudantes no impresso? Os assuntos relacionados à educação tratavam de que especificamente? Quais questões sobre divergência de opiniões entre alunos foram ressaltadas no impresso?

Essas inquietações, somadas às leituras no âmbito da História da Educação, tornaram possível uma hipótese ser levantada antes mesmo do início da investigação. Assim, ela alude para o fato de que *O Porvir* tratava-se de uma prática estudantil, em que os alunos viam a possibilidade de expor suas ideias entre seus iguais, professores e diretores do Atheneu Sergipense, ou seja, um meio de estratégia dos alunos para expor opiniões, pensamentos e discussões que defendiam no momento.

Desse modo, são objetivos do presente trabalho: verificar a conjuntura local do aluno organizador de *O Porvir* destacando pontos que antecedem sua criação; examinar como se deu o surgimento do periódico; analisar sua materialidade; apresentar quem eram os alunos que elaboravam os textos, quais profissões seguiram depois do Ensino Secundário, bem como

os professores e disciplinas que estavam ligados a essa prática; identificar e analisar temas abordados no impresso, a fim de proporcionar uma visão acerca dos escritos estudantis que circulavam nesse periódico no ano de 1874; destacar os escritos relacionados ao debate educacional vistos em *O Porvir*; averiguar quais questões foram motivos de divergência de opinião entre alunos.

Esse trabalho, assim como qualquer outro que utiliza fontes documentais, ordena ao pesquisador cuidado e precaução em seus julgamentos. A esse respeito, vale considerar o que dizem Lopes e Galvão (2001):

cabe-nos a sensibilidade, a disposição e a disponibilidade para, comparando, analisando, interpretando, descobrir os quês e os porquês de outras épocas, de outros lugares, que, a um só tempo, parecem tão próximos e tão distantes daquilo com que lidamos a cada dia (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 16).

Sinalizando ainda esse cuidado com as fontes, Barcellar (2006) afirma: “Documentos do passado não foram elaborados para o historiador, mas sim para entender as necessidades específicas do momento” (BARCELLAR, 2006, p. 69). Assim, é preciso ter cautela no que diz respeito à interpretação do que está escrito, a fim de evitar algum tipo de incoerência ou inadequação. Desse modo, o impresso estudantil *O Porvir*, além de assumir o papel de fonte, desempenha igualmente o papel de objeto da pesquisa.

A partir dessas categorias de análise, tornou-se necessário buscar referências em outros trabalhos que versam sobre a temática. Desta forma, a metodologia do presente estudo pauta-se no diálogo com as fontes bibliográficas e documentais, tais como: Leis, Regulamentos, Relatórios, Atas e os números de edições do próprio jornal *O Porvir*.

Para tanto, parti em busca, inicialmente, de uma bibliografia que girasse em torno do tema jornal estudantil, com destaque no sujeito aluno, impressos produzidos por eles e trabalhos que versassem sobre cultura escolar. Dessa forma, busquei inicialmente estudos nos bancos de monografias da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe e banco de teses e dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS (PPGED). Ficou evidente então uma carência de pesquisas sobre os jornais estudantis em terras sergipanas.

A princípio, foram localizados na Biblioteca Central da UFS dois trabalhos monográficos que versam diretamente sobre a imprensa estudantil em Sergipe. O primeiro, de autoria de Pedro da Mota Carvalho Neto (2004), trata de um levantamento de jornais estudantis publicados em Sergipe nos anos de 1874 a 2003. Carvalho Neto (2004) não faz análises aprofundadas dos impressos neste trabalho, mas apenas sinaliza, por meio de catalogação, a

quantidade de jornais que circulou no período estudado. O trabalho sugere boa quantidade de objetos de estudo a quem se dispõe enveredar sob esse caminho.

A outra pesquisa é a de Luana Rocha Andrade (2007), que discute a imprensa estudantil feminina em Sergipe. Ela discute a carência desse tipo de estudo em terras sergipanas e, em seguida, destaca três jornais estudantis femininos para levantar considerações: *A Semente*, do Colégio Nossa Senhora das Graças; *Escola Normal*, do Instituto de Educação Rui Barbosa e *Juventude*, do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, contudo não é possível encontrar discussões com profundidade de análises aos impressos; constitui-se um trabalho mais descritivo que analítico.

Ao analisar as pesquisas realizadas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe/PPGED, identifiquei apenas um trabalho que versa diretamente sobre jornal estudantil sergipano. Trata-se da dissertação de Mestrado de Valdevânia Freitas dos Santos Vidal (2009), intitulada “*O Necydaalus*: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909 – 1911)”. Nesse trabalho a discussão gira em torno dos assuntos abordados no periódico com relação à educação, fornecendo considerações valiosas acerca do trabalho com jornais estudantis, bem como algumas referências bibliográficas fundamentais ao tema. Cabe destacar que esse trabalho utiliza o jornal estudantil como fonte e objeto de pesquisa durante toda a análise dissertativa.

Ainda sobre o levantamento realizado no PPGED, foi possível localizar o trabalho de Geane Côrrea dos Santos (2009) que discute assuntos que eram abordados no jornal “*Gazeta Socialista* (1948-1958)” com relação à educação. Entretanto, esse impresso não trata especificamente de jornal estudantil, embora há de se destacar contribuições significativas com relação ao trabalho de análises a assuntos educacionais localizados no objeto estudado. Mais dois trabalhos referem-se à imprensa em Sergipe: um pesquisa sobre a “*Revista litterária de Maroim* (1890-1891)”, da autora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, e outro sobre a imprensa católica, de autoria de Ana Luzia Santos. Embora não estejam voltados a perspectivas de jornais estudantis, ele dão subsídios para a construção da história dos impressos em Sergipe.

O trabalho de tese de Doutorado de Simone Paixão Rodrigues (2015), que tem como objeto de estudo “O Associativismo Discente do Grêmio Literário Clodomir Silva” no período de 1934 – 1956, pertencente à instituição de ensino Atheneu Sergipense, também se mostra relevante ao entendimento da produção estudantil como fonte principal de pesquisa. A autora traz contribuições significativas com relação à imprensa estudantil sergipana, desde a segunda

metade do século XIX à primeira metade do século XX. O estudo adentra no cotidiano estudantil dos alunos do Atheneu Sergipense a partir da investigação sobre o grêmio literário, e toma como uma das principais fontes os jornais estudantis pertencentes à agremiação dos alunos daquela instituição. A análise apreendida neste estudo mostra-se relevante à compreensão da construção da cultura escolar daquela instituição.

Diante desse restrito levantamento apenas aos trabalhos produzidos pela Universidade Federal de Sergipe, fez-se necessário destacar outras pesquisas através do banco de dados da CAPES, versando sobre a temática e que ajudaram na compreensão desse tipo de estudo. Nesse caso, cabe destacar o artigo intitulado “Os jornais estudantis: Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930 a 1960)”, produzido pela autora Giana Lange do Amaral (2013), que é resultado de sua tese de Doutorado, intitulada “Gatos Pelados x Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960)”, que empreende um projeto na cidade de Pelotas/ RS, sobre dois jornais estudantis do Ensino Secundário. A partir desse trabalho, é possível perceber a diferença ideológica educacional entre as duas instituições a que pertenciam os jornais analisados.

Outro trabalho que cabe ressaltar é a tese de Doutorado de Maria Cecília de Medeiros Abras (2010), que tem como fonte de estudo central o jornal estudantil *Stella Maris* no período de 1938 a 1945. A pesquisadora se propõe a compreender a formação de professores primários em Minas Gerais por meio do periódico estudantil. É possível com esse trabalho verificar as análises feitas por meio dos artigos do jornal, a fim de perceber como eram os trâmites que envolviam a formação desses jovens professores.

As pesquisadoras Maria Helena Câmara Bastos e Tatiane de Freitas Ermel, em seu artigo intitulado “O jornal A Voz da Escola: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS - 1934/1940)”, discutem a presença de um jornal em uma escola de Ensino Primário, abordando a escrita dos alunos “como prática de formação pessoal, cívica e religiosa, de aprendizagem da moral ou da civilidade” (BASTOS; ERMEL, 2013, p.143). Esses exemplares analisados são tomados como fontes privilegiadas para se pensar o cotidiano de uma Escola Primária na década de 1930.

Cabe destacar também a obra “Coisas Velhas”, de Marilena A. Jorge Guedes de Camargo (2000). A partir dessa leitura, é possível entender a configuração da cultura escolar no Instituto Joaquim Ribeiro, localizado na cidade de Rio Claro/SP. A autora toma como

objetivo resgatar as práticas que conferiram o perfil institucional do Instituto nas décadas de 1930 a 1950, abordando também a cultura escolar que configurou na instituição e nela se constituiu. Camargo (2000) fala, dentre outros assuntos, sobre quatro jornais estudantis provenientes dos alunos do Joaquim Ribeiro, a saber: *O Ribeirense*; *A Tesoura*; *A Mocidade* e *O Normalista*. Desse modo, com essa pesquisa, é possível conceber como se deu o trabalho com esse tipo de fonte.⁸

A partir desse levantamento bibliográfico, foi possível notar a contribuição de cada pesquisa para o desenvolvimento do presente estudo. Dessa forma, almeja-se contribuir com mais um trabalho na área da História da Educação em Sergipe, designadamente relacionada à imprensa estudantil sergipana, bem como um estudo estritamente ligado à temática da cultura escolar, quando foram analisados os artigos e matérias que circularam em *O Porvir*, propiciando contribuição para o aprofundamento das práticas educacionais e institucionais no século XIX por um grupo de estudantes do Atheneu Sergipense, ou seja, um estudo com uma nova roupagem, o olhar discente.

Tratando-se de uma pesquisa no âmbito educacional, leva-se em consideração o que diz Sobral (2011):

[...] podemos perceber que a pesquisa em Educação exige rigor e cuidado na sistematização e análise dos dados, quaisquer que sejam o enfoque, os procedimentos e os instrumentos empregados. [...] O texto dá “chão e teto” ao campo epistemológico no qual nos movemos. Talvez tomando como norte certo relativismo científico, acreditamos com os construtivistas que o fazer ciência é sempre uma possibilidade de conhecimento, sob um olhar do pesquisador que navega em mar aberto sempre com uma bússola que aponta a direção, mas desconhece o ponto de chegada. Neste navegar, pode-se (re)encontrar com o conhecido, desvelar o desconhecido ou ainda se dar conta da parcialidade dos seus achados (SOBRAL, 2011,p.18-19).

Desta maneira, apreendem-se tais ensinamentos sobre o campo educacional, a fim de conduzir a pesquisa de forma criteriosa e estratégica sendo coerente nas análises e interpretações produzidas.

O presente estudo, portanto, está estruturado com introdução e mais três seções seguidas de considerações finais, bibliografia e anexos. Assim, a primeira seção trata do texto introdutório, onde é apresentado o objeto de pesquisa, com indagações feitas a seu respeito,

⁸ Trabalhos como artigos em revistas e anais de congressos também foram relevantes para pensar o jornal estudantil como fonte e objeto de pesquisa, bem como as contribuições para o cenário educacional e o cotidiano escolar. Assim, destacam-se os trabalhos de Sá e Linhares (2009), Toledo e Junior (2012), entre outros.

objetivos, marco temporal, justificativa, alguns conceitos que serão trabalhados, um pequeno levantamento de obras que se mostraram pertinentes ao entendimento das questões que foram levantadas, metodologia e considerações a respeito do trabalho historiográfico.

Na segunda, são apresentados alguns pontos que antecedem a criação de *O Porvir*, considerados pertinente para situar o objeto de estudo mais à frente explorado. A seção elenca elementos sobre o Ensino Secundário em Sergipe e a criação da instituição na qual se originou o impresso estudantil analisado, o Atheneu Sergipense. Também são destacados aspectos que envolviam os alunos através do Regulamento da Instrução Pública de 1870, documento que estabelecia direitos e deveres que os estudantes daquela “Casa de Educação” possuíam. Logo em seguida, são levantadas considerações a respeito da imprensa e a cidade de Aracaju em 1874.

Já na terceira seção, são abordados pontos cruciais sobre o objeto de pesquisa, analisando como se deu o associativismo dos estudantes do Atheneu Sergipense com o objetivo de se criar o jornal *O Porvir* e como, possivelmente, se deu essa nomenclatura. Outro ponto contemplado na seção são as reflexões a respeito da materialidade do impresso, bem como quem foram seus colaboradores nesse momento de circulação.

Por fim, são apresentados na quarta seção os assuntos que foram publicados nos doze números de edições de *O Porvir* referentes à coletânea de 1874. São destacados escritos considerados relevantes por meio dos quadros de resumos dos artigos formulados a partir dos seus títulos ou temas. A discussão procura girar em torno dos assuntos educacionais que circulavam em *O Porvir* nesse período, buscando corroborar a visão desses alunos referentes à educação, bem como evidenciar o jornal como um mecanismo de desenvolvimento e espaço para a defesa de ideais e representações do grupo estudantil.

2 ASPECTOS CULTURAIS E EDUCACIONAIS EM SERGIPE ANTECEDENTES A CRIAÇÃO DE *O PORVIR*

A partir de 1870, a vida cultural sergipana se manifestou ativa, principalmente na Imprensa, através dos diversos jornais que circularam (NUNES, 1984, p. 119).

Para se entender a conjuntura local em que se deu a criação do jornal estudantil *O Porvir* julguei necessário levantar pontos sobre o entorno do impresso, ressaltando breves reflexões a respeito do Ensino Secundário em Sergipe, da criação do Atheneu Sergipense, bem como o que dizia o Regulamento da Instrução Pública de 1870⁹ sobre direitos e deveres do aluno. A fim de situar o objeto, a presente seção também aborda reflexões sobre a imprensa e elementos sobre a cidade de Aracaju daquele momento. Para tanto, tornou-se necessária a leitura de autores que tratam do assunto, tais como: Lima (1995), Alves (2005), Santos (2013), Nunes (1984), Haidar (2008), Martins (2012) assim também como documentos históricos, sendo eles: os Relatórios Presidenciais de 1874 e 1875, o Regulamento da Instrução Pública de 1870 e as Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1871 – 1916).

Poucos anos antes da criação do jornal estudantil *O Porvir*, Sergipe passava por momentos de profusão de ideais educacionais. Um dos pontos que marcam essa fase na Província sergipana é a criação do Regulamento da Instrução Pública de 1870, que, dentre suas especificidades, regulamentava a criação de uma instituição que ofereceria o Ensino Secundário na capital Aracaju em formato de aulas seriadas, sendo nomeada Atheneu Sergipense. Segundo Nunes (1984), essa iniciativa de melhoria do ensino na Província era reflexo do que ocorria no Brasil naquele momento, quando se discutiam no “Parlamento, nos Relatórios dos Ministros, nas Falas do Trono e na Imprensa” (NUNES, 1984, p. 109) denúncias de aspectos negativos sobre a educação.

Assim, variados foram os planos, Decretos, Regulamentos e reformas do Ensino Secundário no Brasil desse período.¹⁰ Cabe ressaltar que a maioria dos alunos estava preocupada mesmo com o acesso às faculdades do Império. São então, valorizadas as disciplinas que os preparavam para o ingresso nessas instituições de ensino, sendo elas: Aritmética, Geometria e Gramática, fato também que explica as inúmeras insatisfações de intelectuais do período. Haidar (2008), assim afirma:

O ensino secundário em todo país, reduzido em geral às disciplinas exigidas para o ingresso nos cursos superiores, mantinha ainda o caráter predominantemente humanístico e literário dos primeiros tempos do Império (HAIDAR, 2008, p. 66).

Apesar de os estudantes do Atheneu Sergipense, em sua maior parte, procurarem pelas disciplinas exigidas nos exames de habilitação nas faculdades do Império, levando, conseqüentemente, a instituição a funcionar na base de aulas isoladas, o fato não se configurou

⁹ Esse Regulamento continuava vigente no ano de 1874.

¹⁰ Cf. “O Ensino Secundário no Brasil Império”, Haidar (2008).

impedimento a um grupo de alunos se associarem a fim de erguer um impresso predominantemente estudantil denominado *O Porvir*, onde se veiculavam valores além dos ensinados na escola. O estudante Silvério Fontes pondera sobre algo semelhante:

Justo é que juntemos aos progressos das escolas os progressos de nosso esforço individual, aos progressos da theoria os da pratica, ao brilho das licções o brilho das composições literárias. De que nos servirá cursar as aulas de grammatica, philosophia, e rethorica, se não pozermos em actividade, em exercício, em luta nossas faculdades desenvolvidas, nossos conhecimentos adquiridos? O que fizestes consocios e colegas foi de aumento e de civilização: talvez que andásseis assim mais de meio caminho para chegades á essa perfeição dos antigos engenhos (FONTES, 1874b, p. 2).

A imprensa no Brasil, naquele momento caracterizava-se como instrumento disseminador de notícias. Era nos jornais que circulavam assuntos dos mais variados, vistos também como “vitrine” de pensamentos e ideologias defendidas por escritores estudiosos. Com relação a Sergipe, Lima (1995) diz que, “não se pode negar ter a vida cultural sergipana se desenvolvido mais rapidamente a partir do jornalismo local, com a presença se não de filósofos ou pensadores mas de poetas e prosadores representativos” (LIMA, 1995, p. 23). É nesse clima que *O Porvir* do ano de 1874 apareceu em meio à efervescência de ideologias políticas, sociais e culturais.

2.1 ENSINO SECUNDÁRIO EM SERGIPE E O ATEHNEU SERGIPENSE

Em Sergipe, o Ensino Secundário viveu suas iniciativas de organização na primeira metade do Século XIX. De acordo com Lima (1995), as primeiras tentativas de implantação das chamadas cadeiras isoladas, preparatórias ou de nível Secundário, datam especificamente da década de 1820:

O Deputado Geral Vicente José de Mascarenhas, Procurador de Sergipe del-Rei, em representação ao Imperador D. Pedro I, de 2 de abril de 1823, entre outras reivindicações, lembra “a necessidade que tem a província das cadeiras de Filosofia, e Geometria. Dois anos mais tarde, o então Presidente Manoel Clemente Cavalcanti de Albuquerque, em ofício de 29 de maio (1825) ao Ministro e Secretário de Estado do Império, evidencia “ser de absoluta necessidade estabelecer-se nesta Cidade, Capital da Província, Cadeiras públicas de Retórica, de Lógica, de Geometria, além de indicar o Convento dos Franciscanos como local adequado para servir de “Ginásio Geral” (LIMA, 1995, p 24).

Apesar das manifestações de necessidade das cadeiras de nível Secundário na capital da Província, elas não foram instauradas nesse período. Lima (1995) diz que um segundo ofício foi dirigido ao Imperador em 1825, reiterando o pedido do estabelecimento das cadeiras

de Retórica e Poética, Filosofia Racional e Moral, Aritmética e Geometria. Contudo, não sendo atendidas as reivindicações, a capital da Província então sob a presidência de José Vicente da Fonseca, emitiu ofício, após três anos (1828), pleiteando novamente a criação das cadeiras de Lógica e Retórica. De acordo com Lima (1995):

A despeito de todo esforço continuado de vários governantes províncias, não logramos ter cadeiras preparatórias ou de aulas maiores antes de 1830, além da de Gramática Latina, cuja primeira cadeira foi implantada em fins do século XVIII (1787) (LIMA, 1995, p. 25).

Em consonância, Santos (2013) expõe que a oferta de cadeiras isoladas em Sergipe foi constante durante esse período, como também tentativas de as reunir em um só espaço, estabelecendo uma instituição de ensino, embora sem êxito. O autor aborda que a reunião dessas cadeiras aconteceu de forma efêmera, contudo efetiva, como foi o caso do Liceu de São Cristóvão, criado em 1833 com a reunião das cadeiras de Latim, Francês, Geometria, Filosofia e Retórica, permanecendo por dois anos.

Já entre o período de 1835 a 1847, cadeiras foram criadas em algumas vilas da Província sergipana, sendo novamente efetivo em 1847, “o segundo Liceu de São Cristóvão”, permanecendo ainda com atrasos até o ano da mudança da capital para Aracaju, 1855. Dentre as cadeiras agregadas nesse período, estavam a de “Francês, Filosofia, Geometria, Retórica, Inglês, Geografia e História” (SANTOS, 2013, p. 56).

Com a mudança da capital, da cidade de São Cristóvão para Aracaju em 17 de março de 1855, o Presidente Joaquim Barbosa viu oportunidade de, “pela Resolução nº 422, de 28 de abril desse ano, extinguir o Liceu decadente” (NUNES, 1984, p. 80). Assim, o Liceu de São Cristóvão fora extinto em 1855.

Outras tentativas de organização dos estudos Secundários na nova capital foram realizadas, porém sem sucesso a princípio, como foi o caso do Liceu Sergipense em 1862, que tinha como proposta ofertar aulas de Latim, Francês, Inglês e Aritmética. Segundo Alves (2005) o ambicioso Plano de Estudos propunha também aulas de outras disciplinas:

Italiano, Filosofia, Gramática Filosófica, Retórica, História e Geografia, Álgebra, Geometria e Trigonometria, Partidas Dobradas e Aritmética Comercial, Noções Gerais de Botânica e Agricultura, Noções Gerais de Química, Noções Gerais de Física, Direito Mercantil, Desenho, Moral e Instrução Religiosa (ALVES, 2005, p. 40).

A iniciativa, contudo, não obteve sucesso. Até que após 15 anos da mudança da capital da Província de Sergipe para Aracaju, em 24 de outubro de 1870, por meio do Regulamento Orgânico da Instrução Pública, é autorizada a criação do Atheneu Sergipense, idealizado por Manuel Luiz Azevedo D'Araujo¹¹, Diretor Geral da Instrução Pública de Sergipe naquele momento.

A primeira congregação de professores do Atheneu Sergipense fora composta, segundo Lima (1995), por uma parcela significativa de intelectuais sergipanos. Assim, os primeiros lentes a lecionarem na instituição foram: Thomaz Diogo Leopoldo, Antonio Diniz Barreto, Germiniano Paes de Azevedo, Justiniano de Melo e Silva, Tito Souto Augusto de Andrade, Raphael Archanjo de Moura Mattos, Sancho Barros Pimentel e Ignácio de Souza Valadão¹². Nomes já conhecidos como elite letrada de Sergipe.

A instituição ofereceria dois cursos: o de Humanidades com duração de 4 anos, que objetivava preparar o aluno para ingressar no ensino superior em outras Províncias e o Normal, com duração de 2 anos, que tinha como objetivo capacitar os professores para o magistério, como também para a obtenção do título de normalista. Esses cursos funcionaram no prédio do Atheneu Sergipense até o ano de 1877, quando o Normal foi separado para se criar em outro espaço, uma Escola Normal somente feminina. Segundo Alves (2005), apesar de as aulas funcionarem em prédios separados, os dois cursos estavam interligados a uma só instituição de Ensino Secundário, o Atheneu Sergipense. Assim, no ano de 1881 foi criada a Escola Normal para ambos os sexos, sendo que a feminina funcionaria no Asilo Nossa Senhora da Pureza e a masculina no prédio do Atheneu Sergipense, prosseguindo estável até 1897, quando foi declarada extinta.

No ano de 1899, durante o governo de Olímpio de Souza Campos, a Escola Normal foi restaurada, organizou suas cadeiras e horários, como também o tempo de duração das aulas. Assim, a partir do ano de 1901, esta instituição seguiu sem instabilidades com direção própria, passando a ser conhecida, ao longo dos últimos anos, por Instituto Educacional Rui Barbosa (IERB).

Nas palavras de Alves (2005), “O Atheneu Sergipense foi construído dia a dia, pedra a pedra, dentro da paisagem cultural e humana de Aracaju, por professores, diretores

¹¹“Homem talentoso, conhecedor das teorias educacionais mais avançadas da época como as de Pestalozzi, Basedow, Natigel, entre outros” (NUNES, 1984, p. 111).

¹² Dados biográficos sobre Ignácio de Souza Valadão foram trabalhados em minha monografia de conclusão de curso. A investigação aborda características profissionais desse precursor da cadeira de Pedagogia do Curso Normal do Atheneu Sergipense, compreendendo um período que vai do seu ingresso (1870) ao final da atuação profissional na instituição (1884).

alunos, corpo administrativo, por todos aqueles que sentiam orgulho e vaidade por pertencer à sua plêiade” (ALVES, 2005, p. 65). Ao longo de sua história, a instituição configurou-se em memória educacional de Sergipe, angariando também nomes da intelectualidade sergipana.

Dessa forma, o Atheneu Sergipense passou a ser visto como espaço de busca pelo poder de notoriedade em sociedade. Os professores que lecionavam nessa “Casa de Educação Literária” eram vistos como prestigiados, pois ensinar em tal instituição significava motivo de orgulho para a sociedade da época, uma vez que, por este meio e equipe de professores, muitos cidadãos tinham a possibilidade de se tornar notáveis diante de seus iguais, bem como se capacitar para o ingresso no ensino superior, ofertados em outras Províncias do Brasil como Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, entre outras¹³.

2.2 OS ALUNOS E O REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE 1870

Ante a configuração que se deu o Atheneu Sergipense em Aracaju, fica claro que se tornar estudante daquela instituição na época era também motivo de orgulho. Ao dar início às atividades, o estabelecimento de ensino contou primeiramente com 117 alunos matriculados no Curso de Humanidades e apenas 4 no Curso Normal.¹⁴

Destarte, a instituição abriu suas portas para receber os primeiros alunos em 3 de fevereiro de 1871. O dia teve uma programação elaborada pela congregação da instituição, com missa votiva, presença de autoridades e discurso proferido pelo professor da casa, Germiniano Paes de Azevedo¹⁵ (ATA DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE, 3 de fevereiro de 1871)¹⁶.

Os alunos do Atheneu Sergipense, apesar de frequentarem as aulas de maneira isolada, possuíam obrigações a cumprir, bem como direitos assistidos pelo Regulamento da Instrução Pública de 1870. Pode-se perceber nesse documento, por exemplo, que os estudantes do Curso Normal poderiam ser providos nas cadeiras do Ensino Primário que vagassem, desde que fossem bons alunos durante seu curso, julgados pelos bons comportamentos e boas notas. Contudo, precisariam não ter concorrentes no mesmo momento. Caso tivessem colegas a

¹³ Ver mais sobre o Atheneu Sergipense na tese de doutorado de Eva Maria Siqueira Alves, intitulada: “O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os planos de estudos (1870–1908)”.

¹⁴ Essa desproporção no número de matriculados explica-se também, como já visto, pelo fato de que o curso de Humanidades atendia maior parte das disciplinas exigidas nos exames de habilitação para as faculdades do Império.

¹⁵ Filho de Manoel Pais de Azevedo e Josefa Narcisa Gomes de Azevedo, nasceu em São Cristóvão em 17 de março de 1837 e faleceu na cidade de Aracaju, em 23 de março de 1915 (GUARANÁ, 1925, p. 195).

¹⁶ Ref. (CEMAS) 481FASS01

disputar a mesma vaga, eram dispensados apenas do exame de habilitação, mas participariam normalmente do concurso (Artigo 31 do REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1870, p. 4-5).

No mesmo Regulamento, em seu Artigo 33, é possível perceber que ficava lícito também ao aluno do Curso Normal que fosse provido no cargo de professor receber o título de vitaliciedade independente do tirocínio de 5 anos que era estabelecido no Artigo 109 do documento.

Já os alunos do Curso de Humanidades poderiam, de acordo com seu histórico escolar, ser habilitados a um emprego público provincial, desde que leis especiais anteriores não exigissem especificidades na profissão e que não houvessem concorrentes no momento. Seriam liberados dos exames caso as matérias cursadas fossem a base do emprego, caso não fossem, os exames se faziam necessários (Artigo 32 do REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1870, p.5).

Os alunos do Atheneu Sergipense também ficavam sob pena de perderem o ano, caso tivessem 40 faltas ainda que de forma justificadas e 10 não justificadas. Essas faltas dos alunos configuravam ponto de pauta dos mais discutidos nas reuniões da congregação de professores da instituição. A esse respeito Alves (2005) pondera:

Os professores, ao ouvirem as justificativas apresentadas, por petição dos pais ou responsáveis, abonavam ou não as suas faltas. Nota-se uma frequência irregular nas aulas, tendo em vista a não obrigatoriedade de conclusão em todos os anos do curso (ALVES, 2005, p. 70).

Por isso, eram recorrentes os pedidos de abono de faltas dos estudantes relatados nas Atas da Congregação, justamente nas disciplinas exigidas para os exames de preparatórios conforme trecho escrito no documento a esse respeito:

[...] Um requerimento de D. Maria Angelica da Motta Tojal mãe do aluno Agnaldo da Motta Rabello pedindo para serem abonadas as faltas de seu filho nas aulas de Frances e Arithmetica, atendendo o estado de molestia em que esteve ele durante o tempo de 5 de junho a 28 de julho. Remetido ao Sr. Germiniano para informar, justificou o justo motivo do requerimento e sendo posto a votos, mandou-se abonar as faltas em ambas as aulas (ATA DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE, 3 de agosto de 1871).

Nesse caso as faltas do aluno Agnaldo da Motta Rabello foram abonadas, embora, nem sempre os requerimentos fossem atendidos e explicados com ênfase nas Atas. Em alguns casos, porque não competia mais a decisão à congregação, como no exemplo a seguir:

[...] uma petição do estudante do primeiro ensino do Curso Normal Olympio Pereira d'Araujo explicando a relevação de suas faltas. Teve o mencionado requerimento o seguinte despacho: recorra ao poder competente, pois o suplicante deu mais de quarenta faltas (ATA DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE, 5 de março de 1874).

A congregação, em casos extremos de faltas, não julgava mais o pedido, mandando o aluno recorrer, nesse caso, à secretaria da Instrução Pública. Tantos pedidos de abono de faltas ao longo das Atas explica-se também pelo fato de que a procura dos alunos estava pautada basicamente em adquirir as certidões de aprovação nas disciplinas que eram exigidas para as habilitações nas faculdades do Império, sendo possível, então, participar dos exames.

Dando seguimento às competências do Regulamento em vigor, cabe destacar a partir de alguns Capítulos e Artigos, certos procedimentos e trâmites que envolviam os alunos naquele momento; um deles dizia não poder ser admitidos a exames os concorrentes que não comparecessem nas datas estabelecidas e divulgadas em edital encontrado na porta do estabelecimento e anunciado pela imprensa.¹⁷

Outro ponto do documento dizia que, para matricular-se no Atheneu Sergipense, por exemplo, de acordo com o Artigo 35, era preciso apresentação de certidão de aprovação nos anos inferiores cursados, com um pagamento de taxa anual. Os alunos “minimamente” pobres podiam ser dispensados do pagamento da taxa, uma vez que, no período de primeiras letras, mostrassem talento, aplicação e moralidade. Esses alunos precisavam ainda apresentar um atestado de pobreza que deveria ser emitido por um pároco local comprovando sua condição social.

Não eram somente as matrículas que seriam pagas, valores também eram atribuídos a outras atividades burocráticas do Atheneu Sergipense. Caso o aluno precisasse de algum tipo de documento, por exemplo, deveriam pagar por tais solicitações, como consta no quadro a seguir:

¹⁷ Como já visto, a imprensa configurava-se veículo de informações dos mais variados temas, por isso era comum os editais serem publicados nos jornais da época. Eles continham datas das matrículas, pontos dos exames e recomendações burocráticas.

Quadro 1 – Taxas Cobradas aos Discentes do Atheneu Sergipense (1870)

Tipos de Taxa	Valores de Taxa
Matrícula do Atheneu Sergipense	10\$000
Certidão até duas laudas	1\$000
Cada lauda excedente	\$800
Por cada diploma do curso de Humanidades	15\$000
Diploma do Curso Normal	10\$000
Certidão de exame de qualquer matéria	2\$000
Sinete imperial em qualquer título, papel ou documento	1\$000

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do Regulamento da Instrução Pública de Sergipe de 1870.

Tais taxas cobradas revelam que, para se tornar aluno da instituição, não se exigia somente passar nos exames da instituição, demandava também um poder aquisitivo relativamente alto aos padrões da época para a manutenção do vínculo na escola. Dessa maneira, fica evidente o que declara Nunes (1984), ao se referir aos alunos do Atheneu Sergipe como, em sua maioria “filhos da burguesia latifúndio –mercantilista” (NUNES, 1984, p. 114).

Mais um ponto do Regulamento de 1870 dizia que os alunos da instituição que se destacassem com boas notas nos exames eram premiados com livros da matéria que merecessem (Artigo 78, REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1870. p.10). Assim também, com Certificados assinados pelo Diretor da Instrução sobre o comportamento exemplar, assiduidade e boas notas, configurando estímulos para uma boa postura estudantil.

2.3 REFLEXÕES SOBRE A IMPRENSA E A CIDADE DE ARACAJU EM 1874

No período em que surgiu o jornal *O Porvir*, a imprensa alcançaria um número significativo de tipografias, isso significa dizer que a expansão do impresso se encontrava de forma crescente no período. Martins (2012) assinala:

Se inicialmente, contavam-se nos dedos os números de tipografias do país, a atividade foi crescente ao longo do século, registrando-se no Rio de Janeiro uma tipografia em 1808; meia dúzia em 1822; vinte e cinco em 1850; trinta em 1862; um sem-número delas em 1889; quase que uma em cada esquina em 1908 (MARTINS, 2012, p. 57).

A imprensa no Brasil surgiu “de forma sistemática a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia” (MOREL, 2012, p. 23). Passando por transformações ao longo dos anos, sendo uma delas a circulação de livros e jornais ao público, a popularização dos jornais se deu de forma crescente em termos de produção.

Em Sergipe, o primeiro deles foi o chamado *Recopialdor Sergipano*, criado por Antônio Fernandes da Silveira em 1832 na vila de Estância, configurando como ponto de partida às demais produções nas vilas de São Cristóvão, Santo Amaro, Laranjeiras. De acordo com Nunes (1984), foi em 1838 que a primeira tipografia de propriedade da Província surgiu, para assim imprimir as Leis provinciais em vigor, tendo decorrido o aparecimento do *Correio Sergipense*, jornal porta-voz do governo” (NUNES, 1984, p. 65).

Na década de 1870, em Sergipe, a vida cultural ganhava maior visibilidade também através dos impressos, tais como: *Jornal do Aracaju*, *Gazeta do Aracaju*, *Diário de Sergipe*, *O Conservador*, *O Eco Liberal*, *A Fraternidade* entre outros. Esses jornais eram veículos de exposição de ideias, divulgação de opiniões, meio de criticar e propor ações.

No ano de 1874, então, surge o primeiro jornal estudantil do Atheneu Sergipense, *O Porvir*. No impresso é possível visualizar entre alguns escritos o valor atribuído à imprensa como meio de desenvolvimento da sociedade. No texto que abre o primeiro número de edição desse ano, o colaborador Capitolino H. da Costa diz que “fez-se a imprensa a missionária das sciencias, e percorrendo todos os paizes, plantou no seio da família humana o germen da felicidade geral” (COSTA, 1874a, p. 1).

Dessa forma, a imprensa mostrava-se ativa, assim também como outros setores da Província. Na capital Aracaju, por exemplo, estabelecida no ano de 1855, as mudanças e progressos davam seus passos para o desenvolvimento tão aspirado naquele momento, alguns deles vistos como marcos históricos. Em 1874, por exemplo, é inaugurado o telégrafo em Aracaju, fato comunicado nas folhas de *O Porvir*¹⁸, assim também como no Relatório presidencial de 1875, onde o Presidente relata:

Tive a immensa satisfação de assistir nesta Capital em 24 de novembro do anno passado a inauguração deste grande melhoramento, que na história da província marcará sem contestação alguma uma época de progresso e o prenuncio de um futuro lisonjeiro. Amante sincero, como sou das grandes ideias, folgo de ver hoje a teleghafia, essa prodigiosa invenção das gerações modernas, funcionando regularmente entre as duas províncias irmãs – Bahia e Pernambuco (MIRANDA, 1875, p. 77).

Outro fato relevante também na capital nesse período foi inauguração do “Asylo de Nossa Senhora da Pureza”, no dia 13 de junho de 1874, que pretendia abrigar órfãs a fim de instrui-las ao “cargo de mãe de família” (MIRANDA, 1874).

¹⁸ Ver em Anexo A ilustração do anúncio sobre a inauguração do telégrafo no *O Porvir*.

A capital contava com cinco obras públicas em andamento, segundo o Relatório presidencial de 1874, sendo elas a construção da praça matriz, do palacete da assembleia provincial, o quartel de polícia, melhorias nas estradas de São Cristóvão e Laranjeiras sentido Aracaju. Segundo o Relatório, existiam também obras em andamento referentes aos aterros da praça matriz e ruas da capital, embora o Presidente estivesse comunicando à sociedade a paralisação por um tempo de tais procedimentos em decorrência do “estado dos cofres”.¹⁹ A situação de desenvolvimento na cidade de Aracaju em 1874 mostrava-se animadora, o fluxo de comércio crescia por conta também das exportações na capital.

Com relação à saúde, a situação encontrava-se grave, segundo Santana (2005) “predominavam as doenças pestilenciais, varíola, malária, febre amarela, cólera, febre tifoide e sarampo” (SANTANA, 2005, p. 23). Diante de tais epidemias “o terror e a morte” espalhavam-se por Sergipe, nos primeiros anos da mudança da capital, segundo Alves (2005): “A condição insalubre da cidade de Aracaju vitimou, no mesmo ano de sua transferência para a nova sede, o seu idealizador, o Presidente Inácio Joaquim Barbosa” (ALVES, 2005, p. 53). A situação permanecia crítica em algumas vilas da Província em 1874. Contudo, de acordo com o Relatório presidencial desse ano, pelo menos com relação à varíola em Aracaju, a situação encontrava-se controlada:

Acha-se felizmente extinta nesta Capital a epidemia da variola, que, durante mais de um anno, causou estragos consideraveis na população. Apesar das providencias aconselhadas pela medicina e adoptadas e praticadas pelos poderes publicos, a epidemia continuou por muito tempo em sua marcha devastadoras; por ultimo socorreu-nos a Providencia Divina, e hoje estamos livres d’esse flagelo, o mais terrivel talvez de quantos afligem a humanidade (MIRANDA, 1874, p.4).

No decorrer dos anos, medidas de higiene e saneamento foram tomadas a fim de evitar doenças desse tipo. As vacinas também se propagaram e como medida de controle dessas doenças, exigiam-se atestados de vacinação em matrículas nas escolas.

O Ensino Primário na Província de Sergipe nesse período encontrava-se com um total de 6288 alunos matriculados de acordo com o Relatório citado, não indicando a quantidade total existente na capital. Há referência somente a aula noturna em Aracaju, que era de 46 alunos. Já com relação ao Ensino Secundário em Sergipe, nesse ano eram 306 alunos matriculados, tanto em aulas públicas quanto particulares. Segundo dados do Relatório

¹⁹ Cf. Relatório presidencial de Antonio dos Passos Miranda, 1874.

presidencial de 1874, esse ensino era oferecido em aulas avulsas nas cidades de Estância e Laranjeiras e de iniciativa privada nos Colégios de “Amparo de Maria em Capela” e no “Colégio do Dira”, esse sem indicação de cidade. Já na capital foram referenciados dois estabelecimentos de ensino, um de iniciativa pública que era o “Atheneu Sergipense” e outro particular, denominado “São Salvador”.²⁰

Nesse espírito de ascensão, Aracaju mostrava-se principiante no desenvolvimento urbano, com medidas de favorecimento ao crescimento da jovem capital por parte dos poderes competentes. Com essa configuração em que se encontrava a cidade, nasce na instituição sede, Atheneu Sergipense, a associação e o jornal de estudantes denominados *O Porvir*.

²⁰ Cf. Relatório presidencial de Antonio dos Passos Miranda, 1874.

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Sciencia, virtude, razão, fé, humanidade e Deus – eis a divisa de nossa bandeira na sublime e gloriosa tarefa do – Porvir (CARDOSO, 1874b, p.1).

Uma vez apresentados alguns aspectos que antecedem a criação do jornal em apreço, nessa seção busquei então tratar mais especificamente sobre o objeto estudado, verificando dessa maneira, como se deu a associação dos alunos e a criação do impresso, trazendo considerações sobre a possibilidade de os professores e disciplinas estarem ligados a essa prática, elencando também reflexões sobre a nomenclatura do periódico. Apresento também pontos do jornal em sua materialidade, quem eram os alunos que elaboravam os textos e quais profissões seguiram depois do Ensino Secundário cursado no Atheneu Sergipense.

Dessa forma, foram utilizados como base para o levantamento de discussões da presente seção os próprios textos localizados nos números de edições do referido jornal, como também textos de outros autores que, em dados momentos, servem de apoio aos assuntos expostos.

Ao se falar de jornal estudantil, pode-se entender que ele integra o ambiente da escola, fazendo mesmo parte da cultura escolar de um determinado tempo, assim também como materiais diversos inseridos nesse espaço. O estudo dessas “coisas velhas” assim como nomeou Camargo (2000) ao se referir ao estudo de objetos antigos que podem significar muito à História da Educação, tem contribuído de forma significativa para apontar acontecimentos do passado. Nas palavras da autora, essas “coisas velhas” pertencentes ao ambiente escolar, guardadas nas casas dos ex-alunos, ex-professores e no próprio espaço da escola, se configuram em livros, jornais escolares, revistas, fotografias, quadros etc. (CAMARGO, 2000 p. 20-21).

Os jornais estudantis integram tal conjunto de objetos e são de grande valia ao pesquisador que propõe trazer para o debate educacional a voz do sujeito aluno que ainda é timidamente escutado nas pesquisas históricas educacionais em Sergipe. Esse tipo de fonte, porém, fala segundo Nascimento (2002):

[...] da história da escola sob a ótica das práticas estudantis e do modo como os estudantes se apropriavam e punham em circulação os padrões de uma cultura política que os envolvia. Nos diz também da necessidade de verificar as estratégias adotadas pelo movimento estudantil para fazer com que as vozes das suas lideranças fossem ouvidas. O jornal estudantil representa, em tal contexto, uma forma de expressão política de um grupo emergente na vida social brasileira que se pretende cada vez mais fazer ouvir. Nessa busca, as lideranças estudantis perceberam a necessidade de romper o estreito limite dos muros escolares e entenderam que a legitimação seria produzida à medida em que falassem para toda a sociedade (NASCIMENTO, 2002, p. 81).

Os jornais estudantis configuram-se, então, como objeto e fonte de pesquisa, passando a ganhar novo espaço nos estudos em História da Educação nos últimos anos.

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Configurando-se também parte da cultura escolar produzida por uma instituição, é possível visualizar, entre as páginas do periódico, ensaios de escrita dos alunos que faziam da imprensa um meio de propagar suas produções, transparecendo relações existentes no ambiente escolar de uma determinada época, bem como suas representações, ideais e atividades desenvolvidas.

Ao se associarem, os alunos do Atheneu Sergipense logo trataram de fundar um jornal estudantil. Já nos primeiros números de edições, o aluno Álvaro Fontes escreveu um “comunicado aos consócios e redactores do *Porvir*”, dizendo que a ideia do jornal era “succolenta, grandiosa, e inspirada pelo Céu”, que ela produziria um futuro abundante com “bellos fructos” indicando ainda que a circulação de *O Porvir* naquele momento tinha uma dupla vantagem, a de instruir e educar (FONTES, 1874a, p. 2). Escritos como este mostram que os alunos visavam à criação de um impresso como meio de auxílio ao ambiente escolar em que estavam inseridos.

3.1 ASSOCIATIVISMO DOS ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE, A CRIAÇÃO DO JORNAL *O PORVIR* E SUA NOMENCLATURA

Os estudantes do Atheneu Sergipense no ano de 1874 foram convocados pelo colega José Ricardo Cardoso²¹ a participarem de uma reunião onde seria apresentada sua ideia sobre a criação de uma associação entre estudantes. O objetivo primordial era criar um jornal estudantil de caráter “litterario e recreativo” onde veiculasse suas produções, funcionando também como forma de “exercícios de composição” pelos alunos. Com sucesso de aceitação entre os colegas, em um dos textos escritos na primeira edição de 1874, um sócio do jornal apresenta a inauguração da sociedade estudantil da seguinte forma:

A talentosa mocidade do Atheneu Sergipense acaba de fundar uma sociedade litteraria com o fim de publicar um periodico hebdomadario, ao qual deu o nome de *Porvir*. A inauguração desta sociedade teve logar no dia 12 do passado mez na casa em que funciona a aula do Ilm. Snr. Professor Alexandre José Teixeira, que tão bondosamente no-la ofereceu (PUBLICAÇÃO..., 1874, p. 4).

Dessa maneira, um grupo de alunos do Atheneu Sergipense associou-se a fim de criar um jornal de nome *O Porvir*. Esses estudantes viam, com a efetivação do impresso, a possibilidade de “ensaiarem” seus escritos para assim publicá-los posteriormente em outros

²¹ Filho do senhor Joaquim Maurício Cardoso e D. Joana Batista de Azevedo Cardoso, irmãos de Brício Cardoso, Severiano Cardoso e Mathusalém Cardoso (GUARANÁ, 1925).

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

periódicos já reconhecidos na época, tais como: *Diário de Sergipe*, *Jornal do Aracajú*, *Diário Popular*, *O Farol*, entre outros.

Para tanto, em meio aos escritos dos estudantes e sócios, é possível perceber a relevância depositada no fato de se associarem com a finalidade de se conquistar espaço de representações, divulgando e defendendo ideias e opiniões. A esse respeito, o aluno Capitolino H. da Costa escreve:

A mocidade esperançosa do Atheneu Sergipense compreendeu, ainda em tempo, que um acertado passo daria, associando-se para erguer um monumento, que, mais tarde, podesse banhando em ondas de luz, iluminar em sua passagem, a estrada escabrosa do futuro! (COSTA, 1874b, p. 1).

Dessa maneira, ao se associarem, os estudantes do Atheneu Sergipense criaram objetivos em comum, publicar seus “exercícios de composição”, relacionados aos assuntos literários, morais e religiosos, representando suas concepções e ideais acreditados e defendidos, embora divergentes entre eles em alguns momentos.²²

Essa forma de se associar dos alunos pode levar a compreensão da cultura escolar que estava presente naquele momento na instituição. Eis o que diz Rodrigues (2015):

As associações de alunos, presentes no universo dos espaços educativos e de formação, representam as práticas estudantis desenvolvidas dentro das instituições de ensino ou fora delas. O associativismo discente, dotado de peculiaridades e autonomia faz parte de uma cultura escolar e chama a atenção por sua significância na identidade do aluno e da educação (RODRIGUES, 2015, p.105).

O associativismo traz consigo um ânimo que o indivíduo não alcançaria sozinho. Esse meio torna-se forte porque não há uma só voz a falar sobre um ideal, há um grupo de pessoas que estão à luta do mesmo objetivo, por isso os alunos do Atheneu Sergipense viam na luz de *O Porvir* o futuro promissor que almejavam, lutando, assim, pelos seus ideais por entre os escritos do jornal. A esse respeito, Tocqueville (2005) declara: “Não há nada que a vontade humana desespere alcançar pela livre ação da força coletiva dos indivíduos” (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220).

Dessa forma, ao lançar a proposta de criação de uma sociedade estudantil no Atheneu Sergipense, José Ricardo Cardoso, em seu discurso de abertura da sociedade Porvir, usa palavras de incentivo aos colegas, a fim de se associarem para poder criar juntos o jornal:

²² Divergências de ideias encontradas nos escritos de *O Porvir* (1874) serão expostas na próxima seção.

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Aceitai a idea da creação de um jornal, e collaborai para a sua sustentação, porque ele vos servirá de eschola pratica, de theatro de experiências. [...] Os recursos intellectuaes adquirem-se com o exercício e a pratica, porque a intelligencia é um dom concedido a todos os homens. Portanto unamo-nos, formemos uma sociedade, que todas as dificuldades ficarão removidas (CARDOSO, 1874a, p. 2).

A ideia da criação de uma sociedade como elemento efetivo de algum ideal é perceptível por meio dos escritos analisados. Outro artigo produzido pelo aluno Capitolino H. da Costa, no número de edição 8, retrata, por exemplo, a visão que ele tinha sobre tal assunto, sendo abordada a criação de um Monte-Pio na capital da Província. Dessa maneira, o estudante pondera:

O espirito humano, querendo acompanhar a marcha progressiva de seu natural desenvolvimento, desde que transpoz os templos da idade media adoptou como elemento necessário à sua própria conservação a idéa de associação. [...] É por isso que alguns artistas desta capital, comprehendendo a indeclinável necessidade de um Monte-Pio, que podesse garantir o futuro de suas famílias, acabam de convocar os seus irmãos d'arte, para o fim de convencionarem sobre as bases de uma sociedade de tanto proveito. [...] Em todos os tempos o espirito de associação tem sido um poderoso auxiliar para o engrandecimento e prosperidade de qualquer nação; visto ser da união de muitos que nasce a força – elemento essencial, de que todo o paiz precisa para prosperar. [...] Se não fosse as artes, não teríamos a imprensa, foco de luz, espargindo os benéficos clarões que iluminam a face do mundo, em tão elevado grau de perfeição; não teríamos a navegação á vapor, que no dizer do heróe do Austerlitz, conquistaria o mundo, que cresce na possibilidade dessa gigante invenção (COSTA, 1874c, p. 2).

Esse Monte-Pio a qual se refere o estudante Capitolino H. da Costa diz respeito a uma associação de artesãos criada em Aracaju naquele ano, visto como uma grande conquista daqueles trabalhadores. O estudante ressalta em seu texto a importância da criação de um espaço assim para os artistas tão desvalorizados naquele momento. É possível ler nesse texto o enaltecimento das artes como processo de evolução da sociedade.

Retomando a discussão sobre criação do jornal *O Porvir*, nota-se que o estudante José Ricardo Cardoso, em seu discurso de proposta e abertura da sociedade estudantil, exprime a ideia de que deveriam seguir o exemplo de outras Províncias do Brasil e assim criar, naquele estabelecimento de Ensino Secundário, um jornal produzido por eles, os alunos, funcionando como um meio de publicação dos “ensaios de composição de exercícios”. Para tanto, ele apresenta sua proposta:

Venho, senhores, convidar-vos para a criação de um jornal, que será escripto por nós, estudantes do Atheneu Sergipense. Attendei que desde a fundação do mesmo Atheneu, alguns estudantes tem sentido a considerável falta de um órgão litterario, para fazerem exercicios de composição. Os exercicios de

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

composição são de grande proveito para os que frequentam as aulas secundárias, são uma espécie de estudo, e aparte, estudo serio e profundo que pede muita atenção e contribue para o desenvolvimento do espirito, e accentuação do bom gosto (CARDOSO, 1874a, p. 2).

A partir dessas palavras proferidas por José Ricardo Cardoso, fica evidente que a criação de um jornal estudantil serviria como espaço para aqueles estudantes atuarem como iniciantes na carreira jornalística em Sergipe.

A iniciativa desse aluno pode estar diretamente ligada aos seus irmãos mais velhos, todos envolvidos ao ambiente educacional. Um deles, o professor Brício Cardoso, foi nomeado professor da cadeira de Retórica e Poética do Atheneu Sergipense, por meio do Decreto do dia 27 de abril de 1874, como também por “intervenção do Barão de Cotegipe, que escreveu, de Salvador, em 27 de outubro de 1872, ao Dr. Cypriano de Almeida Sebrão, Vice-Presidente da Província de Sergipe, então no exercício da presidência, solicitando a nomeação do lente Brício Cardoso (SANTOS, 2010, p. 28).

Nos estudos de Gally (2004) sobre o professor Brício, é possível perceber que a carreira desse intelectual sergipano, fora edificada a partir de um entrelaçamento de várias circunstâncias, tais como:

Parentesco que possuía com pessoas relacionadas à política, convivência com o meio religioso e educacional no qual nascera e fora criado e a competência do professor/pedagogo construída estrategicamente através das leituras, dos textos produzidos e das aulas dadas (GALLY, 2004, p. 62).

Os irmãos Cardoso estavam, pois, diretamente ligados ao Atheneu Sergipense, sendo os mais velhos Brício, em 1874 nomeado professor de Retórica e Poética e Severiano Cardoso, funcionário escriturário da instituição, vindo a ocupar o cargo de professor em 1882. Já os mais novos, José Ricardo Cardoso e Melchisedech Cardoso, na condição de estudantes.

Ao propor a criação do jornal *O Porvir* aos colegas do Atheneu Sergipense, José Ricardo Cardoso pode ter sido, dessa forma, fortemente influenciado pelo irmão-professor Brício Cardoso, tanto por ser lente de Retórica e Poética e trabalhar diretamente com a produção estudantil, como também pelo fato de o professor Brício ser adepto da prática jornalística. Segundo Santos (2010), ele tinha como prática publicar suas apostilas de gramática no *Jornal do Aracajú*, assim como suas produções literárias. Possivelmente, o grupo de estudantes que criou o jornal *O Porvir* tenha recebido incentivo desse professor por meio de suas aulas de Retórica e Poética que tiveram início exatamente no ano de 1874, meses antes da efetivação do

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

jornal. Esse é um indício de que ele, através de sua disciplina ministrada, tinha ligação direta com a prática dos colaboradores do primeiro jornal estudantil do Atheneu Sergipense.

Naquela época, no final do século XIX, escrever para os jornais representava ascensão intelectual:

Foi neste momento que os jornais começaram a compartilhar espaço com as diversas áreas do conhecimento, deixando de ser estritamente direcionado à política. Os periódicos tornaram-se veículo de propagação cultural do país, atendendo às necessidades da jovem nação na busca da (re)construção do patrimônio cultural nacional (MELO, 2006, p.127).

Os alunos então associados ao impresso *O Porvir*, poderiam utilizá-lo para divulgar suas produções entre as páginas do periódico, e assim expor suas opiniões a respeito de determinados assuntos sendo uma forma também de se expor às críticas. A esse respeito, um outro texto escrito por Capitolineo H. da Costa diz o seguinte:

Queremos a crítica, mas a crítica judiciosa, fazendo-nos, ao menos, a justiça a que temos direito, [...]. Portanto, que nos importa a crítica dos invejosos, e que sejamos apedrejados, quando é bello soffrer pelo triumpho de um principio?" (COSTA, 1874a, p.2).

Dessa forma, os alunos viam a possibilidade de crescimento intelectual com a prática jornalística, embora os dados mostrem um número restrito de alunos envolvidos na produção desse periódico. Ao longo dos doze números de edições analisados, foi possível contar um total de dezoito diferentes nomes que tiveram colaborações nas páginas do jornal. Esse dado revela um número reservado de alunos do Atheneu Sergipense envolvidos em tal prática. Segundo Alves (2005), no ano de 1874, o Atheneu Sergipense contou um total de 197 matriculados. Significando dizer que somente 9.14% dos alunos estiveram envolvidos na produção do impresso *O Porvir*.

O quadro a seguir apresenta os nomes dos escritores e a quantidade de colaborações entre os doze números de edições do ano de 1874:

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Quadro 2 – Escritores Associados em *O Porvir* – Agosto a Novembro (1874)

Redator	Número de artigos assinados no <i>O Porvir</i>
Manuel Alves Machado	8
Capitolino H. da Costa	8
José Ricardo Cardoso	7
Manoel dos Passos de Oliveira Telles	3
Silverio Fontes	3
Felisbello Junior	2
Felix Barreto de Vasconcellos	2
José de Menezes	2
Amancio Bezerra	2
Eutychio Lins	2
Mathusalém Cardoso	2
Alvaro R. Fontes	1
José Calasans	1
Juvencio Montes	1
Carvalho Heitor	1
Ramalho José da Silva	1
Balthazar Goes	1
Antonio de Oliveira Fontes	1
Total	48

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das análises aos doze números de edições do *O Porvir* de 1874.

Com o levantamento dessas assinaturas nos artigos de *O Porvir*, observei que alguns desses alunos se tornaram membros da elite letrada no cenário sergipano. Aqueles que se estabeleceram como professores voltaram ao Atheneu Sergipense e ocuparam cargos de docentes na instituição, sendo o caso, por exemplo, de Manoel dos Passos de Oliveira Telles e Balthazar de Araujo Goes que, além de serem professores da instituição, foram também seus diretores, e Eutychio de Novaes Lins e Amancio Bezerra, foram apenas professores.²³

O quadro também revela, a partir da quantidade de colaborações de escritos no jornal, que os estudantes Manuel Alves Machado, Capitolino H. da Costa e José Ricardo Cardoso tiveram maior contribuição entre os doze números que compõem a coletânea do ano de 1874. Esse dado pode ser um indício de que, provavelmente, esses três colaboradores pudessem estar à frente de tal empreitada. Nos artigos assinados por eles, é notória a valorização que empregavam na “Instrução” como “caminho de luz”, tendo em vista a imprensa como um

²³ Dados biográficos sobre eles serão vistos ainda nessa seção, subitens 3.2.1 e, 3.2.2

instrumento de auxílio para se alcançar o sucesso. Por meio do objeto aqui estudado, entendido como resultado da cultura material desse período, é possível visualizar o fruto de atuações do cotidiano daqueles alunos envolvidos na produção do jornal. Por isso cabe ao pesquisador, segundo Felgueiras (2010), “olhar os objectos como resultados de acções, que incorporam interesses, objectivos e tradições de quem os produz e de quem deles se apropria” (FELGUEIRAS, 2010, p.27).

Entre as linhas de *O Porvir*, escritas por seus sócios, é marcante a tradição que possuía a imprensa naquele momento, visualizada a partir do seu enaltecimento nos escritos do periódico. O jornal no século XIX constituía fundamental veículo de representação e divulgação de ideias e concepções sobre variados temas. No primeiro escrito do número de edição 1, o estudante Eutychio Lins apresenta um texto ponderando, segundo ele, sobre a brilhante contribuição de Gutemberg à humanidade quando criou a imprensa, “foi uma aurora brilhante para o céu das letras, essencial elemento da instrucción”. Considerava, a de carácter literário então, como: “o mais importante dos pontos do quadro da organização educativa” (LINS, 1874a, p. 1).

Nesse espírito de inovação e credibilidade no futuro, os estudantes do Atheneu Sergipense trataram de nomear o jornal que criaram com o título de *O Porvir*, tendo, possivelmente esse nome relação com o período em que estavam inseridos. No Brasil eram crescentes as ideias de renovação política, social e educacional na década de 1870, pois as ideologias do Brasil República já davam alguns passos.

A credibilidade no futuro próspero era perceptível através dos escritos no jornal, sendo explícita também por meio do título do impresso nomeado *O Porvir*, remetendo, dessa forma, à ideia daquilo que está no futuro, do tempo que ainda aparecerá.

Por conseguinte, aqueles estudantes poderiam estar, de forma alusiva, por meio então do título do periódico, comunicando à sociedade que os escritos circulantes eram ensaios do que estava “por vir” quando fossem produzir e publicar em outros jornais já reconhecidos e fixados na sociedade.

Essa nomenclatura também foi título de vários outros jornais estudantis que circularam no Brasil. Dentre as consultas que realizei no site da Biblioteca Nacional, contabilizei entre o período de 1874, iniciado com *O Porvir* de Sergipe, até 1903 finalizando com um impresso da cidade de São Paulo, treze periódicos circulantes. Todos eles pertenciam a órgãos da mocidade estudantil.

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Quadro 3 - Jornais Brasileiros Circulantes de Nomenclatura *O Porvir* (1874 – 1903)

	Localização	Descrição
<i>O Porvir</i> (1874)	Aracaju/SE	“Jornal Litterario e Recreativo – Propriedade de uma Associação de Estudantes”
<i>O Porvir</i> (1877)	Campinas/SP	“Orgam Político, Litterario e Recreativo – Dedicado ao Belo Sexo”
<i>O Porvir</i> (1877)	Cuiabá/MT	“Periodico Noticioso, Recreativo e Litterario – Editor José Augusto Pompéo”
<i>O Porvir</i> (1878)	Alagoinhas/BA	“E’ Propriedade de uma Associação”
<i>O Porvir</i> (1882)	Rio de Janeiro/RJ	“Jornal Hebdomadario do Clube Litterario Quarto Estado”
<i>O Porvir</i> (1882)	“Goyaz” ²⁴	“Orgam do Clube Juvenil – Publicas-e duas vezes por mez”
<i>O Porvir</i> (1882)	Maceió/AL	“Periodico Litterario e Noticioso – Colégio do Bom Jesus”
<i>O Porvir</i> (1882)	Curitiba/PR	“Orgam da Mocidade – Publicação Quinzenal – Redactores Diversos”
<i>O Porvir</i> (1885)	Vassouras/RJ	“Periódico Litterario e Recreativo dos Alumnos do Colegio Alberto Brandão”
<i>O Porvir</i> (1889 - 1890)	Rio de Janeiro/RJ	“Periodico Litterario e Recreativo – Publicação Mensal”
<i>O Porvir</i> (1895)	Maranhão ²⁵	“Orgão da Classe Estudantil”
<i>Porvir</i> (1896) ²⁶	Ytu/SP ²⁷	“Orgam dos Alumnos do Grupo Escolar Dr. Queiroz Telles”
<i>O Porvir</i> (1903 - 1904)	São Paulo/SP	“Órgão do Congresso Litterario e Scientifico Abílio Borges”

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do site da Biblioteca Nacional.

A partir desse quadro, fica evidente que o nome “O Porvir” fora utilizado por um número significativo de grupos estudantis espalhados pelo Brasil como forma de representá-los através do seu significado. Esses impressos configuram o que Felgueiras (2010) chama de cultura material escolar traduzindo, dessa maneira, princípios de uma sociedade, manifestando as condições em que ocorreram. Por meio desses impressos criados por iniciativas estudantis, é possível perceber que existia naquele momento no país, uma confiança sobre o desenvolvimento no futuro, que invadia o cotidiano estudantil.

²⁴ Transcrição feita exatamente como consta no documento

²⁵ Consta no documento apenas o nome do Estado.

²⁶ Único periódico encontrado no site da Biblioteca Nacional sem o artigo “o” no início do nome Porvir.

²⁷ Transcrição feita exatamente como consta no documento.

A palavra “Porvir” foi bem difundida naquele momento no Brasil, podendo ser encontrada no Hino da República, publicado no Diário Oficial em 21 de janeiro de 1890, com significado de expectativa no futuro, como é visto em um dos seus trechos:

Seja um pátio de luz desdobrado.
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel que o passado
Vem remir dos mais torpes labéus!
Seja um hino de glória que fale
De esperança, de um novo porvir!
Com visões de triunfos embale
Quem por ele lutando surgir! (HINO DA REPÚBLICA, 1890)²⁸

Outra relevância do significado da palavra “Porvir” em Sergipe é o destaque da mesma, no brasão do Estado, sendo este de criação do professor Brício Cardoso, em 1892. A esse respeito, Gally (2004) pondera que, nesse momento em Sergipe, “também era Brício responsável pela escrita de textos oficiais”, dessa forma, com relação à criação do brasão, ao se referir ao professor Brício, ela explica:

Quando ele aceitou ser membro do Constituinte republicano local, presidido pelo monsenhor Olympio Campos, ele redigiu o projeto de lei apresentado à Assembleia e convertido em legislatura ordinária referente à criação do brasão do Estado em 1892, o brasão ficou assim concebido: um indígena em ato de embarcar em um aeróstato, em cujo centro se levará a palavra porvir. No alto do emblema, figurará a data de 18 de maio de 1892; em baixo, a legenda sub *leges libertas* – e, nos lados, Estado de Sergipe (GALLY, 2004, p. 69)²⁹

Diante do exposto, fica evidente a relevância que possuía o nome que se configurou título do primeiro jornal estudantil do Atheneu Sergipense. Os alunos, possivelmente, acreditavam que esse nome os representaria de forma que fossem vistos como crentes em um futuro próspero utilizando-se, então, da imprensa como via de acesso ou meio auxiliar à conquista do desenvolvimento intelectual.

Desse modo, convencidos de que o saber levava ao prestígio e que a prática jornalística poderia contribuir para o alcance do sucesso, os alunos trataram de organizar a circulação do impresso. Foi marcado, então, o dia 2 de agosto de 1874 como o início de uma nova conquista estudantil em Sergipe.

²⁸ Ver em Anexo B letra completa do Hino da República.

²⁹ Ver em Anexo C ilustração do Brasão do Estado de Sergipe.

3.2 MATERIALIDADE DO IMPRESSO E OS ALUNOS ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

A organização do jornal estudantil *O Porvir*, no que diz respeito à sua materialidade, manteve-se da mesma forma entre os números de edições aqui analisados, ou seja, desde o primeiro número referente ao dia 2 de agosto de 1874 até o último, datado de 1 de novembro do mesmo ano.

Dessa forma, estruturalmente, o jornal contava com quatro páginas enumeradas ao lado direito do cabeçalho a partir da segunda folha³⁰ e era composto por três colunas em todas as páginas da edição, com formato de 20 cm x 25 cm em média. Apesar do desgaste das páginas, é possível julgar que sua ilustração caracterizava-se em preto e branco como era comum à maioria dos jornais da época.

O periódico apresenta no cabeçalho algumas informações básicas sobre a organização, datas de publicação e preços. Dessa maneira, é possível localizar, do lado esquerdo, o ano em que a edição se refere, exemplo “Anno I”, logo abaixo dessa marcação estão expostos os preços de assinatura na capital; do lado direito, então, encontra-se o número de edição e, logo abaixo, os preços de assinaturas fora da capital. Com relação aos preços, esses eram cobrados para assinantes na capital 500 réis por mês e 160 réis a folha avulsa; já nos casos de assinantes fora da capital eram cobrados 600 réis por mês e 40 réis ao que eles chamavam de “linha aos assignantes”.³¹

Ainda no cabeçalho do periódico, é possível visualizar na primeira linha central o nome Aracaju e a data correspondente ao dia da publicação. Logo abaixo encontra-se o título em destaque, escrito em letras caixa alta e negrito, em seguida a descrição do jornal como “Litterario e Recreativo”, informando ainda que pertencia à “propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense”, encerrando os dados com a informação de que se publicava aos domingos. A organização tipográfica do impresso pode revelar, por exemplo, a prioridade dos assuntos expostos, dessa forma, considerando que o jornal *O Porvir* assumia um caráter literário e recreativo é evidente que os avisos, notícias do dia a dia e variedades ocupavam menor espaço dentro do periódico.³²

³⁰ Na coletânea de 1874 do impresso, localizada na Biblioteca Pública Epifânio Dória, nota-se a ausência das páginas 2 e 3 do número de edição 7, referente ao dia 13 de setembro.

³¹ Não foram localizadas referências sobre esse termo nos números de edições analisados, possivelmente trata-se de linhas telegráficas.

³² Ver em Anexo D exemplar de número de edição completo do *O Porvir* (1874).

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

A organização do jornal se dava de forma que, a cada mês, de três a quatro associados ficavam à frente da redação. Foi possível contabilizar, entre os doze números de edições, quatro avisos apresentando os redatores responsáveis pelos meses aqui analisados.

Logo na primeira edição, lê-se o aviso sobre os redatores do trimestre, sendo eles: Eutychio Lins, Manoel Machado, Balthazar Goes e Juvencio Montes. Contudo, à medida em que fui analisando os seguintes números de edições, percebi que a cada última edição mensal, eram apresentados os redatores responsáveis pelo mês que se sucedia. Sem nenhuma explicação no impresso, suponho que essa dinâmica de eleger os responsáveis trimestrais tenha sido refeita, apresentando-se mensalmente os responsáveis nos números posteriores ao primeiro.

Dessa forma, a partir do quadro, é possível perceber os responsáveis pelos três meses de circulação do impresso analisado.

Quadro 4 – Redatores Responsáveis pelos Meses de Agosto, Setembro e Outubro (1874)

Mês	Redatores Responsáveis
Agosto	Eutychio Lins, Manoel Machado, Balthazar Goes e Juvencio Montes
Setembro	Silverio Fontes e Melchisedech Cardoso
Outubro	Felisbello Junior, Amancio Bezerra, Ramalho Silva e Felix de Vasconcellos

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das análises aos doze números do *O Porvir* de 1874.

Com relação aos trâmites de funcionamento do impresso, destaca-se uma convocação extraordinária de reunião aos associados, do diretor interino administrativo da sociedade Porvir Juvencio Montes, propondo a eleição dos empregados a servir naquele trimestre. Com atribuições desde a elaboração de artigos, até a entrega do impresso. Elegeu-se, assim, para diretor da sociedade – Capitolino H. da Costa, secretário – Silverio Fontes, tesoureiro - Balthazar Goes, procurador - José Cupertino e, distribuidor - José de Calazans. Também nesta reunião foram reformados os estatutos da mesma associação pelos estudantes Eutychio Lins, Ramalho Silva e Teixeira fontes.

A fim de analisar dados mais relevantes sobre a vida desses estudantes, busquei no acervo salvaguardado no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS)³³

³³ Esse centro de memória abriga documentos relacionados ao Atheneu Sergipense, desde o ano de 1848 até o ano de 1970. É localizado em uma sala no próprio prédio da Instituição. Esse centro salvaguarda documentos históricos e configura um acervo rico em objetos de pesquisa a serem explorados. “A criação de um Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense justifica-se pela posição relevante que a instituição desempenhou como agência produtora e irradiadora de práticas e padrões pedagógicos, projetando vultos de destaque no panorama político e social que prestaram benefícios incalculáveis em todas as profissões e atividades que desempenharam” (ALVES; TELES; OLIVEIRA, 2008, p. 81).

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

documentos relacionados ao corpo discente da instituição no ano 1874, mas, as fontes do período encontradas nesse arquivo proferem poucos dados a respeito dos alunos.

Segundo Santana (2012), existia na instituição a prática de “incinerar” os documentos julgados não servir àquele momento. A autora pondera que: “[...] após serem usados, esses papéis, outrora tão importantes, já não recebiam a mesma atenção e cuidado, sendo, por vezes, jogados em uma sala escura e insalubre, ou mesmo descartados.” (SANTANA, 2012, p.1). Esse fato pode explicar, pois, a carência de documentos do período aqui estudado.

Contudo, acreditando que esses discentes do Atheneu Sergipense de outrora se tivessem tornado reconhecidos posteriormente, partir em busca de dados no Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná (1925). Essa obra reúne informações de nomes sergipanos reconhecidos do século XIX e início do XX, tais como: filiação, data de nascimento e falecimento, bem como suas ações como profissional, obras realizadas, textos publicados entre outros.

Segundo Santos (2013) do Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná pode dizer:

Escrito a quatro mãos (após a morte de Guaraná em 1924, sua esposa Maria Luísa Guaraná, junto com Epifânio Doria e Prado Sampaio, concluíram o trabalho de reunir as informações e redigir o texto final, além de buscar financiamento para publicação, editora, cuidar da divulgação e acompanhar as vendas), fruto de uma desavença com Sacramento Blake, com quem Guaraná havia elaborado o Dicionário Bibliográfico Brasileiro e que depois Blake negou publicamente a co-autoria, em uma época em que várias obras do tipo foram elaboradas, a exemplo do Dicionário de Brasileiros Ilustres e do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro, afinal comemorava-se à época o centenário da Independência do Brasil (SANTOS, 2013, p. 8).

Esse Dicionário, portanto, reúne elementos de um número considerável de intelectuais sergipanos. Desta maneira, foi possível perceber, por meio dessa fonte, várias biografias dos estudantes que estavam envolvidos na produção de *O Porvir*, onde é possível de notar que muitos se tornaram reconhecidos no cenário sergipano.

Dentre dezoito nomes levantados nas edições do referido jornal datados de 2 de agosto de 1874 a 17 de novembro do mesmo ano, foi possível, a princípio, localizar nove deles e assim destacar alguns pontos relevantes de suas vidas: idade que tinham quando se envolveram com o jornal; nome de seus pais, lugar de nascimento onde nasceram e profissões exercidas depois de passar pelo Atheneu Sergipense como estudantes.

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Quadro 5 – Colaboradores de *O Porvir* – Dados Biográficos

Nome	Idade	Filiação	Naturalidade	Profissão por formação
Amancio Bezerra	27	Amancio José da Paixão e Maria Joaquina do Sacramento Bezerra	Itabaiana	Farmacêutico
Balthazar de Araujo Goes	21	Francisco José de Góes e Maria Rosa de Araújo Melo	Itaporanga	Professor
Eutychio Lins	22	Joaquim de Pádua Lins e Maria Joaquina de Pádua Lins	Lagarto	Professor
Felisbello Junior	16	Felisbello Firmo de Oliveira Freire e Rosa do Amarante Góes Freire.	Itaporanga	Médico
Felix Barreto de Vasconcellos	28	Antonio Diniz Barreto e Mariana Joaquina de S. José Barreto	Itabaiana	Professor
Juvencio Montes	18	Theodorico de Siqueira Montes e Clara de Faro Montes	São Cristóvão	Servidor Público
Manoel dos Passos de Oliveira Telles	15	Antonio Moniz Telles e Maria Luiza de Oliveira Pita	Socorro	Bacharel
Manuel Alves Machado	22	Domingos Alves Machado e Maria Lucinda Alves Machado	Propriá	Professor
Melchisedech Mathusalem Cardoso	14	Joaquim Maurício Cardoso e Joana Batista de Azevedo Cardoso	Estância	Bacharel
Silverio Fontes	16	José Martins Fontes e Francisca Xavier Gomes Fontes	São Cristóvão	Médico

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná (1925).

Alguns desses alunos, após o Ensino Secundário realizado no Atheneu Sergipense, mudavam-se para outras Províncias do Brasil a fim de concluírem os estudos superiores, sendo que, em sua maioria, voltavam à terra natal para assim exercer a profissão em que outrora se formaram. Os que se tornaram professores exerceram funções como docentes no Atheneu Sergipense.

3.2.1 Manoel dos Passos e Balthazar Goes: de estudantes a diretores do Atheneu Sergipense

Manoel dos Passos de Oliveira Telles tinha 15 anos quando estava envolvido na produção de *O Porvir*. Tornou-se Bacharel e era filho de Antonio Moniz Telles e Maria Luiza de Oliveira Pita, nascido em 29 de agosto de 1859 na vila do Socorro e falecido em 15 de maio de 1935 na cidade de Aracaju.³⁴

³⁴ Foi considerada a grafia do nome desse colaborador, a partir de suas assinaturas no jornal estudantil *O Porvir* (1874).

Sendo aluno do Atheneu Sergipense entre 1873 a 1877, após 8 anos de estudos do Ensino Secundário, em 5 de novembro de 1885, tornou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife. Tentou antes graduar-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, contudo, o clima da cidade não lhe fez bem à saúde, vindo a desistir de tais planos. Dentre os cargos ocupados por ele e sinalizados por Armindo Guaraná (1925), destacam-se: Promotor Público de Mossoró (Rio Grande do Norte) e de Itabaiana (Sergipe); Juiz Municipal de Órfãos de Itabaiana e São Cristóvão; Administrador da Mesa de Rendas Federais em São Cristóvão; Lente de Grego do Ateneu Sergipense; Diretor da Instrução Pública e da Escola Normal de 1898 a 1903; Juiz de Direito de Estância; Juiz de Direito da 1ª vara da Capital.

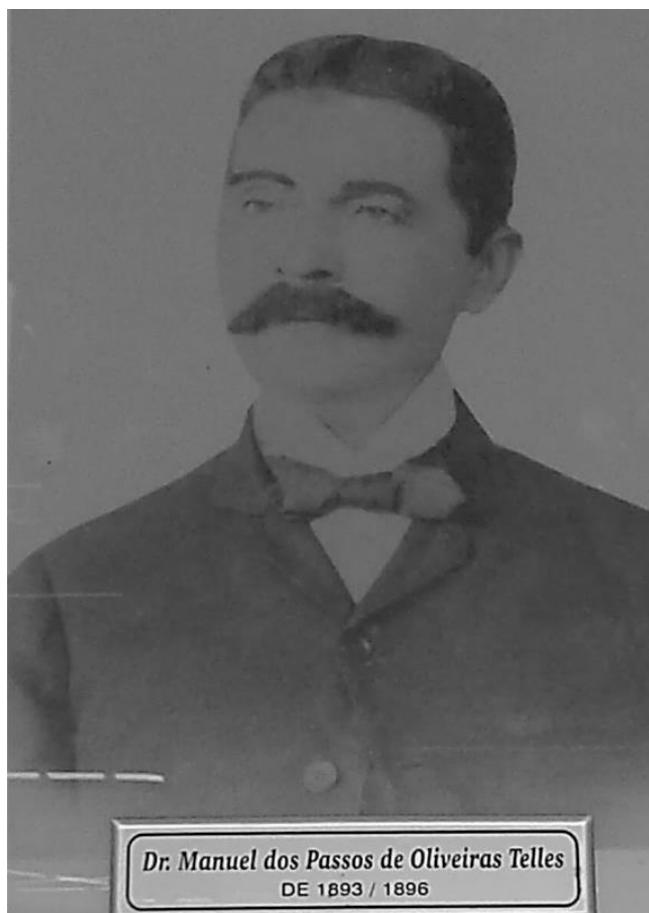
Dentre tantas funções assumidas por Manoel dos Passos de Oliveira Telles, há de se considerar sua relevante colaboração em jornais, sempre assinando também com o pseudônimo de Garcia Moniz. Ainda colaborou em outros jornais: *O Porvir*; *Laranjeirense*; *Gazeta de Sergipe*; *O Estado de Sergipe*.

Assumiu o cargo de diretor no Atheneu Sergipense, de acordo com Alves (2005), e com a legenda do quadro localizado na galeria de diretores do prédio do Atheneu Sergipense. Ocupou esse cargo entre os anos de 1893 a 1896, sendo também professor de Grego em 1898, além de diretor da Instrução Pública e Diretor da Escola Normal entre 1898 a 1903. Foi ainda “sócio correspondente do Grêmio Literário da Bahia, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará (1907) e sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe” (GUARANÁ, 1925, p. 407).

Manoel dos Passos de Oliveira Telles contribuiu com textos significativos sobre a história de Sergipe. Freitas (2004), ao se referir à quantidade expressiva de produção do intelectual, carinhosamente diz que ele era um “sergipanófilo que escrevia ou falava pelos cotovelos e brindou-nos, ainda em vida, com a reescritura dos seus trabalhos na área de história, política, costumes, poesia e crítica literária” (FREITAS, 2004). Em consonância, Guaraná (1925) também se refere a ele afirmando que o mesmo “possuía o dom da palavra fácil na oratória, empolgando os que lhe ouvem nas justas da tribuna” (GUARANÁ, 1925, p. 407).

Dentre as obras citadas por Armindo Guaraná (1925), cabe destacar: Ensaio sobre a Música popular em Sergipe (Aracaju 1899); A imprensa em Sergipe; Publicações de sergipanos em Sergipe; A conquista de Sergipe: Drama histórico em verso.

Figura 4 – Manoel dos Passos de Oliveira Telles



Fonte: Galeria de diretores do Atheneu Sergipense, quadro fotografado em: 10/11/2015.

Já Balthazar de Araujo Goes tinha 21 anos quando esteve envolvido na produção de *O Porvir*. Tornou-se posteriormente professor e era filho de Francisco José de Goes e Maria Rosa de Araujo Melo, tendo nascido em Itaporanga em 30 de outubro de 1856 e falecido no dia 13 de janeiro de 1914 na cidade de Aracaju.³⁵

Segundo Guaraná (1925), ele substituiu em 1872 o professor da primeira cadeira Primária de Aracaju, onde também ensinou gratuitamente no curso noturno de adultos durante dois anos. Guaraná (1925) diz ainda: “Fez parte de várias sociedades instrutivas e de recreio, da maior parte das quais foi fundador. Entre outras em Aracaju, o teatrinho São Salvador; a filarmônica Eutherpe, cujos primeiros mestres foram Felisbello Freire e Joaquim Honório, em

³⁵ Foi considerada a grafia do nome desse colaborador, a partir de suas assinaturas no jornal estudantil *O Porvir* (1874).

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

1874-1877” (GUARANÁ, 1925, p. 84). Com relação a essa última atribuição, há na edição de número 2 de *O Porvir* referente ao dia 9 de agosto de 1874, a transcrição de seu discurso de posse no cargo de diretor, no trimestre de julho a agosto. Em um dos trechos ele expressa:

Senhores, eu tombo sob o peso da honra, da grande, immerita honra que me fizestes, elegendo-me vosso director! Não vóis, não conheceis a minha fraqueza, não sabeis que tenho uma mão inepta, pesada, tardia, para menear as rédeas desta sociedade? A vontade é poder muito maior do que todos os poderes. Sim, corramos pressurosos, ligados pela força da união, e busquemos no cimo do monte das aspirações, a palma auri-loura que Eutherpe tem para nós, que a almejamos. Esse monte é alto; precisamos de animo, coragem, gosto, perseverança, para podermos galgar-lhes o vértice. Esforcemo-nos, e venceremos as dificuldades que se nos antolham! E, se um dia coroados os nossos desejos, a inveja nos imprecara... oh! Demo-lhes a paga que merece – pois Deus não ouve as suas vozes – demo-lhes o desprezo (GOES, 1874a, 3-4).

Nesse período ele era aluno do Curso de Humanidades do Atheneu Sergipense. Ao assumir, pela primeira vez, um cargo de direção, Balthazar mostrava através de seu discurso o desafio que iria enfrentar. Entretanto, finaliza com palavras de incentivo ligadas à ideia de união para a obtenção do sucesso.

Ao terminar o Ensino Secundário, em 1877, Balthazar prestou concurso para um emprego vago na Tesouraria Provincial, no qual serviu pouco tempo, tendo sido provido cinco anos depois na cadeira de Francês e Aritmética de Laranjeiras, vindo, então, segundo Santos (2013), a fundar e dirigir o Liceu Laranjeirense, estabelecimento particular de ensino entre os anos de 1883 a 1888. Foi removido para a cadeira de Português da Escola Normal, restaurada nesse mesmo ano, passando depois para o Atheneu Sergipense.

De acordo com Alves (2005), Balthazar Goes entrou como docente do Atheneu Sergipense no ano de 1890 ocupando a cadeira de Geografia Geral, Astronomia e Português, em distintos momentos, vindo também a ocupar o cargo de diretor da instituição no período de 1901 a 1904, e diretor da Instrução Pública em 1905.

Com a República, Balthazar Goes também foi membro da Junta Provisória, estando à frente de várias iniciativas como o Clube de Letras e Artes, o Clube Democrata (que contava com biblioteca, tribuna de conferências populares e escolas, em que atuaram personagens como Fausto Cardoso), o Clube Republicano e o Liceu Laranjeirense.

Dentre as publicações de Balthazar como jornalista, destacam-se as dos jornais *O Presente* (1877 – 1878), *Correio de Sergipe* (1890), *O Horizonte* (1885 – 1886), *O*

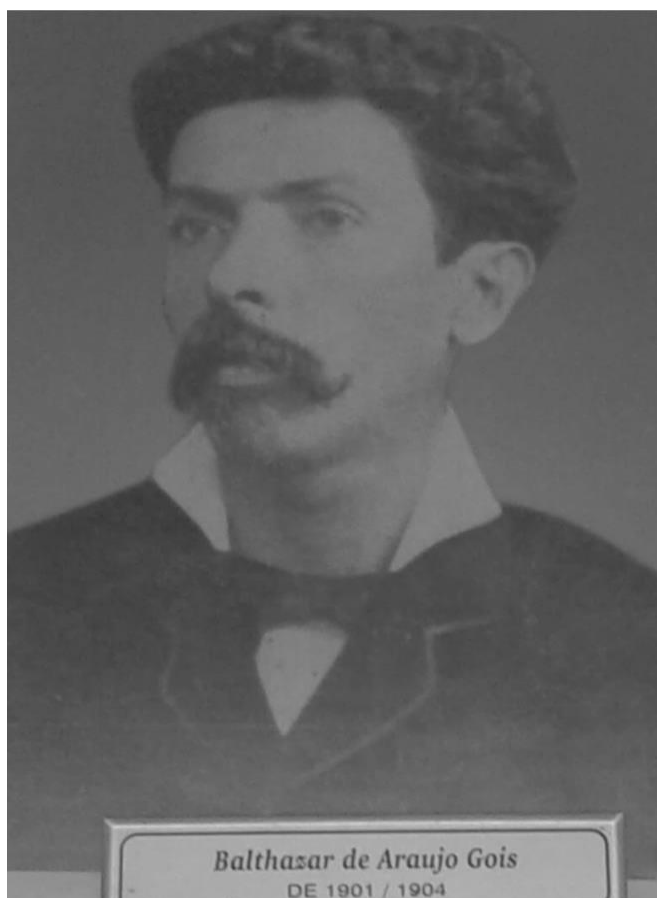
3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Larangeirense (1887 – 1888), *O Republicano* (1888). A maioria dessas publicações estava ligada à política.

Foi no âmbito da educação, no entanto, sua significativa contribuição, sendo, então, o livro intitulado “Apostillas de Pedagogia – Precedidas de algumas noções de Psychologia colhida de bons mestres”, dedicado, segundo Alves (2004), às alunas da Escola Normal, bem como aos colegas do magistério público e particular. (ALVES, 2004, p. 3). A obra é composta por 96 páginas, divididas em três partes: Educação Física, Educação Moral e, Educação Intelectual. Subdivididas em seções e capítulos, antecedidas de “Prolegomenos – Pedagogia e Noções de Psychologia”, finaliza com anexos de modelos de fichas de matrícula, caderneta de nota e prêmio.

Balthazar Goes deixou como professor contribuições significativas com relação, principalmente, ao trabalho prático educacional de professoras normalistas, mostrando em suas obras sobre esse tema elementos necessários para o processo natural de ensino.

Figura 5 – **Balthazar de Araujo Goes**



Fonte: Galeria de diretores do Atheneu Sergipense, quadro fotografado em: 10/11/2015.

Balthazar de Araujo Goes e Manoel dos Passos de Oliveira Telles, portanto, configuraram o quadro de alunos e colaboradores de *O Porvir* em 1874, ambos se formaram professores e voltaram à instituição em que outrora foram estudantes. Lecionaram e também se tornaram distintos diretores, sendo, dessa maneira, agentes propagadores da cultura escolar do Atheneu Sergipense, ora como discentes, ora como docentes.

3.2.2 Eutychio Lins e Amancio Bezerra: de colaboradores a professores

Em contribuição ao primeiro jornal estudantil do Atheneu Sergipense, destaca-se também o aluno Eutychio de Novais Lins, que estava com 22 anos em 1874. Era filho de Joaquim de Pádua Lins e Maria Joaquina de Pádua Lins. Nascido em 30 de maio de 1852 na cidade de Lagarto, faleceu em Aracaju no dia 22 de março de 1918.³⁶

Autor de um texto polêmico intitulado “A Palmatória”, publicado no número de edição 3, do dia 16 de agosto de 1874 em *O Porvir*. O texto chama atenção pelo tom de indignação do estudante ao falar sobre o uso prejudicial da palmatória, tão presente nas escolas naquele momento³⁷.

De acordo com Santos (2013), Eutychio Lins, após estudar Português e Latim na terra em que nascera, abriu então um curso particular, e, logo em seguida, lecionou no Ensino Primário, vindo a solicitar licença para matricular-se na Escola Normal, formando-se no ano de 1874. O autor informa:

Concluído o Curso Normal, prestou concurso retornou à cadeira do povoado Santo Antonio, sendo desta vez declarado professor vitalício. E, 15 de dezembro de 1884, foi removido para a cidade de Estância. Jubilou-se menos de cinco anos depois e passou a integrar a classe de inativos do magistério. Mudou-se para Bahia e lá se empregou como guarda-livros e caixa de uma farmácia (SANTOS, 2013, p. 52).

Dentre outras atribuições exercidas, Eutychio Lins, ao retornar para Sergipe em 1890, ocupou o cargo de Tabelião de Notas, Oficial do Registro Geral de Hipotecas e guarda-livros do Banco Emissor da Bahia em Aracaju, até que se tornou professor da própria instituição em que outrora fora aluno, dando entrada como docente no ano de 1904, com 52 anos de idade.

³⁶ Foi considerada a grafia do nome desse colaborador, a partir de suas assinaturas no jornal estudantil *O Porvir* (1874).

³⁷ Sobre esse assunto, será abordado mais profundamente na próxima seção.

Tornando-se, dessa forma, professor interino de Aritmética e Álgebra, sendo nomeado no mesmo ano professor vitalício de Aritmética Elementar.

Segundo Guaraná (1925), “a 26 de fevereiro de 1909 foi convidado pelo Diretor do Banco de Sergipe para ser guarda livros, servindo nesse lugar até 1911, sem prejuízo das suas funções de lente” (GUARANÁ, 1925, p. 148). Ele também assumiu a regência da cadeira de Português do 1º e 2º ano, permanecendo até a data do seu falecimento

Para se entender as mudanças de cadeiras a que Eutychio Lins se submeteu, vale considerar que era comum aos professores do Atheneu Sergipense permutar de cadeiras, uma vez que estivessem vagas, e que requerer ao Governo com um parecer favorável da congregação. Segundo Alves (2005), a história desses professores e trâmites vividos na instituição são capazes de desvendar a cultura presente no ambiente escolar daquele momento. Dentre suas publicações citadas por Guaraná (1925) estão: *Corografia do município de Lagarto* e *Palavras do coração*.

Outro colaborador do jornal que viera se tornar professor do Atheneu Sergipense posteriormente é Amancio Bezerra. Tinha ele 27 anos quando contribuiu com dois artigos no jornal estudantil *O Porvir*. Era filho de Amancio José da Paixão e Maria Joaquina do Sacramento Bezerra, nascido em 3 de fevereiro de 1847 e falecido em Aracaju no dia 1 de agosto de 1909.³⁸

Segundo Guaraná (1925), Amancio Bezerra formou-se em Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1873, mas, ao retornar a Sergipe, não exerceu sua profissão, pois era atraído por política e a advocacia, a que se dedicou quase que exclusivamente durante muitos anos. A partir desse fato, suponho que suas colaborações no *O Porvir* tenham se dado por meio da rede de sociabilidade em que estava inserido.³⁹

A entrada de Amancio Bezerra no Atheneu Sergipense como professor se deu através de concurso realizado no ano de 1897, quando já estava com 50 anos de idade. Alves (2005) descreve:

Aos vinte dias daquele mês, o farmacêutico Guilhermino Amâncio Bezerra defendeu a sua tese sobre o Ar Atmosférico, seguindo das provas escritas e orais. Avaliado sobre o seu desempenho, por escrutínio secreto, o candidato foi aprovado com distinção, tomando posse perante a Congregação a 1º de março daquele ano. Este era, pois, o segundo professor das Ciências Físicas,

³⁸ Foi considerada a grafia do nome desse colaborador a partir de suas assinaturas no jornal estudantil *O Porvir* (1874).

³⁹ Sobre redes de sociabilidade Cf. SANTOS (2013).

3 PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES: O IMPRESSO ESTUDANTIL COMO COMPONENTE DA CULTURA ESCOLAR

Químicas e Naturais do Atheneu Sergipense, com a ressalva de ser o primeiro a ter prestado concurso para essa cadeira (ALVES, 2005, p. 117).

Antes de sua carreira como lente do Atheneu Sergipense, Amancio Bezerra também exerceu outros cargos como Promotor Público, Deputado Provincial e Estadual, Secretário da Polícia e Procurador Fiscal do Tesouro do Estado.

Iniciou suas colaborações em jornais ainda no ano de 1864 “na cidade de Laranjeiras no hebdomadário *A Coluna do Trono*, redigido pelo Bacharel Domingos de Oliveira Ribeiro, de quem recebeu as primeiras lições sobre ciências jurídicas” (GUARANÁ, 1925, p. 211).

Dentre suas obras citadas por Guaraná (1925) estão: *Ar Atmosférico*; *Executivo-hipotecário*; *Ação de demarcação de terrenos particulares*, colaborando ainda em jornais como: *A Tribuna* e, *Folha de Sergipe*.

Diante do exposto, fica evidente que esses estudantes fizeram parte da cultura escolar do Atheneu Sergipense, contribuindo, conseqüentemente, para elencar pontos da História da Educação em Sergipe. Na condição de alunos, escreveram artigos no jornal *O Porvir*, que refletem suas aspirações intelectuais com abordagens diretamente ligadas ao que entendiam sobre educação. E, como profissionais deixaram marcas na história da instituição, com reflexos de suas atuações e contribuições, para o desenvolvimento cultural e educacional de Sergipe.

4 “O ESTUDO, O LIVRO E O MESTRE”: TEMAS EDUCACIONAIS EM *O PORVIR*

O estudo é um caminho que nos conduz à plena posse da sabedoria e das virtudes. O estudo torna suportáveis todas as horas amargas da existência, e acalma as perturbações do ânimo. [...] consideremos que o livro e o mestre são as alavancas da civilização e ambicionemos o progresso das letras, a difusão dos livros, o engrandecimento e o prestígio do mestre (MENEZES, 1874, p. 2-3).

Entre as páginas do jornal estudantil *O Porvir*, é possível perceber as reflexões e opiniões abordadas nos escritos dos colaboradores sobre a educação e instrução como mecanismos de sucesso para a vida humana. Os textos abordam expressões incentivadoras ao estudo, considerando-o “arma combatente da ignorância”, via de acesso ao “caminho de luz”.

Com o objetivo de identificar e analisar assuntos abordados no impresso, a fim de proporcionar uma visão acerca dos escritos estudantis que circularam nesse periódico no ano de 1874, procurei destacar na presente seção os escritos relacionados ao debate educacional vistos em *O Porvir*, averiguando também questões que se tornaram motivos de divergência entre opinião de associados. Para tanto, busquei mostrar nos quadros que sucedem, resumos de escritos publicados no jornal separados por títulos. Em suma, os artigos abordam a concepção que aquele grupo de alunos possuía sobre o caminho promissor que só a educação, segundo eles, poderia oferecer.

Nesse período, o ensino encontrava-se “sob o domínio das letras”, os jovens preparavam-se para exercitar pensamentos geralmente ligados à moral, religião e, sobretudo, à literatura. As cadeiras ofertadas no Atheneu Sergipense, nesse momento, por exemplo, estavam ligadas às gramáticas, tradução de línguas e análise de clássicos.⁴⁰ A esse respeito, Souza (2008) explica:

O que se encontrava em questão não era apenas o modo de produção do conhecimento, mas essencialmente a forma de se conceber o mundo e a relação dos homens com o saber. Nesse sentido, a cultura literária caracterizava-se pela predileção pela retórica, a expressão, a sensibilidade linguística, o bom gosto e o estilo, a valorização dos sentimentos que exprimiam a natureza humana, o autoconhecimento (SOUZA, 2008, p. 95-96).

Consequente, os artigos divulgados em *O Porvir*, em sua maioria giravam em torno do incentivo à jovem camada estudantil para seguir o caminho intelectual dos estudos. A expressão do aluno Capitolino H. da Costa é um exemplo a esse respeito:

O amor as letras, e o desejo vehemente de pertencer à classe ilustre dos lidadores da imprensa, arvore bem-dita do senhor, - que promete aos seus cultivadores fructos perfumados e doces, que não se assemelham aos pomos do mar-morto, cujo sabores são cinzas, levantam-me entusiasmado e deslumbrado pela magnificência da idea que deu vida à este periódico, para

⁴⁰ Segundo Alves (2005), as cadeiras que constituíam o curso de Humanidades eram Gramática Filosófica da Língua Nacional e Análise de Clássicos; Gramática e Tradução da Língua Latina; Gramática e Tradução da Língua Francesa; Gramática e Tradução da Língua Inglesa; Aritmética, Álgebra e Geometria; História e Geografia; Filosofia Racional e Moral, e Retórica e Poética. Já o Curso Normal era constituído de cadeiras como Gramática Filosófica e da Língua Nacional e Análise de Clássicos, Pedagogia, Aritmética e Geometria e História e Geografia (ALVES, 2005, p. 256-257).

não só acudir ao chamado dos modernos combatentes, como também para obedecer as incessantes pulsações de meu coração.

[...] Havemos de prosseguir, ardente e cego, como tudo que começa, embora a altivez de nossa linguagem não agrade a todos; agradará maravilhosamente aos vãos de nossa alma, e pode encantar o espírito tão divinamente, como os deuses de Virgílio e Homero (COSTA, 1874a, p. 1).

Escritos como esse revelam alguns princípios seguidos pelos alunos. Percebi três palavras recorrentes nos textos, que julguei chave para se entender sobre o que o grupo defendia e acreditava para o alcance do sucesso: estudo, fé e perseverança. Os estudantes se apropriavam da ideia de que era preciso que essas três palavras caminharem juntas a fim de se alcançar um futuro promissor.

A moral e a religião estavam estritamente ligadas à ideia de educação. No texto do estudante José Ricardo Cardoso, nota-se a total crença em Deus, na obtenção da “verdadeira” instrução.

O Porvir – será um astro de ruínas, se ao pé da palavra sciencia riscarmos a palavra virtude; se ao pé da palavra razão riscarmos a palavra fé; se ao pé da palavra humanidade riscarmos a palavra Deos. Sciencia, virtude, razão, fé, humanidade e Deus – eis a divisa de nossa bandeira na sublime e gloriosa tarefa do – Porvir. O futuro pertence a Deos, portanto caminhemos, caminhemos que com a mão vigorosa de sua divina providencia nos distribuirá os louros, única recompensa as fadigas desta mocidade (CARDOSO, 1874b, p. 2).

Nesse período, explica Souza (2008), existia um debate entre cultura literária e ciência, esta última fundamentada em princípios racionais, objetivos, de experimentação, observação empírica e conhecimento da natureza sem intermediação espiritual. Contudo, “o fascínio pela cultura literária contava com a ampla aceitação no círculo restrito da elite letrada brasileira”. A cultura literária mostrava-se sobretudo em “[...] um modo de ser requintado, elegante, civilizado, compartilhado pelas elites internacionais.” (SOUZA, 2008, p. 97).

Os colaboradores e escritores se entusiasmavam uns aos outros, através dos ensaios publicados em *O Porvir*. Outro artigo também escrito por Capitolino H. da Costa retrata devidamente a assertiva:

Recolhamo-nos ao recinto de nosso gabinete, escogitemos bem, e depois apareceremos, como o mergulhador do Oriente, trazendo das profundezas oceânicas as perolas que lá encontrarmos, porque assim, não só teremos derramado muita luz em nosso espírito, como teremos legado à nossa pátria uma forte alavanca para com ella, mais tarde, fulminar os inimigos de nossa tranquilidade. Não é só com a lamina da espada metálica que se desbarata o inimigo não; é também com a espada da intelligencia, essa precursora infalível de nosso pensamento, fonte perene onde se tem afogado os mais ousados

guerreiros conforme nos aponta a historia! Assim pois, devemos trabalhar e trabalhar com perseverança; porque é desse lidar incessante que havemos de colher os fructos que nos promettem nossas dedicações e esforços (COSTA, 1874b, p. 1).

A maioria desses textos contribuiu para o entendimento das apropriações que esses alunos utilizavam para representar o que Chartier (1990) chama de “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.” (CHARTIER, 1990, p. 17). Ou seja, apresentavam suas convicções de forma que discutiam entre eles mesmos assuntos ligados principalmente ao ensino.

O espaço conquistado no jornal *O Porvir* por aquele grupo de associados fora utilizado também como forma de expor “as discussões” realizadas entre eles próprios, algumas em consonância e outras divergentes. Com isso, os estudantes mostraram, através dos seus artigos, parte da cultura escolar presente naquele momento, considerando nesse sentido que “as culturas escolares resultam da ação dos sujeitos que fazem a escola” (BENCOSTA, 2010, p. 40). Como já mencionado, os alunos consideravam o jornal *O Porvir*, um veículo de produção de seus escritos, deixando claro que esse tipo de atividade fazia parte da cultura estudantil do Atheneu Sergipense naquele momento.

4.1 UM ESPAÇO “LIVRE” PARA A PRODUÇÃO ESTUDANTIL: O JORNAL EM SEU CONTEÚDO

De fato, o impresso *O Porvir* divulgava artigos literários e recreativos, que giravam em torno, primordialmente, dos valores morais, religiosos e educacionais. Por meio dos artigos, percebe-se a valorização ao debate educacional como prática de uma cultura escolar daquele momento. Por isso, de um total de oitenta e oito publicações nos doze números de edições do ano de 1874, entre artigos, anúncios, notícias e poemas, contabilizei cinquenta e sete relacionados à educação. São textos que representam a ideia que se tinha sobre esse tema, apreciando histórias com ensinamentos sobre o cotidiano, poemas, artigos literários, tradução de textos etc.

Um exemplo são os textos intitulados “O Porvir”, presentes em todos os números de edições aqui analisados, considere-os “seção de abertura” das edições. Os escritos publicados com esse título eram assinados geralmente pelos redatores responsáveis de cada mês. Em sua maioria, configuravam artigos relacionados diretamente ao debate principal representado no periódico, ou seja, o enaltecimento do estudo, vinculado aos assuntos de fé e

virtude. Segue quadro com os autores de cada escrito com esse título e um resumo geral sobre do que se tratam os artigos:

Quadro 6 – Artigos Intitulados “O Porvir” (1874)

Edição	Autor	Título	Resumo
2 de agosto, nº 1, p.1	Eutychio Lins	O Porvir	Artigos que discorrem sobre os propósitos do impresso <i>O Porvir</i> com palavras de incentivo aos colegas consócios a fim de não desistirem de tal prática empreendida. Bem como, sobre assuntos relacionados ao debate educacional que em sua maioria versam sobre importância reconhecida pelos alunos com relação ao ensino, vinculado, em sua maioria, ao discurso moral e religioso.
9 de agosto, nº 2, p. 1	Manoel Alves Machado		
16 de agosto, nº 3, p. 1	José Ricardo Cardoso		
23 de agosto, nº 4, p. 1	Capitolino H. da Costa		
30 de agosto, nº 5, p. 1	Capitolino H. da Costa		
6 de setembro, nº6, p. 1	Capitolino H. da Costa		
13 de setembro, nº 7, p. 1	Mathusalém Cardoso		
20 de setembro, nº 8, p. 1	Silverio Fontes		
27 de setembro, nº 9, p. 1	José Ricardo Cardoso		
4 de outubro, nº 10, p. 1	Felisbello Junior		
18 de outubro, nº 11, p. 1	Amancio Bezerra		
17 de novembro, nº 12, p. 1	Ramalho Silva		

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das edições analisadas em *O Porvir* (1874)

Outra seção presente em boa parte das edições, foi a intitulada “Literattura” ou “Parte Litteraria”, somando um total de nove escritos, sendo sete deles relacionados aos assuntos sobre educação, fé e moralidade e mais dois resultantes de discursos proferidos pelos próprios alunos, o primeiro referente à abertura da sociedade e criação do *O Porvir*, feito por José Ricardo Cardoso. E outro pronunciado por Felisbello Junior.

Quadro 7– Artigos Intitulados “Literattura/ Parte Litterária” (1874)

Edição	Autor	Título - Literattura/ Parte Litterária	Do que se trata?
2 de agosto n°1, p. 2	José Ricardo Cardoso	Discurso	São dois discursos proferidos pelos próprios colaboradores de <i>O Porvir</i> , um em solenidade de posse no cargo de presidente da Sociedade Eutherpe Aracajuana de Música, e outro sobre insatisfações quanto à direção da sociedade. Os outros são artigos escritos com considerações a respeito de temas sobre a educação, natureza e divindade, com pontuações a respeito de posturas “ideias” à condição estudantil do momento.
16 de agosto, n° 3, p. 2	Felisbello Junior	Discurso	
23 de agosto, n° 4	Amancio Bezerra	“Sobre a cultura das sciencias”	
30 de agosto, n°5, p. 2	Manuel Alves Machado	“A perseverança”	
6 de setembro, n° 6, p. 2	Silverio Fontes	“A poesia”	
20 de setembro, n° 8, p.2	Manoel dos Passos de Oliveira Telles	“A gloria”	
27 de setembro, n° 9, p. 2	José de Menezes	“O estudo, o livro e o mestre”	
4 de outubro, n° 10, p. 2	Manoel Alves Machado	“O diluvio”	
18 de outubro de 1874, n° 11, p. 2 e 3	Manuel Alves Machado	“A natureza”	

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das edições analisadas em *O Porvir* (1874)

O discurso proferido por Felisbello Junior está ligado à sociedade Eutherpe Aracajuana de Música. Onde ele assumia o cargo de mestre e demonstra, através de seu discurso, descontentamentos com a aprendizagem dos consócios, por um lado, segundo ele, existiam os deveres escolares a serem realizados pelos membros da sociedade, e por outro a falta de experiência do mestre que ali estava à frente. Referindo-se apenas ao pronome de tratamento “snr. Presidente”, fica evidente que ele se refere a figura de Balthazar Goes, uma vez que fora publicado no número de edição anterior do jornal seu discurso de posse na mesma sociedade, como já mencionado na seção antecedente. O texto intitula-se:

DISCURSO

PROFERIDO POR BALTHAZAR DE ARAUJO GOES, NA SOCIEDADE EUTHERPE ARACAJUANA, QUANDO TOMOU POSSE DO CARGO DE DIRECTOR DA MESMA, NO TRIMESTRE DE JULHO A OUTUBRO. (GOES, 1874, p. 3).

Possivelmente, por se tratar de um fato significativo para os sócios de *O Porvir*, tendo em vista a ocupação de um colaborador do impresso como presidente numa sociedade musical de Aracaju, trataram em publicar seu discurso de posse.

Sendo mais arriscada, levanto a hipótese de que os redatores de *O Porvir* quisessem chamar a atenção dos leitores para um tema polêmico, uma vez que o discurso de Felisbello mostra também insatisfação à atuação de Balthazar Goes. Notei através do cabeçalho, que o discurso deste último fora proferido em julho e publicado somente em agosto, sendo que, na edição seguinte, havia a publicação da fala de Felisbello Junior em uma reunião convocada por ele na sociedade Eutherpe sem indicação de data, provavelmente mais próxima do dia de publicação com relação ao primeiro discurso. Transparece, dessa maneira, que o primeiro fora publicado para, de certo modo, explicar a abordagem do segundo.

No primeiro discurso, Balthazar Goes inicia sua fala de forma insegura ou com falsa modéstia, uma vez que, era comum à retórica da época se comportar como tal:

Compreendo o motivo da reunião de hoje. Faz-se uma sessão para a posse de novos eleitos aos lugares que vão ser tão perfeitamente preenchidos, com excepção de um. E porque? Porque razão, senhores não escolhestes um outro, cujos méritos e habilitações mais eminentes vos podessem conduzir mais rectamente, e soubessem melhor procurar uma arvore, em cujos ramos esta mimosa Eutherpe, suave rouxinol aracajuano, podesse a seu talento desferir melodias? [...] Meus consócios, vós deveis a má direcção que ides ter, ás vossas vontades mesmas (GOES, 1874a, p. 3-4).

A partir desse trecho dito inicialmente, Balthazar Goes, deixa claro que seria a vontade dos sócios de o eleger para o cargo, possivelmente através de voto. Ao falar da significância que tinha a sociedade Eutherpe para o desenvolvimento da música em Aracaju, considerando-a uma das mais belas artes, ele afirma:

Meus senhores, si meu intento é, de harmonia, com todos vós, fazer uma jornada direita, na direcção da sociedade, tendo por fanal os nossos estatutos, e isto por conveniencia da mesma sociedade; vós também deveis me acompanhar, neste intento tão nobre concorrendo as sessões, sem apresentar vãs escusas, sem faltar ao mutuo respeito que nos devemos (GOES, 1874a, p. 4).

Com esse discurso, Balthazar deixa claro que sua atuação seria baseada nos estatutos aprovados pelos próprios associados. Concluindo, ele apontou ainda o esforço dos colegas para se unirem mantendo o respeito a fim de, então, vencerem as dificuldades.

Com relação à atuação de Balthazar Goes na mesma sociedade, Felisbello Junior profere algumas palavras que podem ser lidas no número de edição seguinte:

LITTERATURA

DISCURSO

PROFERIDO NA SOCIEDADE EUTHERPE ARACAJUANA PELO MESTRE DE MÚSICA DA MESMA, FELISBELLO F. DE O. FREIRE JUNIOR

E' a primeira vez que ousou levantar-me na presença de um nobre auditório, como o desta sociedade para proferir um discurso.

O cargo que occupo inhabilmente nesta casa impõe-me este dever.

[...] Força é confessar snr. Presidente, a nobre Sociedade Eutherpe Aracajuana vae marchando a passos vagarosos pela estrada da aprendizagem, entre a inveja e a critica, dous grandes elementos para a conservação e vitalidade das organizações sociaes.

Os deveres escolares dos dignos consócios que me ouvem são por um lado a causa d'esse vagar que noto em seus passos, e por outro a imperícia e fraqueza do mestre que escolhestes para pôr a frente, meus senhores. (FELISBELLO JUNIOR, 1874, p. 2-3).

Possivelmente Felisbello Junior encontrava-se insatisfeito com a atuação de Balthazar Goes como Presidente. Após o trecho citado, Felisbello declara a relevância da música e sua evolução ao longo da história e provoca, “Oh! E quem não procura instruir-se n'esta arte onde se encontra tranquilidade para o espírito, arrombamento para a alma, extases e sensações deleitosas para o coração?” Após a indagação, ele conclui incentivando a mocidade ao estudo, aconselhando: “estudae, estudae meus senhores, que o estudo é o sustento da intelligencia” (FELISBELLO JUNIOR, 1874, p. 2-3).

Suponho que a publicação desses discursos, além de configurar-se como meio de levantar polêmicas entre os parceiros de sociedade, também estivesse ligada ao exercício da prática jornalística, no que diz respeito ao ouvir e repassar o que foi dito para a escrita, bem como práticas da oratória, apreendidas possivelmente nas aulas do professor Brício Cardoso, uma vez que dois discursos foram intitulados também como literatura ou parte literária.

Com relação à parte poética existente no periódico, são poucas as publicações a esse respeito, sendo contabilizadas somente quatro, ao longo das doze edições.

Quadro 8 – Poesia, Poema e Canto (1874)

Edição	Autor	Título	Resumo
16 de agosto, nº 3, p.3	Thomaz dos Passos Guedes	Queixumes	Poema amoroso
20 de setembro, nº 8, p.3	Sem Autor	Parte Poética	Poesia recitada na cidade de Laranjeiras pela jovem Maria Mariscotti de Moares e Ismael Cardoso de 8 anos de idade em comemoração ao sete de setembro
27 de setembro, nº 9, p. 3	Til – pseudônimo	Cântico da Velhice – (Prosa Cadenciada)	Prosa sobre as impressões vividas por uma pessoa mais velha
1 de novembro, nº 12, p. 4	Antônio de Oliveira Freitas	Sem Título	Letra de um “Canto” sobre as experiências de uma pessoa mais velha.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das edições analisadas em *O Porvir* (1874)

Um exemplo diz respeito ao escrito intitulado “Queixumes”. O texto relacionado ao tema romântico é o único encontrado na coletânea de 1874. Existem também outras duas poesias publicadas no número de edição 8, essas relacionadas aos festejos do dia 7 de setembro, recitadas na cidade de Laranjeiras. Com esse tipo de publicação, é possível perceber, no âmbito das representações sociais do cotidiano escolar, que existia um valor da literatura na formação brasileira.

Nesse tipo de produção, destaca-se também a publicação de uma prosa, assinada com o pseudônimo “Til”, que trata das impressões de uma pessoa mais velha sobre a vida, como também a letra de uma música escrita por “Dr. Augusto José de Lemos” agradecendo ao artista João Miguel de Farias em virtude do benefício prestado no teatro do asilo Nossa Senhora da Pureza.

Destaquei a seguir uma dessas produções:

Queixumes

Lembras-te ainda, carinhosa virgem
 Apoz a lava qu’em teu peito ardia
 Das juras mil que me fizeste, bella,
 A luz já baça do cahir do dia?

Oh! Se te lembras!... que palavras meigas
 Dos ternos lábios desprendeste então!...
 Depois, meu anjo de infantil candura
 Fugir quiseste... mas quiseste em vão!...

Ai! quantas vezes teos cabelos lindos
 Bafejados foram pela doce aragem!...

E quer d'elles no cristal do arroio,
Me desenhava tua linda imagem!...

E n'estas tardes de saudoso enlevo,
Só divagando em jardins de flores,
Que voz tão bella, que toda magica
Nos vinha alegre segredar amores!...

Agora pomba! que sorriso preto...
Deixa qu'eu louco, chammejando ardor
Te dê na face um modesto beijo,
Embriague-me, delirando amor!...
(GUEDES, 1874, p. 3) ⁴¹

O quinteto citado retrata bem a evocação das sensações, características da poesia. Nesse caso, um escrito direcionado aos sentimentos amorosos por uma mulher, assinado por Thomaz D'A. dos P. Guedes. Esse nome não fora citado em nenhum outro número de edição do ano de 1874, nem localizado dentre as Atas da congregação do Atheneu Sergipense analisadas do período aqui estudado, tampouco no Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná. Trata-se, possivelmente, de um pseudônimo, apesar de estar escrito com um nome pessoal completo, pois geralmente os pseudônimos eram assinados com um ou dois nomes próprios.

Assuntos relacionados às atividades desenvolvidas nas festividades da sociedade, como as do dia 7 de setembro e 24 de outubro também foram publicados. Esse tipo de publicação pode contribuir para o entendimento dos valores e respeito ao patriotismo presente na cultura escolar naquele momento. Os escritos mostram que essas atividades estavam ligadas aos costumes culturais desenvolvidos no período. Os colaboradores também publicaram assuntos relacionados à Instrução Pública, destacados no quadro:

⁴¹ Ver em Anexo E - ilustração de poesia em *O Porvir* (1874).

Quadro 9 – Artigos sobre Instrução Pública, Independência do Brasil e Emancipação Política de Sergipe (1874)

Edição	Autor	Título	Resumo
2 de agosto, nº1, p.1	Sem autor identificado	Tributo ao mérito	Anúncio sobre solenidade de cerimônia no Atheneu Sergipense contando com a presença de servidores da Instrução e seu diretor Dr. Manuel Luiz Azevedo de Araújo.
16 de agosto, nº 3, p.2	Sem autor identificado	Noticiário – Instrução Pública da Província	Notícia sobre a reforma da Instrução por Antonio dos Passos Miranda. Mostram-se ansiosos por melhorias nesse ramo do serviço público.
6 de setembro, nº 6, p. 4	Sem autor identificado	A reforma da instrução pública	Texto curto abordando a ansiedade da reforma da Instrução Pública, levantando algumas considerações a respeito do Presidente da Província Antonio Passos Miranda, afirmando ser ele “jovem amante do progresso das letras” mostrando confiança na tal reforma.
13 de setembro, nº 7, p.1	Sem autor identificado ⁴²	7 de setembro	Texto sobre a independência do Brasil.
27 de setembro, nº 9, p.1	Capitolino da Costa	24 de outubro	Notícia sobre a emancipação política de Sergipe
4 de outubro, nº 10, p. 3	Sem autor identificado	24 de outubro	Anúncio sobre a criação de um corpo patriótico composto pelos estudantes do Atheneu Sergipense com o título de “Legião das letras” a fim de saudarem o dia 24 de outubro
1 de novembro, nº 12, p. 1 e 2	Capitolino H. da Costa	24 de outubro	Texto sobre o significado do dia 24 de outubro para os sergipanos, com homenagens à Província.
1 de novembro, nº 12, p. 2 e 3	Balthazar Goes	Colaboração – Descrição dos festejos do dia 24 de outubro de 1874	Descrição sobre os festejos do dia 24 de outubro

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das edições analisadas em *O Porvir* (1874)

Com relação à Instrução Pública, foram publicadas duas notícias no jornal *O Porvir*. Em 1874 esse “ramo do serviço público” passou por uma reforma, de iniciativa do novo diretor Antonio dos Passos Miranda. A esse respeito, os redatores do jornal trataram desse assunto de maneira breve: um anunciando que o Presidente iria tratar de reformar a Instrução Pública da Província naquele momento; e outro, comunicando que esperavam ansiosos os breves “melhoramentos” da reforma principalmente à infância e aos professores primários. Para se

⁴² Não foi possível identificar o autor por não constar as páginas 2 e 3 da referida edição na coletânea referente ao ano de 1874.

entender melhor essa reforma, destaquei a citação de Alves (2005) que se refere ao discurso do então Presidente na Assembleia Legislativa naquele momento:

Cinco anos vão caminho fora [...] O ensino primário não avantajou-se. [...] O curso normal definhava, porque faltava-lhe autonomia própria, ensino mais desenvolvidos, que oferecesse habilitações mais largas áquelles que se dedicassem ao magistério. Cheio de fé entendi que devia separar o curso normal do curso de humanidades, e separei-o criando a escola normal. Foi por ventura imprudente? Não, não e não! Era mister elevar a instrução primária [...] era mister o leito das agonias o ensino primário da província. [...] As novas condições da escola normal dar-nos-hão a excellencia do magistério. A excellencia do magisterio salvará o ensino elementar. A escola normal tem agora um curso de trez anos em seis cadeiras [...] A Directoria da escola esta em mãos mui hábeis, pois que gratuita e patrioticamente ocupa o lugar de Director o vosso distincto colega Dr. Manoel Pereira Guimarães. [...]. (MIRANDA, 1875, *apud* ALVES, 2005, p. 80).

A partir da citação, fica clara a medida tomada pelo Presidente da Província a fim de separar os dois cursos oferecidos no Atheneu Sergipense, procurando criar uma Escola Normal. Os colaboradores, ao publicar a notícia, mostraram-se em concordância com tal iniciativa, escrevendo: “Seja pois bem vinda a reforma da instrução publica primaria, que diga-se será digna do louvor geral. Especial agradecimento dos internados, pelos benefícios que deve o seu andar ao magistério e á instrução” (A REFORMA..., 1874, p.4)

Já com relação à data de 24 de outubro, quatro escritos foram intitulados diretamente sobre o assunto. É perceptível a valorização do marco histórico sergipano pelos colaboradores dos artigos. Em um deles, assinado por Capitolino H. da Costa, é possível notar a satisfação em elucidar sobre o tema:

Assomou nos horisontes sergipanos o sempre lembrado dia 24 de outubro! Assomou o dia em que os sergipanos cheios de jubilos saudam com enthusiamo a phase mais gloriosa de sua vida! Este venturoso dia exprime, nos corações de seus filhos, o mais ingente heroismo e a mais bella tradução de seus nobres sentimentos. E' que os filhos desta pequena zona do imperio de Santa Cruz, jamais consentem que o dia de sua emancipação fique esquecido nas dobras dolorosas do pretérito, sem uma demonstração de regosijo á que têm incontestaveis direitos aos dias faustosos! [...] Sergipe, nós te saudamos, e te acompanharemos sempre, como sombra ao viajor, em demanda de tua prosperidade e engrandecimento; e te prometemos gravar, no fundo intimo, como particula santa de um povo, tudo que concorrer para a exaltação de teus grandes sentimentos (COSTA, 1874e, p. 1).

A data era festejada com homenagens realizadas pela sociedade durante todo o dia. É possível encontrar ainda, no número de edição 12, uma descrição feita por Balthazar Goes sobre os festejos referentes a esse dia.⁴³

⁴³ Ver em Anexo D - Ilustração do artigo completo sobre os festejos do dia 24 de outubro de 1874.

[...] Nos é doce fazer uma analyse, ou melhor a narração dessa festa. O carro que conduzia o caboclo que annunciava aos sergipanos a sua liberdade e, não era nenhuma obra prima d'arte, mas satisfazia as necessidades do momento. Havia-se projectado com antecedência 4 batalhões - o dos estudantes, o dos artistas, o dos comerciantes e os dos empregados publicos; não se tendo apresentado o primeiro dos dous últimos, e tendo sido o segundo apenas uma mui pequena fracção, quasi todos a cavalo. As 10 horas do grande dia, formavam-se os dois batalhões - artístico e litterario - o primeiro junto a matriz nova, o segundo junto ao edificio do Atheneu Sergipense. Commandava aos artistas o snr. Claudimiro, e tinham na frente de seu batalhão a musica de crianças laranjeirenses, dirigida pelo snr. Manoel Bahiense; ao dos estudantes, por feliz e acertada escolha, o illm. Snr. Moura Mattos, digno lente do Atheneu; e ia-lhe na vanguarda a sociedade Eutherpe Aracajuana, que apesar de principiante, se offerecera a sahir com a legião das letras, esforçando-se algumas semanas antes por ensaiar algumas peças. O snr. Felisbello, mestre desta musica, também estudante do Atheneu, preparou para tocarem na rua a moços, que pode-se dizer - tinham a dias deixado a artinha musical (GOES, 1874b, p. 2).

Essas comemorações eram realizadas nas ruas do centro da capital da Província. O respeito daqueles alunos às comemorações torna-se perceptível por meio dos escritos. Nota-se o envolvimento dos professores e alunos do Atheneu Sergipense em tais solenidades, podendo ser considerados, dessa maneira, vestígios das práticas escolares estabelecidas historicamente na instituição.

Os alunos divulgavam assuntos relacionados ao cotidiano em que estavam inseridos, ligados, portanto, ao debate educacional. Alguns eram publicados com títulos variados, sem indicação alguma sobre seção; outros apresentavam-se sem título, mas a essência mantida em quase todos eles era a mesma: despertar nos leitores incentivos aos estudos, considerando o jornal *O Porvir* instrumento auxiliar para se alcançar tal êxito.

Quadro 10 - Artigos com e sem Títulos sobre Assuntos Variados (1874)

Edição	Autor	Título	Resumo
9 de agosto de 1874 n° 2, p.2	Balthazar Góes	Discurso	Discurso de posse de Balthazar Góes na sociedade Eutherpe Aracajuana de Música
16 de agosto de 1874 n° 3, p.1	Eutychio Lins	A Palmatória	Trata-se do uso prejudicial, segundo o autor, da palmatória como instrumento utilizado para castigar os alunos por conta das faltas cometidas.
23 de agosto de 1874 n° 4, p. 2	José de Menezes	Aos romeiros do progresso	Aborda em todo o texto palavras de incentivo aos organizadores de <i>O Porvir</i> , a fim de não deixar tal iniciativa se extinguir.
23 de agosto de 1874 n° 4, p.3	Félix Barreto	A ociosidade	Discorre sobre a ociosidade, afirmando configurar-se em vício prejudicial ao desenvolvimento intelectual. O autor escreve de maneira que estimula os parceiros de <i>O Porvir</i> ao trabalho.
6 de setembro de 1874 n° 6, p.3	Felisbello Junior	Música	Considerações sobre o ensino de música, citando variados nomes reconhecidos da área mundialmente, como Mozart, Gallupo, Handel, Gluch etc.
13 de setembro de 1874 n° 7, p.4	Félix Barreto	Piedade Filial	Aborda, segundo o autor, ensinamentos sobre o amor e a obediência dos filhos para com os pais.
2 de agosto de 1874 n°1, p.2	Capitolino H. da Costa	Sem título	Considerações sobre a criação do <i>O Porvir</i> ; pedido de apoio aos colegas mais experientes com a prática jornalística.
9 de agosto de 1874 n° 2, p.1	Capitolino da Costa	Sem Título	Texto com alusões sobre possíveis críticas sofridas pela prática jornalística desenvolvida. O autor encerra com palavras de apoio aos associados a respeito da continuação do trabalho.
30 de agosto de 1874 n° 5, p.2	José Ricardo Cardoso	Sem Título	Refere-se a nomes como Luiz Camões, André Chénier e Vernet para servir de exemplo aos leitores, informando suas contribuições à humanidade. Ainda no escrito faz alusão do jornal à “espada devastadora” da ignorância que eles possuíam.
18 de outubro de 1874, n° 11, p. 1 e 2	Capitolino da Costa	Sem Título	Artigo sobre a liberdade do ensino. Cita a edição de n° 9 e faz uma crítica à obrigatoriedade do ensino.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das edições analisadas em *O Porvir* (1874)

Esses escritos também remetem à ideia defendida pelos alunos, ao criar o impresso, ser *O Porvir*, meio de divulgação de seus exercícios de composição, por isso os artigos, em sua maioria, tratavam de assuntos semelhantes.

Nas folhas do jornal *O Porvir*, é possível encontrar também algo bastante corriqueiro entre os jornais da época, conhecidos como “folhetins”, bem como, traduções de romances estrangeiros. De acordo com Morel (2012), existia uma relação estreita entre jornais e livros, embora os jornais configurassem veículo de maior acesso por conta também do seu valor.

Os jornais (também vendidos nas livrarias) custavam entre 40 e 80 réis o exemplar, de acordo com o número de páginas – o que tornava muito mais acessíveis que os livros. E era comum, na época, impressos desse tipo transcreverem (e traduzirem, quando era o caso) longos trechos de livros, tornando-os, assim, veículos de disseminação (MOREL, 2012, p. 37).

Os periódicos caracterizados como instrumentos de leitura popular, foram ao longo de sua história constituindo-se como instrumento de disseminação de ideias e difusor também da prática de leitura nas escolas. Os estudantis, por exemplo, mostram-se, além de disseminadores de leitura, fontes de informação sobre a cultura escolar, com particularidade sobre cotidiano e práticas educativas institucionais.

Dentre as análises feitas nos doze números de edições pude observar duas discussões densas a respeito do ensino no Brasil. Uma alude para o fato da utilização da palmatória nas escolas de um aluno em formação no Curso Normal, e outra sobre a divergência de ideias entre dois alunos do Atheneu Sergipense, relacionada à questão da obrigatoriedade e liberdade de ensino naquele momento.

4.1.1 Penalidades e castigos no ato de ensinar? O que diz um dos redatores de *O Porvir* sobre a palmatória

A palmatória, conhecida por muitos dos ex-alunos ainda do século XX, configurava-se em um instrumento destinado ao castigo físico e repreensão ao aluno pelo professor, geralmente utilizada quando a criança não respondia aos estímulos do mestre com relação à lição exigida. De forma geral, “a palmatória representava um símbolo de poder, hierarquia, diferenças geracionais e de instrumento civilizatório.” (ARAGÃO, 2013, p. 8).

Com a promulgação da lei de 15 de outubro de 1827, em seu Artigo 15 onde se diz que os castigos seriam praticados pelo método Lancaster, acredita-se, por meio de estudos sobre esse método, que os castigos físicos seriam substituídos pelos de cunho moral, nos quais os alunos receberiam como punição, humilhações perante seus colegas, ou seja, sentimentos que causassem vergonha, algo característico do processo de civilização (VEIGA, 2003). Diante

disso, considerando a palmatória como um artefato para castigos físicos, evidencia-se que, de acordo com a lei, ela deveria ser extinta do ambiente escolar.

Contudo, é possível localizar textos que denunciam o uso desse objeto nas escolas, como meio de repreensão, em anos posteriores à lei de 15 de outubro de 1827. É o caso, por exemplo, do texto escrito por Eutychio Lins no jornal *O Porvir*.

Em 16 de agosto de 1874, circulou no jornal de número de edição 3 de *O Porvir*, o artigo intitulado “A Palmatória”. O texto escrito em terceira pessoa, dando impressão ao leitor que o artigo podia representar o grupo de estudantes que fazia parte do jornal, inicia um posicionamento contrário ao uso do objeto em sala de aula e defende a sua extinção nas escolas.

No artigo, o autor aborda que a sociedade via na instrução e nos bons costumes as colunas que a sustentavam. Ao longo do texto, ele acentua a questão da responsabilidade da escola com relação à formação do cidadão e da figura do professor como responsável pelos bons frutos dessa ação. É percebida no escrito a preferência do autor pelo método das recompensas e prêmios aos alunos merecedores, a fim de se obter progresso na aula e bom desempenho de seus alunos. Porém, o autor diz também que é indispensável para a garantia da autoridade do professor que se utilizem certas punições:

Não atrozes como o da palmatória, que, mantendo um rancor profundo nos corações dos meninos, em vez de encaminhal-os a pratica do bem, excitam o desejo de vingança contra o seu professor, que se lhes figura um algoz, e é certamente, quando batte a tenra carne das creanças (LINS, 1874b, p.1-2).

A partir desse trecho do jornal, pode-se levantar a assertiva de que os alunos se mostravam contrários ao uso desse artefato. Eutychio Lins afirma em seu texto que tal ação podia produzir no aluno “o desgosto pelo estudo, o temor da aula, o gazeio e o habito da mentira com que procura justificar suas faltas.” (LINS, 1874b, p.1-2). Dessa maneira, dando seguimento ao texto, o autor completa o que afirma anteriormente:

Não há razões que justifiquem o professor por infligir um castigo inútil e prejudicial: inutil porque para a correcção das faltas ordinarias tem os meios que aponta Daligault, e para a punição do menino perverso, e depois de baldados os seus esforços e as providencias tomadas pela família a quem o mesmo pertencer, promoverá a sua despedida da aula, a bem da educação dos outros; prejudicial, porque tanto desmoralisa ao professor que se desvia dos fins de sua missão civilisadora, praticando actos de barbaridade moral, sendo desfeitiado publicamente na aula (LINS, 1874b, p.1-2).

De acordo com esse trecho, pode-se constatar a ideia totalmente contrária com relação aos métodos que utilizavam os castigos físicos como meio de educação e civilidade.

Chama a atenção o fato de o autor, no momento em que escreveu o texto, ser aluno do Curso Normal, ou seja, ele estava em formação para atuar nas escolas de primeiras letras como professor e defendia o processo educacional sem castigos físicos naquele momento.

Tentando elencar alguns contrapontos da discussão proposta por Eutyquio Lins sobre a extinção da palmatória nas escolas, com o Estatuto do Atheneu Sergipense (1871), bem como a Legislação à qual esse Estatuto faz referência, ou seja, o Regulamento da Instrução Pública de 1870, a fim de procurar proeminências do contexto em que o escritor estava inserido, pois, em se tratando de pesquisa histórica, por vezes, se faz necessário, como mostra Brandão (1999):

A prática de tomar o contexto como pano de fundo explicativo dos textos ideias, utopias e movimentos sociais que eclipsa, muitas vezes, o caráter atuante dos próprios textos na configuração de determinada conjuntura. [...] Essas reflexões permitem, e mesmo exigem, que o pesquisador se desembarace de certas “fórmulas” de enquadramento social muitas vezes derivados de referências teóricas já consagradas para determinadas questões ou áreas de conhecimento. Essa tentativa de se distanciar do “já dito” promete o “desfocamento” dos ângulos excessivamente explorados e, como tais, incapazes de explorar outros significados das memórias para a pesquisa histórica (BRANDÃO, 1999, p.57).

Foi possível levantar a hipótese de que ele, estudante colaborador, defendia as posições estabelecidas no Estatuto do Atheneu Sergipense (1871), no que se refere aos prêmios e castigos, localizados no Capítulo 9º. É explicitado neste Capítulo que o aluno devia ser premiado através de comportamento e assiduidade (NUNES, 1984, p.296), sendo assim, pelo método da recompensa defendido por Eutyquio em seu texto.

Já com relação aos castigos, o Estatuto do Atheneu Sergipense (1871) direciona aos previstos no Regulamento de 24 de outubro de 1870, contudo, aqueles que não estavam previstos no documento, competia à congregação⁴⁴ providenciar com a aprovação do Presidente da Província sobre a maneira de punir. Não se evidenciam respaldos de punição com castigos físicos em tais documentos, corroborando novamente com a assertiva de que Eutyquio Lins conservava e estava de acordo com a Legislação de seu tempo.

Reportando ao Regulamento de 24 de outubro de 1870, a fim de perceber os direcionamentos dados com relação aos castigos que eram conferidos pelos professores, destaca-se, nos Artigos 68 e 69, o seguinte:

⁴⁴ A Congregação do Atheneu Sergipense caracterizava-se por reunir os professores a fim de discutirem assuntos relacionados ao ambiente escolar.

Art. 68. Os professores empregarão os castigos para com seus alumnos com a maior parcimônia e discrição. Art. 69. Os professores da instrucção primaria so poderão applicar as seguintes pennas: § 1º Reprehensão em particular; § 2º Reprehensão na eschola; § 3º Privação ou restituição dos prêmios e distincções escholares que os alumnos tenham obtido; § 4º Castigos que excitam vexame, como ficarem de pé ou de joelhos; § 5º Tarefa de trabalhos fora das horas regulares, isto é, occuparem-se, depois dos exercícios escholares e lecção da classe, em estudos e trabalhos determinados, ou ainda leval-os para trazel-os de caça; § 6º Communicação aos pais para maiores castigos; § 7º Expulsão da eschola, notada no livro de matriculas e communicada ao Governo. [...] (Artigos 68, 69, REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, de 1870, p. 9).

Deste modo, é importante perceber os direcionamentos dados no Artigo 69 ao professor primário, uma vez que a base do texto “A Palmatória” direcionava-se principalmente a essa categoria. A eles era conferida a questão da repreensão tanto particular quanto pública do aluno mostrando, assim, uma postura oposta a castigos físicos na escola.

O texto analisado revela certa indignação e um posicionamento contrário por parte de um aluno que se encontrava em formação para exercer o trabalho docente em Escolas Primárias, com relação ao uso da palmatória tão presente nessas instituições daquele momento. Segundo a posição defendida por Eutyquio Lins, o uso do artefato em sala de aula comprometeria o melhor desenvolvimento do aluno.

Segundo Pinheiro (2000), “o jornal escolar, portanto, compõe o repertório das práticas pedagógicas e sua produção manifesta a trama daquela cultura naquele lugar geográfico, social e histórico” (PINHEIRO, 2000, p.17), mostrando-se, conseqüentemente, um aliado aos estudos culturais de uma época, principalmente para desvendar práticas educativas presentes nas instituições de ensino.

Os colaboradores de *O Porvir*, de certo modo, não elaboravam seus exercícios de composição de maneira neutra, é possível perceber em alguns escritos suas predileções com relação, principalmente, aos temas educacionais, muito discutidos, possivelmente, em sala de aula com seus professores.

3.1.2 Divergência de ideia entre alunos: Embates sobre liberdade x obrigatoriedade de ensino no século XIX

Entre os artigos relacionados ao debate educacional no jornal *O Porvir*, destaquei dois escritos que divergem de opiniões ligadas às contendas da problemática obrigatoriedade x liberdade de ensino, no ano de 1874.

Com esse tipo de escrito é possível perceber a diversidade de ideias dos próprios agentes envolvidos e associados. De acordo com Nóvoa (1997) “a imprensa constitui umas das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo”. Ele ainda conclui que “a diversidade dos colaboradores diz bem da importância das publicações periódicas como espaço de afirmação de correntes de ação e de pensamento educacional” (NÓVOA, 1997, p. 13-14).

Voltando aos artigos, o primeiro pertencente à “seção Porvir”, localizado no número de edição 9, assinado pelo estudante José Ricardo Cardoso, diz respeito à sua defesa com relação à obrigatoriedade do ensino pelo governo. Já a segunda publicação encontra-se no número de edição 11, de autoria do aluno Capitoline H. da Costa, sem título, tratando a respeito da “resposta” ao colega, convergindo à proposta e defendendo a ideia de que o país alcançaria maior êxito com a liberdade de ensino, onde fossem incentivados sentimentos de amor às letras desde crianças.

No primeiro escrito, o estudante José Ricardo Cardoso aborda a questão da obrigatoriedade do ensino para se lograr êxito no Brasil:

O governo é certo, contribue grandemente empregando todos os meios ao seu alcance para dar maior incremento a terra dos Andradas; mas tem deixado no olvido o maior propulsor da difusão das luzes pelas camadas sociais, a obrigatoriedade do ensino que sempre deve figurar ao lado de sua gratuidade. Sim, só com a obrigatoriedade do ensino poderemos conseguir o levantamento do nível intelectual da grande família brasileira. O estado que dá o ensino gratuito deve obrigar a frequência nas escolas. A criança tem o direito de ser obrigada a aprender. É isso do interesse do país que precisa das luzes e das aptidões dos seus filhos todos (CARDOSO, 1874c, p. 1).

Ao ponderar a esse respeito, o estudante considerava que o Brasil se desenvolveria por meio do ensino, oferecido de forma gratuita, mas, em contrapartida, precisaria o governo se preocupar com a obrigatoriedade da frequência do aluno nas escolas. Tal posicionamento permitiu uma crítica ser emitida por um parceiro da própria sociedade Porvir.

Assim, Capitoline H. da Costa escreve em resposta às exposições do companheiro:

[...] Suggeriu-nos estas considerações o artigo do n. 9 deste jornal, esposando a ideia do ensino obrigatório entre nós, como única salvadora do estado de atraso em que se acha a instrução no Brasil.
A lógica irresistível dos fatos nos tem demonstrado que a adoção do ensino obrigatório entre nós, é semente lançada em terreno estéril, sem proveito nenhum para os seus semeadores!
Ora, se a experiência nos tem mostrado que semelhante ensino não se pode adoptar entre nós, por inúmeros exemplos, como se quer a todo transe admitir tal ensino? Será a única taboia de salvação?

Cremos que não.

Porque desde que a liberdade for uma realidade no Brasil, a instrução que marcha congenitamente como ella, se diffundirá por todos de uma maneira espantosa, sem ser necessário o emprego do ensino obrigatório, arma terrível no paiz constitucional.

Veremos logo se desenvolver o amor as letras, o estímulo e o gosto crescerem na razão direta de sua liberdade; veremos enfim, nascer tudo que constitue a bella máxima de um povo civilizado. Mas enquanto a liberdade for uma chimera, todos os esforços, repetimos, serão infructiferos! (COSTA, 1874d, p. 2).

Nesse momento, o Regulamento da Instrução Pública de Sergipe de 1870, ainda vigente em 1874, regulamentava por meio do Artigo 3º:

A instrução primária elementar poderia ser obrigatória nos lugares em que as escolas públicas possam servir plenamente ao estabelecimento deste sistema, e o governo pelas circunstâncias da Província possa praticar os meios complementares (Artigo 3, REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1870, p. 1).

Dessa forma, era facultativo o ensino obrigatório em Sergipe. O Brasil estava vivendo um período de tendências educacionais e tais discussões eram vistas como forma de representar as apropriações de cada um, emanadas de modelos estrangeiros, que poderiam configurar em realidades divergentes.

Os assuntos educacionais no periódico eram frequentes, os alunos enxergavam possibilidades de crescimento intelectual abordando assuntos relacionados ao desenvolvimento do país, significando dizer também que publicavam suas posições políticas defendidas, visualizando o jornal como “vitrine” de pensamentos e propostas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PORVIR

A nós que ensaiamos os primeiros passos na carreira litteraria;
A nós que havemos de ser os apóstolos da civilização vindoura;
A nós sobre quem estão os fitos os olhos do futuro de nossa pátria;
A nós que no verdor dos anos não olhando para a idade que nos seduz aos prazeres, nos atiramos com intrepidez ao prosclênio do jornalismo a fazermos a difficil gymnastica primaria intelectual que há de desenvolver nossas faculdades;
A nós finalmente que pricipiamos a escrever algumas paginas no livro imenso do jornalismo com lápis da simplicidade infantil, que gisa o que há de inocente em nossos corações;
Seja-nos licito externar aquellas idéas que julgarmos deverão concorrer para o engrandecimento do florescente império de Santa Cruz (CARDOSO, 1874c, p. 1).

Ao criar uma associação com a finalidade de se construir um jornal estudantil nomeado *O Porvir*, de caráter hebdomadário, literário e recreativo, um grupo de alunos do Atheneu Sergipense, objetivou, com tal iniciativa, possuir um veículo propagador de seus “exercícios de composição” para que, pelo menos entre seus iguais, funcionasse como disseminador de ideias, opiniões e ações.

O jornal nasceu da iniciativa do aluno José Ricardo Cardoso, irmão do professor Brício Cardoso, grande defensor das letras e da prática jornalística em Sergipe. Provavelmente os laços de parentescos tenham contribuído para tal assertiva que configurou-se *O Porvir* no ano de 1874. Nesse momento em Aracaju eram visíveis as obras de melhoria e desenvolvimento da cidade, que se tornava capital da Província há pouco menos de 20 anos. A circulação de impressos na capital era crescente, a vida cultural mostrava-se promissora.

Dessa maneira, os alunos trataram de fundar uma associação com a finalidade primordial de se criar um jornal a fim de publicar os escritos produzidos como “ensaios” de futuras publicações que eram almejadas em jornais já estabelecidos na sociedade. Nomeando o jornal de “O Porvir”, o aluno representava suas crenças de um futuro próspero através de seu título. Essa nomenclatura pode ser evidenciada em vários jornais estudantis circulantes no Brasil, no século XIX e início do XX, assim também, como no destaque do brasão de Sergipe, criado pelo professor Brício Cardoso, e no Hino da Proclamação da República, ambos datados no final do século XIX.

O Jornal em sua materialidade era constituído de quatro páginas, cada uma dividida em três colunas, medindo 20 cm x 25 cm aproximadamente. Impresso em preto e branco, como era comum, aos periódicos da época. Não existia uma sequência de seções identificadas em todos os números de edições da coletânea, porém, considerei os textos intitulados “O Porvir” como “seção de abertura” do impresso, pois em todos os números foi possível notar a presença de um artigo relacionado ao debate educacional com esse título. Outros textos intitulados como “Literatura ou Parte Litteraria”, presentes em nove números de edições, também foram considerados integrantes de uma seção do impresso. Os demais escritos foram intitulados de maneira aleatória.

Contando com associados estudantes do Atheneu Sergipense, o jornal *O Porvir*, tivera redatores que, posteriormente se tornaram professores da mesma sede que abrigou a

associação *Porvir*, tornando-se nomes conhecidos no cenário intelectual sergipano como Bathazar de Araujo Goes e Manuel dos Passos de Oliveira Telles, por exemplo.

Esses alunos associados viam a possibilidade de crescimento intelectual, através das publicações de seus exercícios de composição, possivelmente incentivados por seus mestres em sala de aula. No ano de 1874 o professor Brício Cardoso adentrava no Atheneu Sergipense, justamente como lente de Retórica e Poética, dessa maneira, é possível que parte dos escritos publicados em *O Porvir*, estejam ligados ao professor e sua disciplina ministrada.

Os colaboradores do jornal publicavam, em sua maioria, textos relacionados ao debate educacional ou assuntos ligados a ele. Na maioria dos artigos, o tom de incentivo ao estudo prevalece em qualquer outro ponto discutido no impresso, pois entendiam a educação e instrução como o caminho para a ascensão intelectual, tão almejada por eles, segundo seus escritos.

A partir da análise das produções publicadas no jornal *O Porvir*, tem-se a possibilidade de compreender as representações estudantis por meio dos escritos, entendendo-as como parte da cultura escolar daquele momento. Algumas discussões, realizadas no impresso, foram divergentes em alguns momentos, os alunos publicavam os textos e logo nos números seguintes, se houvessem discordâncias entre seus pares, seriam rebatidas. Com isso, os alunos “treinavam” para as futuras publicações em outros periódicos reconhecidos, isso configurava parte da prática intelectual do período, faziam-se discussões através dos impressos circulantes.

Como resultado da ação dos sujeitos que fizeram a escola naquele momento, considerei o impresso decorrente da cultura material escolar daquele ambiente, fazendo parte, desse modo, da história discente em Sergipe do século XIX, sendo possível desvendar alguns aspectos do cotidiano escolar daqueles alunos, inseridos no Atheneu Sergipense, viabilizando, dessa forma, um contributo aos esclarecimentos de algumas práticas vigentes na instituição.

Diante do exposto, o estudo permitiu compreender um pouco mais sobre o universo discente, a predileção por escritos banhados de ensinamentos morais, religiosos e educacionais, Considerados como caminho para se chegar à “luz” e ao sucesso no por vir. Foi possível notar também um sentimento de patriotismo defendido em meio aos anúncios e poesias sobre as festividades históricas, incentivadas também pela escola, ou seja, um contributo de significativo valor para o entendimento da cultura escolar de uma época.

Para tanto, almeja-se que a pesquisa possa contribuir para os estudos na área da História da Educação em Sergipe, designadamente relacionada à imprensa estudantil sergipana, bem como um estudo ligado à temática da cultura escolar. O objeto estudado, *O Porvir*, não esgota as análises e explanações na presente dissertação, constituindo-se, portanto, possuidor de uma multiplicidade de outras interpretações além das levantadas aqui.

REFERÊNCIAS

ABRAS, Maria Cecília de Medeiros. **Lendo no jornal Stella Maris as marcas de formação de professores em uma escola normal católica de Minas Gerais**. 2010. Tese (Doutorado em Educação)– Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Ensino da Aritmética Proposto por Balthazar Góes**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - Educação Escolar em Perspectiva Histórica, 3, **Anais...** 2004. Curitiba, PR, 2004.

_____. **O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária, examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)**. Tese. (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. TELES, Igor Pereira; OLIVEIRA, João Paulo Gama. O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense: Contribuições para a História da Educação. **Revista da Fapese**, v. 4, n. 1, p. 79–88, jan/jun. 2008.

AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis e investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **História da Educação**. Pelotas, n. 11, p. 117–130, abr. 2002.

_____. **Gatos pelados x Galinhas gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas. (décadas de 1930 a 1960)**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2003.

_____. **Reflexões sobre a Produção de Jornais Estudantis em Escolas de Ensino Secundário (1930 – 1960): A Constituição da Obra “Jornais Escolares” de Guerino Casasanta**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7, 2013. **Anais...** 2013 do Disponível em: <<http://sbhe.org.br>>. Acesso em: 20/09/2013.

ANDRADE, Luana Rocha. **Imprensa estudantil feminina em Sergipe**. São Cristóvão. Monografia (Licenciatura em História)- Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2007.

ARAGÃO, Milena. Prática de Castigos Escolares: A Palmatória como Símbolo Em salas de Aulas Sergipanas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 7. 2013. **Anais...** 2013. Disponível em: < <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

A REFORMA da instrução publica. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n.6, 6 de setembro de 1874.

ASSIS, D. L. M.; ASSIS, H. V. R. M.. Considerações sobre estudos biográficos de intelectuais da educação brasileira. **Histedbr**, 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos Arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. O jornal A Voz da Escola: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo (Porto Alegre/RS - 1934/1940). In: **Hist. Educ. (Online)**. Porto Alegre v. 17 n. 40 Maio/ago. 2013 p. 143-173. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/heduc/v17n40/v17n40a08.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2015.

BENCOSTA, Marcus Levvy Albino. A cultura Escolar na Historiografia da Educação Brasileira: alcances e limites de um conceito. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.). **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Autores, 2010.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Jornal estudantil O Porvir**, 2 de agosto de 1874. Hemeroteca digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 17 set. 2015.

BIBLIOTECA PÚBLICA EPIFÂNIO DÓREA (Sergipe). **Regulamento da Instrução Pública de Sergipe**, 24 de Outubro de 1870. Aracaju, 2014.

_____. **Estatuto do Atheneu Sergipense**, 12 de janeiro de 1871. Aracaju, 2014.

_____. **Jornal estudantil O Porvir**, 1874. Aracaju, 2013

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista/SP: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade de São Francisco, 1999.

BRASIL ESCOLA. **Hino da República**. 2016. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/hinodaproclamacaodarepublica.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.

BURKE, Peter. **A História da Escrita**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

_____. **O que é história cultura?**; Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **Coisas velhas**: um percurso de investigação sobre a cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARDOSO, José Ricardo. Discurso. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 3, 2 de agosto 1874a.

_____. O Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 3, 16 de agosto 1874b.

_____. O Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 9, 27 de setembro 1874c.

- CARVALHO NETO, Pedro da Mota. **Imprensa estudantil sergipana (1874 - 2003)**. 2004. 244f. Monografia (Licenciatura em História)- Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. Documento sergipano.
- CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CENTRO DE EDUCAÇÃO E MEMÓRIA DO ATHNEU SERGIPENSE (CEMAS) (Sergipe). **Livro de Atas da Congregação do Athneu Sergipense (1871 – 1916)**. Aracaju, 2015. Ref. 481FASS01.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL e Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **Práticas de Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.
- _____. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2002.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, n. 2, 1990, p. 177-229.
- COSTA, Capitolino H. da. O Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 2, 9 de agosto de 1874a.
- _____. O Porvir. In: **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 4, 23 de agosto de 1874b.
- _____. Colaboração. In: **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 8, 20 de setembro de 1874c.
- _____. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 11, 18 de outubro 1874d.
- _____. 24 de outubro. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 12, 1 de novembro de 1874e.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura Escolar: da migração do conceito à sua objetividade histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.). **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Autores, 2010.
- FELISBELLO, Junior. Discurso. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 3, 16 de agosto de 1874.
- FONTES, Alvaro. Duas Palavras aos consocios e redactores do Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 3, 16 de agosto 1874a.
- FONTES, Silverio. A meus collegas e consocios redactores do Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 4, 23 de agosto de 1874b.
- FRAGO, Antonio Vifiao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. **Historia de la Educación**, v. 13-14, p. 17-74, 1993-1994.

FREITAS, Itamar. O Sergipense de Oliveira Telles. **A Semana em Foco**, Aracaju, p. 10A-10A, 26 set. 2004. Disponível em: <http://itamarfo.blogspot.com.br/2004/09/os-sergipenses-de-oliveira-teles.html>. Acesso em: 10 Jan. 2016.

GALLY, Christianne Menezes. **Brício Cardoso no Cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870 – 1874)**. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2004.

GOES, Balthazar. Discurso. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 2, 9 de agosto de 1874a.

_____. Descrição do festejo do dia 24 de outubro de 1874. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 12, 1 de novembro de 1874.

GUARANÁ, Armindo. **Diccionario Bio-bibliographico Sergipano**. Rio de Janeiro, 1925.

_____. Jornaes, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, tomo especial, v. 1, parte 2, 1908. p. 776-813.

GUEDES, Thomaz D´A. dos P. Queixumes. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 3, 16 de agosto de 1874.

HAIDAR, Maria de Lurdes Mariotto. **O ensino Secundário no Brasil Império**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE (IGHSE) (Sergipe). **Jornal estudantil O Porvir**: 1900. Aracaju, 2013.

_____, (Sergipe). **Jornal estudantil O Porvir**: 1932. Aracaju, 2013.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 1, Jan./ Jun. p. 09. Campinas: Autores Associados, 2001.

LIMA, Jackson da Silva. **Os Estudos Filosóficos em Sergipe**. Sociedade Editorial de Sergipe, 1995.

LINS, Eutychio. O Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 1, 2 de agosto de 1874a.

_____. A palmatória. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 3, 16 de agosto de 1874.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Imprensa estudantil: jornais da década de 1930. **Universidade e Sociedade**. Ano XI, n. 26, p. 78-82, fevereiro de 2002. Disponível em: <<http://www.andes.org.br>> Acesso em: 14 maio 2014.

MACHADO, Manuel Alves. O Porvir. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n.2, 9 de agosto de 1874

- MACHADO, Maria Cristina Gomes. Estado e Educação “Em Preto e Branco”: a atuação de Rui Barbosa no Diário de Notícias (1889)”. In: SCHELBAUER, Anaete Regina; ARAUJO, José Carlos Souza. (Org.). **História da Educação pela Imprensa**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p. 31-52.
- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Org.). **História da Imprensa no Brasil**, São Paulo, Contexto, 2012.
- MELO, Carlos Augusto de. **Cônego Fernandes Pinheiro (1825–1876): um crítico literário pioneiro do Romantismo no Brasil**. Dissertação. (Mestrado em Teoria e História Literária) - IEL Unicamp, São Paulo, 2006.
- MENEZES, José de. O estudo, o livro e o mestra. **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n. 9, 27 de setembro de 1874.
- MIRANDA, Antonio dos Passos. **Relatório presidencial**, 1874. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/sergipe>. Acesso em: 17 dez 2015.
- _____. **Relatório presidencial**, em 1º de janeiro de 1875. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/sergipe>. Acesso em: 17 dez 2015.
- MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Org.). **História da Imprensa no Brasil**, São Paulo, Contexto, 2012.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão, UFS, 2001.
- NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino**. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista: A imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 11 – 31.
- NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PINHEIRO, Ana Regina. **A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal ‘Nosso Esforço’ e o contexto escolar do Curso Primário do Instituto de Educação (1936-1939)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, da PUCSP, São Paulo, 2000.
- PUBLICAÇÃO a pedido. In: **O Porvir**. Aracaju, SE, anno I, n.1, 2 de agosto de 1874.
- RODRIGUES, Cibele de Souza. **Ignácio de Souza Valadão: Traços do Precursor da Cadeira de Pedagogia do Atheneu Sergipense (1870-1884)**. 2013a. Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.
- RODRIGUES, Simone Paixão. As Associações Estudantis no Atheneu Sergipense do Século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 7, 2013 **Anais...** Cuiabá, MT, 2013b.

_____, Simone Paixão. **Com a Palavra, Com a palavra, os Alunos:** Associativismo Discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1935 – 1956). 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SÁ, Rozendo de Aragão; LINHARES, Ronaldo Nunes. A Imprensa em Sergipe: Nota sobre o jornal católico “A Cruzada”. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE

SANTANA, Antônio Samarone de. **As febres do Aracaju:** dos miasmas aos micróbios. Aracaju: O Autor, 2005.

SANTANA, Sayonara Rodrigues do Nascimento. **Por entre as memórias de uma instituição:** o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926). Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Ana Luzia. **Educação na imprensa católica:** as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1961–1969). Dissertação (Mestrado em Educação) - - Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão: UFS, 2006.

SANTOS, Ana Márcia Barbosa. **Sob a Lente do Discurso:** aspectos do ensino de Retórica e Poética no Atheneu Sergipense (1874-1891). Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

SANTOS, Fábio Alves. **Elite letrada e ofício docente em Sergipe no século XIX.** 2013a. Tese (Doutorado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SANTOS, Geane Côrrea dos. **Imprensa e Educação:** A Difusão das Práticas Escolares no Jornal a Gazeta Socialista (1948–1958). Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2009.

SILVA, Emerson Correia da. **A configuração do habitus professoral para o aluno mestre:** a Escola Normal Secundária de São Carlos (1911-1923). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

SOBRAL, M. N. Interfaces da pesquisa em educação. In BRETAS, S. A.; SOBRAL, M. N. (Org.). **Pesquisa em educação:** Interfaces, experiências e orientações. Mimeo. 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163 189.

_____. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XIX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: sentimentos e opiniões. Livro II. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, Alexis de. **A democracia na América**: leis e costumes. Livro I. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

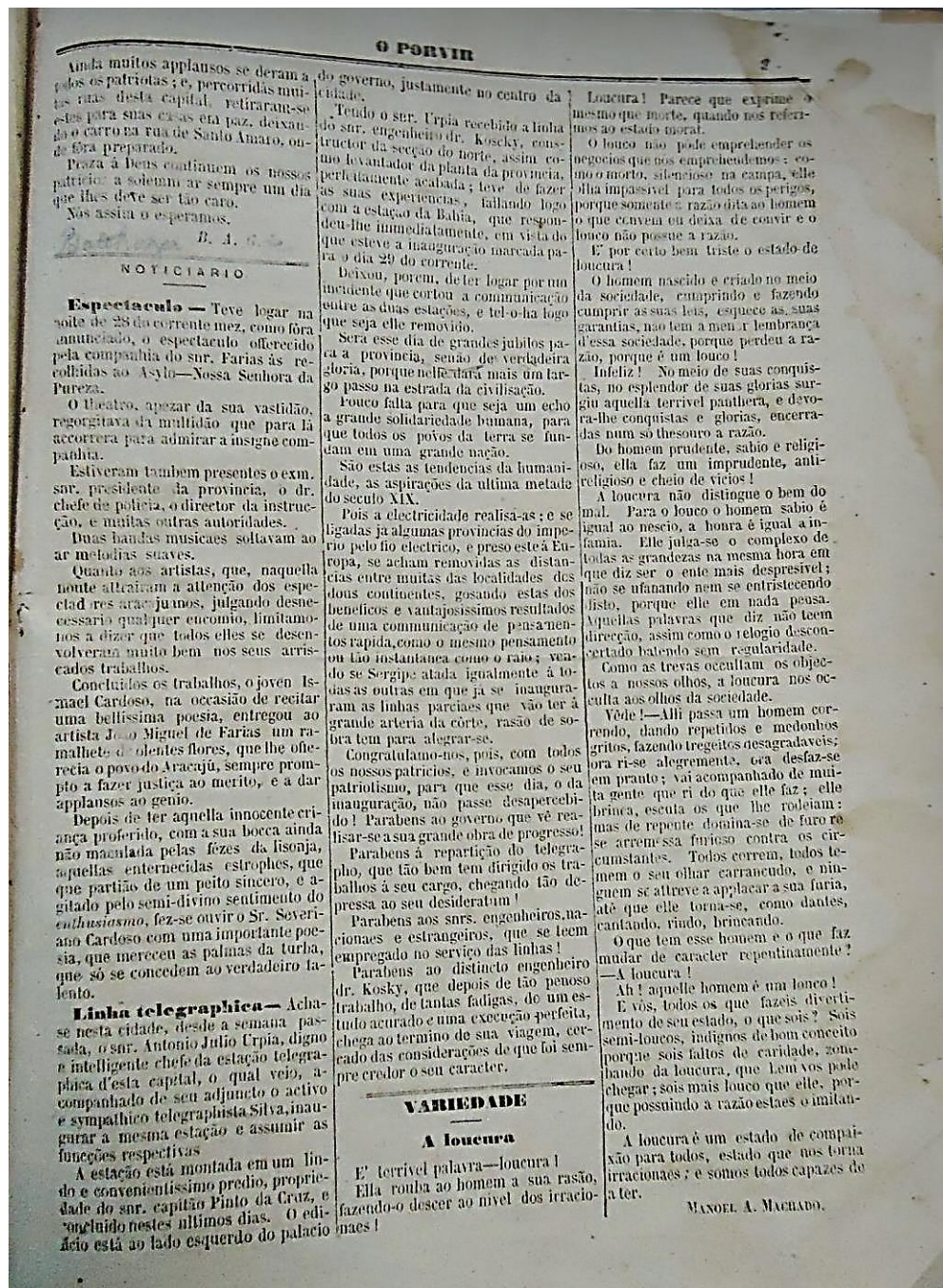
TOLEDO, César de Alencar Arnaut; JUNIOR, Oriomar Skanlinski. A imprensa periódica como fonte para a história da educação: teoria e método. In: **Revista HISDTEDBR – Online**. Publicação da Faculdade de Educação/UNICAMP. v. 12, n. 48 (2012). Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/4662/364>. Acesso em: 15 abr 2014.

VEIGA, Cyntia Greive. Sentimentos de vergonha e embaraço: novos procedimentos disciplinares no processo de escolarização da infância em Minas Gerais no século XIX. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2. **Anais...** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2003. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/eixo7/completos/sentimentos-vergonha.pdf>. Acesso em: 10 jun 2014.

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. **O Necdalus**: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2009.

WIKIPÉDIA. **Brasão de Sergipe**. 2014. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_Sergipe#/media/File:Bras%C3%A3o_de_Sergipe.svg. Acesso em: 15 jan 2016

ANEXOS

ANEXO A - Ilustração do Anúncio sobre a Inauguração do Telégrafo em Aracaju, *O Porvir*,
17 de novembro de 1874, nº 12, p. 3

Fonte: Biblioteca Pública Epifânio Dória

ANEXO B - Hino da Proclamação da República

Seja um pálio de luz desdobrado.
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel que o passado
Vem remir dos mais torpes labéus!
Seja um hino de glória que fale
De esperança, de um novo porvir!⁴⁵
Com visões de triunfos embale
Quem por ele lutando surgir!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre País...
Hoje o rubro lampejo da aurora
Acha irmãos, não tiranos hostis.
Somos todos iguais! Ao futuro
Saberemos, unidos, levar
Nosso augusto estandarte que, puro,
Brilha, ovante, da Pátria no altar!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Se é mister que de peitos valentes
Haja sangue em nosso pendão,
Sangue vivo do herói Tiradentes
Batizou este audaz pavilhão!

Mensageiros de paz, paz queremos,
É de amor nossa força e poder
Mas da guerra nos transes supremos
Heis de ver-nos lutar e vencer!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Do Ipiranga é preciso que o brado
Seja um grito soberbo de fé!
O Brasil já surgiu libertado,
Sobre as púrpuras régias de pé.
Eia, pois, brasileiros avante!
Verdes louros colhamos louçãos!
Seja o nosso País triunfante,
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

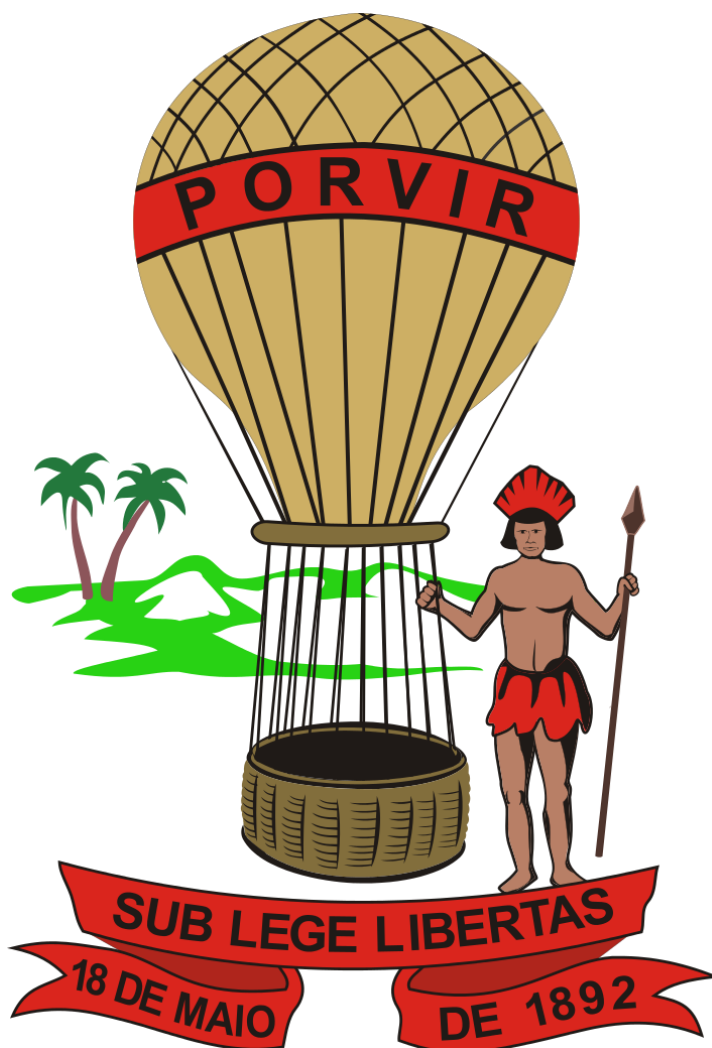
Fonte: Brasil Escola, 2016.

Letra: José Joaquim de Campos da Costa de
Medeiros e Albuquerque (1890)

Música: Leopoldo Miguez (1890).

⁴⁵ A palavra porvir presente no Hino da República remetendo ao sentido de futuro.

ANEXO C – Ilustração do Brasão de Sergipe



Fonte: Wikipédia, 2014.

Ilustração: Brício Cardoso (1892).

ANEXO D - Exemplar Completo de O Porvir, 2 de agosto de 1874, nº 1

ANNO I
ABRIL 2 DE AGOSTO DE 1874
N. 1

ASSIGNATURA NA CAPITAL
Por mez 500
Folha avulsa 100

ASSIGNATURA FORA DA CAPITAL
Por mez 600
Linha aos assignantes 40

O PORVIR

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIENSE.

Publica-se nos domingos.

REDACTORES
São encarregados da redacção deste trimestre os sr. Eutychio Novais, Manoel A. Machado, Euthymas A. Goes e J. Montes.

O PORVIR

Num espirito de loucura sublime alvoreceu um dia a grandiosa idea da invenção da imprensa!

Ao sempre lembrado João Gensfleisch de Sorgeloch Guttemberg coube a maxima gloria de tomar pela mão a humanidade, que tacteava, no portico do progresso, e, descerrando-lhe os olhos, bradar: entrai, levei a civilização nova civilização!

Qual Moysés, feriado o rochedo com a vara magica, fez brotarem do espirito humano cadupras de luz!

Foi uma aurora brilhante para o céu das letras.

Fez-se a imprensa a missionaria das sciencias, e percorrendo todos os paizes, plantou no seio da familia humana o germen da felicidade geral.

Espancando as trevas, derribando os thronos dos preconceitos e crimes, sobre os destroços da ignorancia, alçou o estandarte da civilização, sem o ribombo dos canhões, sem o sibilar das balas e sem os gemidos de morte, porque suas conquistas são placidas e civilisadoras.

Sentimos deficiencia de phrases para definirmos a importancia e utilidade deste instrumento, alavanca do progresso, cuja invenção só por inspiração divina o homem poud conceber, para attingir a perfectibilidade de que é susceptivel.

E' um prodigio da natureza humana!

Semelhante ás nossas mais bellas faculdades quando se exorbitam, converte-se em instrumento de degradação e aniquilamento, sendo movida pela perversidade; arruína todo um povo com a facilidade com que o reergueria presidida pela ordem.

Como essencial elemento de instrução, a imprensa litteraria occupa o mais importante dos pontos do quadro da organização educativa.

Sobre ser a escola, onde se aperfeiçoam as intelligencias desenvolvidas, como o receptaculo das discussões scientificas, disseminando conhecimentos uteis, incute na sociedade a generosa emulação, esse sentimento congenere da natureza humana, que, como diz Massillon, nos conduz á gloria pelo caminho do dever.

Que quadro animador e invejavel offerecem ás nossas vistas a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Suissa, os Estados Unidos e outros paizes, que marcham na vanguarda dos progredimentos, onde a imprensa scientifica tem ascendido ao maior grão de perfeição e operado a resolução de muitos intrincados problemas no campo da sabedoria!

Encurtando as distancias, ajuntando em um lugar os moradores de apartadissimas terras, fazendo communicarem-se os mestres da sciencia e habitar em paiz commum, tem conchegado todos os povos, que se estreitam pelo vinculo do mais humanitario sentimento—a defeza da causa da instrução, que é a questão do genero humano.

Sendo a instrução o galeão que nos pode conduzir ao porto da perfectibilidade a que é tendente o homem, necessariamente convergem á ella todos os espiritos sãos, que indagam o caminho da mansão luminosa, onde se firma o throno da verdade, que é Deus.

Cedendo, pois, á força que ella sobre nós exerce, como o viajor do Sahá-

ra, que não mede a distancia que o separa do regato onde busca pressuroso saciar a sede que lhe resaca o pulmão, atiramo-nos a publicar este periodico, a fim que de nossos exercicios praticos possamos auferir algum desenvolvimento intellectual.

Longe de nós a fatuidade de pretendemos reanimar a nossa joven litteratura, que definha, por quanto as boas pennas de nossa terra, que podiam vigorecel-a, dão preferencia ás theorias politicas.

Aproveitando-nos do gosto de nossos patricios pela leitura, damos á luz o *Porvir*, que não será o vehicle de calumnias e immoralidades, mas o meio de que nos valem para com as luzes e pensamentos que nos ministrarem os bons livros e os nossos mestres, inocular no espirito da mocidade—amor á instrução, que é a pompa do rico e do pobre, como diz Mabire; e na prosperidade, ornato; e no infortunio, refugio, como afirma Philemon.

E' empenhados pelo bem de Sergipe, nossa provincia querida, que vimos a campo amestrar-nos nas armas que lhe hão de conquistar a palma da civilização.

Assumptos litterarios, moraes e religiosos, e noticias escolhidas, constituirão o objecto das publicações do *Porvir*.

E', sem duvida, demasiada ousadia nossa impormo-nos tão difficil missão, á nós que possuímos tão exigua somma de conhecimentos; e certo reueriamos diante de nossa pequenez, se não confiássemos nesta verdade pratica:

Paulatim deambulando longum conficitur iter.

EUTYCHIO DE NOVAES.

Continuação...

2

O PORVIR

Fôra bom que o apparecimento de um jornal sempre tivesse por fim a evangelisação de uma idéa — ligamos antes, a evangelisação de uma verdade.

Infelizmente assim não acontece: — é facil conceber a causa... As verdades conquistam-se, e toda a conquista é trabalhosa.

Do alto da imprensa, o tribuno, o padre, o magistrado, o escriptor, não têm duvidado lançar a voracidade das multidões o paradoxo, a impiedade, a blasphemia.

E raros são os que, por cima deste ruido que se chama--sociedade, ainda procuram distinguir a voz de Deus, muitas vezes misturada, confusa, indistincta, como o rumor dos ventos com o gemer das torrentes no seio das solidões.

Quando tudo está apertado no circulo mesquinho do interesse, do egoismo, quando o espirito humano, parece que trocou o vôo pela carreira, deixou de ser aguião, para ser esse não sei que monstruoso que se decora com o nome de progresso, admira como ainda se ouve o preludiar de algumas vozes, o bater de algumas azas; agrada, consola o hymno dos poucos que ainda sonham glorias, louros no futuro—immensa arvore de fructos d'ouro, para a qual avança insaciavel o coração da mocidade.

E' a esperança que sublimada pelo fogo de um mais vivo sentir, se idealisa em grandiosidades e arrojamentos, em sonhos dourados, cujo espirito, cuja belleza está muitas vezes mesmo em sua irrealisação. Por isso cremos, porque crer é caminhar em busca do ideal que nos escapa;—crer é trabalhar com a intelligencia, com o braço, com os mais santos estímulos de nossa alma na gleba semi-inculta do progresso; é gottejar do rosto as bagas do suor das agonias intimas; é, enfim, supplicar a Deus um raio de seu diadema de sões nas tribulações de uma noite de refregada procella.

— Eis porque nasceu — *O Porvir*; embora tudo seja aspero, lugubre, sombrio como o livro do destino! Embora nos dilacerem os pés os espinhos da estrada escabrosa do futuro; embora os materialistas se riam de nos-

ses esforços e dedicações, ainda assim, esta mocidade gigante que se levanta, mergulhada nas aguas lustraes da liberdade, levará a sua crença em holocausto no altar do porvir, que resume em si a maior idéa de Deus, porque é Elle—a eterna esperança.

Haverá nisto algum crime?

Talvez.

Ainda bem que não chegamos, e Deus permita que nunca cheguemos, a essa altura de especulação e sabedoria, em que avançar é cahir—cahir na duvida pelo raciocinio, na impiedade pela descrença.

Para esclarecer melhor os nossos destinos, não queremos mais luz do que a do Evangelho.

Descansemos. O futuro é uma intuição, é uma realidade.

A mocidade impaciente, incapaz de descer as galerias subterraneas do passado, espavorida diante desse redomoinho de cinza humana, se lança pelas estradas do desconhecido, murmurando os seus hymnos de animação e esperança.

Ter fé:—é ainda por ora a nossa philosophia.

Deixae-nos passar.

São os fructos de nossas lucubrações e insomnias, o consolo das nossas crenças, o sonho das nossas esperanças que ahi damos ao publico.

Aos nossos irmãos mais experimentados na lucta, pedimos todo o apoio e coadjuvação de que necessitam os nossos tímidos ensaios, para que o sol da indiferença não venha crestar as azas da pobre avesinha, que ainda implume mal pôde tentar os primeiros vôos na immensa atmosphaera litteraria.

CAPITOLINO H. DA COSTA.

NOTICIARIO

Tributo ao merito—A's expensas do actual snr. dr. director geral da instrucção publica, foram as paredes da sala de recepção do Atheneu decoradas com os retratos dos seus fundadores e concluidor—tenente-coronel Francisco José Cardoso junior e dr. Joaquim Bento de Oliveira junior.

Estiveram presentes a esta cerimonia o exm. snr. presidente da provin-

cia com seu secretario, o snr. dr. chefe de policia, o snr. capitão do porto, o Corpo docente do Atheneu e um grande numero de cavalheiros da melhor posição.

Foram pronunciados, após deleitosos intervallos musicaes, quatro discursos de merecimento pelos snrs. dr. Manoel Luiz, dr. Sancho, professor Moura Mattos e secretario da policia Eteirino de Barros.

E' bom que entre nós tenha voga tão nobre precedente que acaba de estabelecer o snr. dr. Manoel Luiz, fazendo a apothese do merito real antes do predominio da morte.

Os galardões em vida são estímulos para commettimentos de maior tomo.

LITTERATURA

DISCURSO

PROFERIDO PELO ESTUDANTE JOSÉ RICARDO CARDOSO, NA REUNIAO CONVOCADA PELO MESMO, NO DIA 12 DE JULHO DE 1874.

Meus collegas:—Sou o mais ousado e o mais incompetente d'entre vós para dirigir-vos a palavra: ousado, por tomal-a de quem melhor do que eu poderia mapeal-a n'este recinto: incompetente, porque, como o mais baldado de conhecimentos, não deveria aspirar a gloria de ser o promotor de uma idéa, qual a que vou apresentar-vos.

Não imaginæis o apoucamento, e as estranhas sensações que ora se apoderam de mim.

Tudo isso nada importa, porque não venho ostentar talentos, nem cabaçadas litterarios.

Venho, senhores, convidar-vos para a creação de um jornal, que será escripto por nós, estudantes do Atheneu Sergipense.

Attendei que, desde a fundação do mesmo Atheneu, alguns estudantes tem sentido a consideravel falta de um orgão litterario, para fazerem exercicios de composição.

Os exercicios de composição são de grande proveito para os que frequentam as aulas secundarias, são uma especie de estudo, e aparte, estudo serio e profundo que pede muita attenção e contribue para o desenvolvimento do espirito, e a accentuação do bom gosto.

Grandes difficuldades encontrei de vossa parte sempre que me dirigi á cada um de vós de per si, difficuldades estas que não eram de esperar fossem oppostas por uma mocidade intelligente e esperançosa como é a de Sergipe; por isso convoquei-vos para esta

Continuação...

O FOLHETO

3

reunião, onde outros atletas novos corroborarão a verdade de minhas palavras.

O berço de Camerino, dos Gomes do Souza, dos Freitas Barreto e dos Calasans é ainda capaz de produzir outros tantos genios para a guerra, para a litteratura e para a poesia! não duvideis.

E o que é necessario para que se opere essa producção quanto ao intellectual?

Pouco, muito pouco: disposição para o estudo, dedicacão ás letras, e amor á patria!

Frequentai as escolas que ahí estão abertas á convilar-vos, abri os livros, bebei essa luz vivificadora da instrucção, para poderdes dividil-a com o povo, para poderdes converter cada homem do seculo em um apostolo das letras; assim cumprireis a grande missão á que vos sujeitou o dom da intelligencia, a importante tarefa que tomareis encetando a publicacão deste periodico.

O jornalismo, na expressão de um illustra lo escriptor francez, «á o senhor absoluto da epocha; é o despota inflexivel dos tempos modernos; é a unica soberania inviolavel, é muito mais que uma potencia de direito, é uma potencia de facto: todas as grandezas do mundo vão despedaçar-se contra este escolho.»

O jornalismo, senhores, é o facho inapagavel da civilisação, cuja luz penetra tanto no palacio do opulento, como na choupana do pobre; é o livro que instrue o povo; é o interprete das nações; é o braço do commercio; é quem estreita as relações ultramarinas; é finalmente quem propaga as luzes das sciencias.

Acceitai a idéa da criação de um jornal, e collaborai para a sua sustentação, porque elle vos servirá de escola pratica, de theatro de experiencias.

Tendes medo de escrever? Sujeitai-vos a correcção dos mestres; porque elles vos servirão de guia n'essa tão brilhante quão espinhosa carreira.

Lêde, lêde bem os bons livros, imitai o que tiverdes lido, e depois destruindo os laços que vos prenderem, escrevei, dai expansão ao pensamento.

Ler e meditar primeiro; esvoaçar

imitando depois: por fim voar livremente.

A cultura intellectual eleva o homem as mais altas posições sociaes.

A ignorancia patinha na lama e na trevas. A ignorancia não sobe. A ignorancia é um chãos onde só reinam a espedidão de uma noite, e um silencio sepulchral!

Ai d'aquelles que se acham imersos n'esse abysmo de trevas!

Ai delles! que são mil vezes mais que cegos!

Ser ignorante no seculo XIX é mais que um castigo, é uma maldicção, porque o seculo que se diz das—luzes, o seculo da propagação da instrucção, dos conhecimentos scientificos, não quer em seu seio os reprobos do estado civilisado.

O dever de instruir-se, de sahir do estado em que nos deixa a natureza, pesa fortemente sobre o homem!

A instrucção está diffundida por todos os pontos.

De que necessitates para a criação de um jornal? De recursos pecuniaros? De recursos intellectuaes?

Não são tão grandes as despesas que não possamos com ellas.

Os recursos intellectuaes adquirem-se com o exercicio e a pratica, porque a intelligencia é um dom concedido a todos os homens.

Portanto unamo-nos, formemos uma sociedade, que todas as difficuldades ficarão removidas.

Foi para dizer-vos isto que vos convoquei. Pensai, e deliberai-vos.

Esperança mocidade Sergipana:

Empobrecido de recursos intellectuaes, não venho alardear dotes que não possuo, venho tão somente dar o meu voto posto que inutil e sem prego, prestar o meu contingente á idéa que aqui foi emitida pelo orador que me antecedeu.

Sergipano e amante incansavel das letras, faltaria a um dever de summa responsabilidade, se não viesse neste momento tão solemne offerrecer o meu obolo á vida de uma instituição que julgo de resultados mui fecundos.

Illustrar-se e trabalhar quanto for possível para legar á geração que hade vir uma lembrança da sua rapida

passagem por este mundo—eis o dever de todo o homem do seculo em que vivemos.

Porém como, senhores, podeis illustrar-vos é immortalisar o vosso nome? Como se illustraram e se immortalisaram aquelles genios antigos que a historia nos aponta?

De que instrumento se serviram elles para tal conseguir?

Do livro, da imprensa, d'essa culta leosa do seculo XIX, que veio despertar o mundo do fatal somno em que estava immerso e mostrar-lho a estrada pedregosa sim, mas illustre por onde os povos deviam fazer seu curso para attingirem ao zenith de civilisação e de progresso em que nos achamos.

Vós bem conheceis, senhores, os fructos que podeis auferir da grandiosa e mil vezes nobre instituição que se vos pretende fazer abraçar e realisar; vós bem sabeis que a fundação de um jornal em que publiqueis as vossas tentativas, os vossos ensaios, mesmo cheios de lacunas, é o unico meio pelo qual podeis conseguir o fim que tão anciosamente almejaes, isto é, a cultura da vossa intelligencia—santo preceito ordenado pelo Divino Mestre, e ao qual pessoa alguma não pode furtar-se.

Em quasi todas as provincias do agigantado imperio brasileiro existem periodicos sustentados pela mocidade talentosa, ante quem curvo-me humilde o respeitoso.

Porque, senhores, pois não imitamos a disposição e a coragem desses ainda fracos lidadores que certo almejam ser Prometheus, para communicarem a chamma ao céu roubada ao facho luminoso da civilisação,—o jornalismo—que na eloquentissima phrase de um distincto escriptor brasileiro é o alfabeto do povo, proclamando esta trindade sagrada de palavras: civilisação, fraternidade e illustração!

Eu, senhores, e todo este auditorio que tão attentamente me tem escutado, e a quem muito devo, bem sabemos que a talentosa mocidade do Atheneu Sergipense bem pode sustentar um jornalzinho; pois toda ella possui intelligencia, aptidão e gosto.

E porque, senhores, arrefecer?

O soldado da intelligencia deve ser como o soldado das batalhas de san-

Continuação...

que, não deve recuar ante o perigo e as fadigas.

Avante, pois, ó nobresromeiros do progresso.. avante.. não trepidemos.. o caminho é escabroso, porém na sua extrema ha fructos preciosos.

O que temeis? os zollos? Os zollos só mordem as illustrações que os incommodam.

Meus senhores, está demonstrada a utilidade da idéa que advogo; resta-me agora mostrar-vos os meios pelos quaes poderemos tornar-a uma realidade.

Nós não podemos, forçoso é dizel-o, redigir sosinhos, sem guias, um jornal; pois seria uma grande loucura tal cousa.

Devemos ter muitos Mentores, devemos ter muitos Cyrineos que nos ajudem na longa jornada que temos á fazer.

A' quem pediremos doutrina, exercicio e luz, senão aos nossos mestres?

Não é melhor, meus senhores, termos quem nos guie do que alirarmos-nos no abysmo que se abre ante os nossos olhos?

Avante, pois, ó nobre phalange do progresso! avante!

Coragem e fé; eis o que nos basta.

Desde já prometto dar-vos os meus toscos ensaios.

Meus senhores, é necessario parar, pois já estou sendo prolixo, e além disto sinto exaurirem-se-me as idéas e fagirem-me as palavras.

Consenti que terminando vos repita estas palavras:

Avante! talentosa juventude de Sergipe! a estrada que ides trilhar é mui escabrosa, porém os espinhos, que nella encontrades, transformar-se-hão em virentes flores com as quaes os seculos vindouros coroarão as vossas temporas juvenis.

Tenho concluido.

MELCHISEDECH CARDOSO.

VARIEDADE

Os bens terrenos.

A morte, encarregada de ceifar os nossos dias, faz esquecer todas as grandezas do homem, momentaneas, como elle mesmo.

Si aquelle, que se chama feliz, ostenta os caprichos da riqueza, escarnecendo da miseria; se aquelle, cujo peito é coberto de condecorações pelos

feitos bravos, proclama a sua heroicidade; si a donzella, belleza como Vênus, faz gala de seus traços e contornos; si o robusto mancebo alardeia o seu fervor no culto dos máos prazeres; ella esquece o que a vida lembra, e inflexivel exige de todos o seu terrível tributo, que occulta tantos mysterios.

A' sua voz o feliz passa por entre pompas e honras funerarias; o bravo é arrebatado como a folha pela rajada indomita, a donzella murcha como a florinha virgosa ainda pela manhã; o vigoroso fenece como o enfermo.

Sempre a mesma scena a reproduzir-se: um caixão negro, uma capella de goivos, seis amigos silenciosos, lagrimas e preces!

Ilude-se quem quer.

O feliz, o bravo, a bella e o forte, todos descem á estreita sepultura!

O ouro do potentado, a honra do militar, a belleza da donzella e o vigor do mancebo, tudo retez-se a pó!

Como?! Pois o pó envolve riqueza, bravura, belleza e vigor?

A terra não respeita o ouro do opulento, as medalhas do heroe, a belleza da virgem e a saude do joven?! A morte não estabelece distincções?!

Homem rico, porque não compraste a morte? Militar valente, porque não venceste a morte? Virgem formosa, porque não sequeziste a morte? Mancebo forte, porque não calcaste a morte?

Onde estaveis, ouro, espada, belleza, saude que não triumphastes?! Respondem-me as vozes da sepultura que a vida é um sopro, que tudo morre e só Deus permanece.

O' sepultura, és o cofre de todos os thesouros da vida.

MANOEL A. MACHADO.

PUBLICAÇÃO A PEDIDO

Ha na vida humana factos tão sublimes que luttam palavras para exprimi-los.

De um d'estes factos acaba agora de ser testemunha esta litta capital.

A talentosa mocidade do Athenaeu Sergipense acaba de fundar uma sociedade litteraria com o fim de publicar um periodico hebdomadario, ao qual deu o nome de *Poreir*.

A inauguração desta sociedade teve logar no dia 12 do passado mez na casa em que functiona a aula do litho. sr. professor Alexandre José Teixeira,

que tão bondosamente nos a offereceu.

Reunidos na referida casa diversos estudantes, á convite do sr. José Ricardo Cardoso, foi por este pronunciado um bem elaborado discurso em quo mostrou-lhe o motivo d'aquella reunião, e a necessidade de crear-se um jornal em que os estudantes do Athenaeu começassem a se enlaçar e amestrar nas gloriosas lides da imprensa. Depois do discurso do estudante José Cardoso, applaudido com grande enthusiasmo, subio á tribuna o sr. Melchisedech Cardoso, e pronunciou uma breve allocução, abundando nas idéas do orador que o antecedeu.

Acolhida por todos esta tão proficua idéa, tratou-se de eleger uma mesa provisoria para presidir aos trabalhos da nascente sociedade. Feita a eleição, foi escolhido presidente o sr. Rancel Alves Machado e secretario o sr. Melchisedech Cardoso.

Elegu-se tambem uma commissão composta de tres membros incumbida da redacção dos estatutos, que deveriam ser apresentados na sessão vindoura marcada para o dia 20 de julho.

Esta commissão compoz-se dos srs. Balhasar d'Araujo Goes, Silveiro Martins Fontes e Euzébio Telles de Azevedes, e, como não quizesse este aceitar tal incumbencia, o sr. presidente nomeou para substitui-lo o sr. Felisbello Firmo d'Oliveira Freire Junior, que acceptou o cargo confiado aos seus reconhecidos talentos.

Findo o que, o sr. secretario lavrou uma acta, que deixa de ser aqui transcripta por já se achar adiantada a composição deste jornal.

E não havendo nada mais a tratar-se o sr. presidente declarou que estava suspensa a sessão.

E deste modo inaugurou-se a sociedade *Poreir*, que já vai com algum alento.

Faltaria a um grande dever se omitisse aqui os encomios cabidos aos esforços prestados pelo iniciador da idéa, o sr. J. Cardoso; recba-os, pois.

Honra aos seus intelligentes collegas, que tão dignamente souberam acudir ao seu appello!

A vós, ó nobres Aracajuenses, á vós que bem sabeis prezar as grandiosas idéas, como esta, á vós, repito, cabevos auxiliar com o quanto puderdes, para que não falleça dentro em pouco—*O Poreir*, que ora tão donosamente surge.

Que *O Poreir* tenha longos annos de existencia, e saiba desempenhar a sublime missão de que se acha revestido—eis os votos que incessantemente enviamos aos Céus!

Um socio.

Typ. DA CRENÇA—RUA DE ITAPORANGA.

ANEXO E – Ilustração de Poesia em *O Porvir*, 16 de agosto de 1874, nº 3, p. 3

O PORVIR 3

guas não tem a impetuosidade das de um rio, assim também não haveis de impedir o curso das minhas deveis palavras, que não poderão jamais delectar-vos, como as dos intelligentes consocios que acabaram de ser ouvidos.

A atenção que me estaes prestando faz-me ao contrario contar com a vossa benevolencia.

Força é confessar, snr. presidente, a nobre sociedade Eutherpe Aracajuana vai marchando a passos vagarosos pela estrada da aprendizagem, entre a inveja e a critica, dous grandes elementos para a conservação e vitalidade das organizações sociais.

Os deveres escolares dos dignos consocios que me ouvem são por um lado a causa d'esse vagar que noto em seus passos, e por outro a impericia e fraqueza do mestre que escolhestes para pôr a vossa frente, meus senhores.

A sociedade possui alguns membros dedicados ao estudo, cujo bom exemplo desejo que se propague, afim que brevemente possamos imitar com as nossas harmonias os concertos dos grandes maestros.

A mim jamais faltará gosto para explicar-vos, e paciencia para repetir-vos as explicações que produzir.

Não será o mestre da sociedade Eutherpe quem lhe ha de levar o desalento e o desanimo ao coração.

Para que, senhores, me acorrocis constantemente em minha tarefa, e para que a nobre sociedade Eutherpe possa ter uma existencia fulgurosa, passo a dizer-vos as palavras que seguem.

A musica, meus senhores, que é dita pelos grandes maestros sciencia physico-mathematica: — physico, por participar da razão, do sensível, ferindo-nos o orgão acustico; mathematica, por participar da razão da quantidade, tendo o uniseno em relação aos sons, como a unidade na arithmetica é para os numeros; é tão antiga como o mundo; fez sempre parte das delicias humanas; tem sido cultivada até por nações selvagens!

Esta sciencia tem tido muitas divisões e subdivisões; entre as quaes nota-se a seguinte, segundo a opinião do grande Raphael Coelho Machado: — em tranquillia ou moral, activa e entusiastica.

Por esta divisão vemos que a musica em relação a primeira applica as paixões e torna o espirito placido como o mar na despedida da noite; em relação a segunda, alegre e dá vida aos passatempos e divertimentos; e a terceira dispõe a alma a fazer grandes acções.

Tanto é assim que vemos a figurar nos regosijos publicos, nos hospitales de alienados, nos campos de batalha, nas igrejas, em toda a parte.

A musica conta tres épocas; a primeira em que tem attingido o maior grau de perfeição é o seculo XIX.

Esta filha, da natureza, meus senhores, nas diversas épocas em que tem servido de alvo ao estudo de tantos povos, como os Egypteos, Chinezes, Hebreus, Gregos, Latinos, Allemaes, Italianos, Francezes, etc., foi elevada a systema por Pythagoras; depois a methodo, e finalmente a arte pelos Gregos.

Assim como a aurora erguendo-se do horisonte com suas claridades dissipa o crepusculo matutino, assim também a musica — arte — lançando seus raios sobre a musica — methodo e systema — offuscou-a tanto, a ponto da segunda submergir-se no oceano da antiguidade, permanecendo altiva e radiosa, a primeira.

Oh! e quem não procura instruir-se n'esta arte onde se encontra tranquillidade para o espirito, arroubamento para a alma, extases e sensações delectosas para o coração?

A vós principalmente; a vós que sois moços convém o estudo de uma arte tão sublime, e que em toda a parte entra no plano da educação popular.

Lembra-vos que a musica fazia parte do estudo dos antigos philosophos, e que os homens de letras, poetas, oradores e prosadores, todos fazem uso do numero e da harmonia.

Entregae, pois, metade de vosso tempo desoccupado ao seu delectoso estudo.

E estudae com gosto, que haveis de fazer prodigiosos progressos, apezar da insufficiencia de vosso mestre.

Estudae, estudae, meus senhores, que o estudo é o sustento da intelligencia.

Queixumes

Lembras-te ainda, carinhosa virgem
Apoz a lava qu'em teu peito ardia,
Das juras mil que me fizeste, bella,
A luz já baça do cahir do dia?

Oh! se te lembrast'... que palavras meigas
Dos ternos labios desprendeste então!...
Depois, meu anjo de infantil candura
Fugir quiseste... mas quiseste em vão!...

Ai! quantas vezes teos cabellos lindos
Bafejados foram pela doce aragem!...
E que d'elles no cristal do arroio,
Me desenhava tua linda imagem!...

E n'essas tardes de saudoso enlevo,
Só divagando em jardins de flores,
Que voz tão bella, que toada magica
Nos vinha alegre segredar amores!...

Agora pomba! que sorris de perto...
Deixa qu'en louco, chammejando ardor
Te dá na face um modesto beijo,
Embrigue-me, delirando amor!...

THOMAS D'A. DOS P. GUEDES

VARIEDADE

Felicidade.

Esta palavra parece conhecida de todos, a todos parece familiar, intima amiga.

Mas todos sabem a sua significação? todos supõem que neste mundo de pura materialidade existe esta mysteriosa desconhecida?

Se julgam tão erradamente, deixem esta idéa que os engana, e fiquem sabendo que não ha felicidade onde não ha immortalidade.

Esses bens, esses dons que vemos espargidos na terra não constituem a nossa felicidade.

Não, ao contrario, são muitas vezes a causa de nossa perdição, tal seja o uso que d'elles fizermos.

Possua um homem todo o ouro deste mundo, frua a mais vigorosa saude, governe todos os objectos, seja obedecido e respeitado por todos, e esse homem comtudo não gosará de felicidade perfeita, se lhe faltar uma só cousa — a virtude.

Sim, a virtude encaminha a perfeita felicidade, que só existe na vida espiritual, onde a verdade e a luz se derramam em toda plenitude.

Como pode ser feliz o homem?

— Marchando sempre pelas veredas de Deus, isto é, soffrendo, mas com resignação; porque não ha virtude que não arranque uma dor.

Assim bem posso dizer: não ha felicidade perfeita nesta vida; alem da campã é que ella transparece.

Sim, porque é neste mundo que se pratica a virtude para receber-se o premio na eternidade de Deus, assim como é neste mundo que se pratica o mal para se receber a punição na eternidade do demonio.

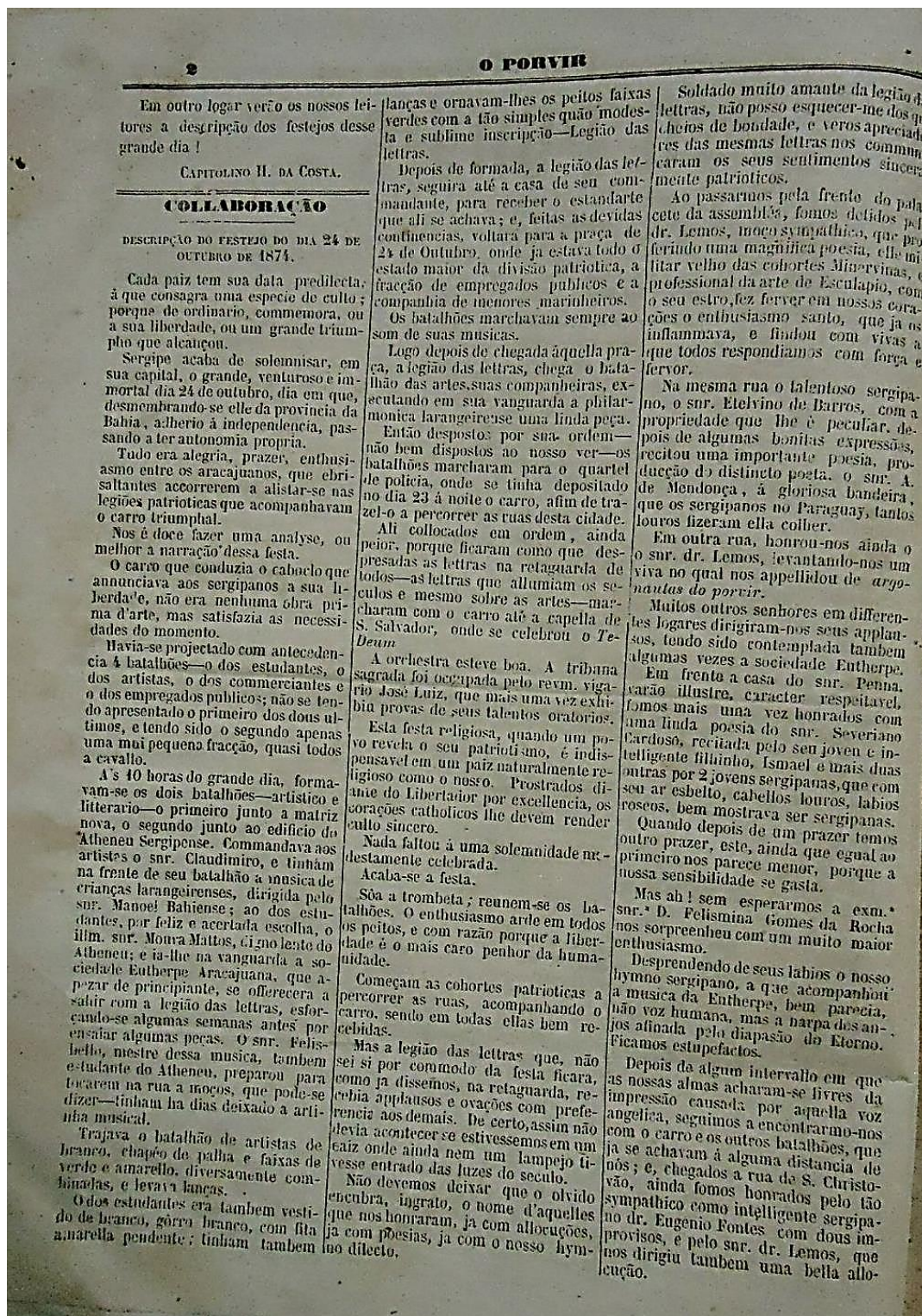
A felicidade deste mundo, que é, talento, formosura, honra, dignidade, saude sabedoria e dinheiro, é ganha com a lucta ou pela graça natural; isto não é felicidade, é apenas o caminho da perfeita felicidade.

Tanto o é que se o mesmo homem que considero feliz n'este mundo, abandonando o bem, praticar o vicio, a sua riqueza, os seus dons, jamais serão a sua felicidade, e sim, ao contrario, a sua infelicidade.

A perfeita felicidade é aquella que Deus dá, na sua gloria, a quem sinceramente, no mundo, lhe offerecer o coração.

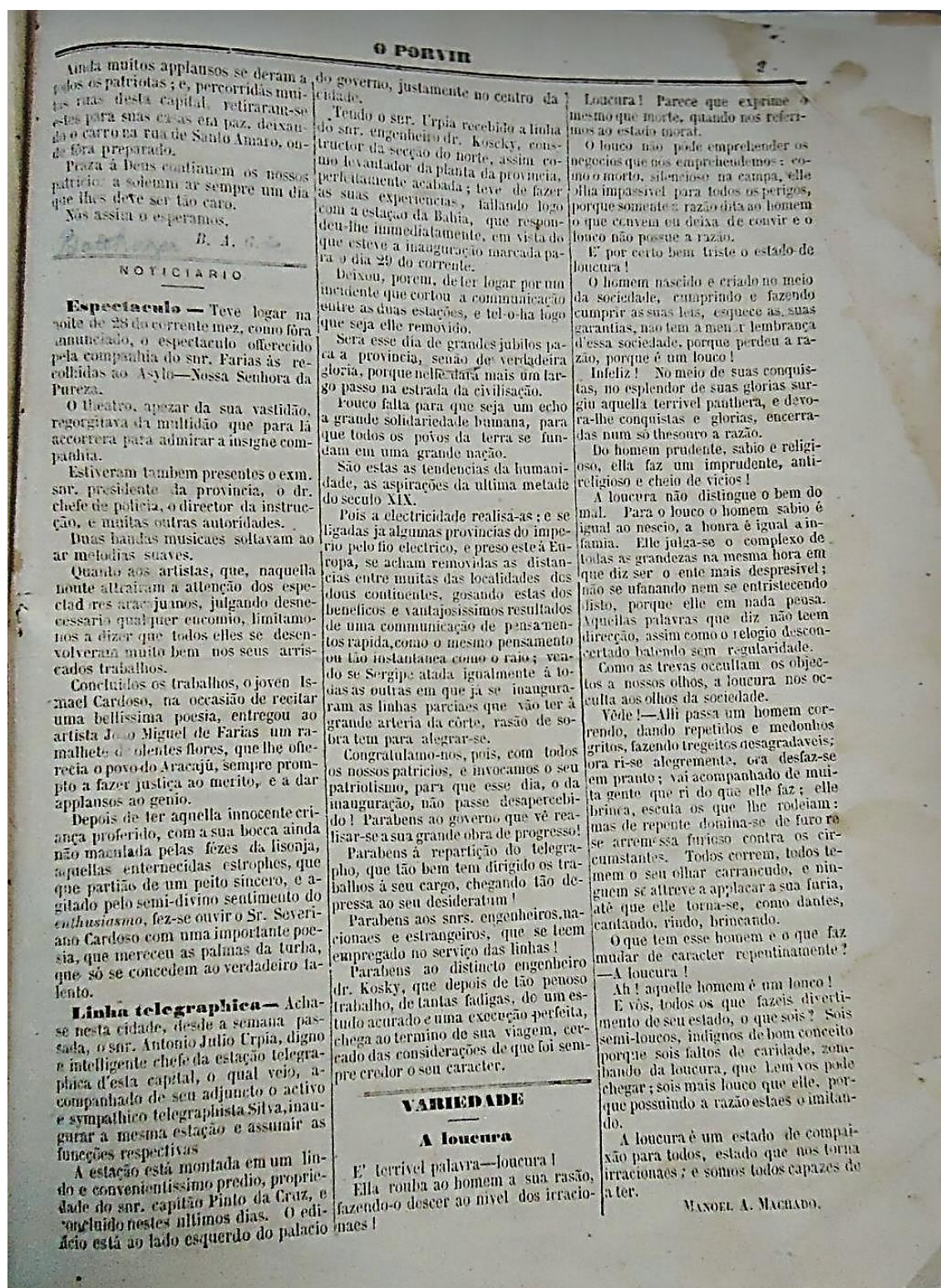
Não liguemos, por tanto, toda importancia a esses bens momentaneos como nós mesmos; esforcemo-nos antes na pratica da virtude, para os possuírmos mais dignamente e ganharmos a perfeita felicidade.

O homem não nasceu unicamente para os prazeres temporarios; a sua

ANEXO F - Ilustração do Artigo Completo sobre os Festejos do dia 24 de Outubro de 1874,
17 de novembro de 1874, nº 12, p. 2 e 3

Fonte: Biblioteca Pública Epifânio Dórea

Continuação...



Fonte: Biblioteca Pública Epifânio Dórea

O PARVIR

Ainda muitos applausos se deram a todos os patriotas; e, percorridas muitas ruas desta capital, retiraram-se estes para suas casas em paz, deixando o carro na rua de Santo Amaro, onde fora preparado.

Praza à Deus continuem os nossos patriotas a solemnizar sempre um dia que lhes deve ser tão caro.

Nos assina o esperamos.

B. A. S.

NOTICIARIO

Espectaculo — Teve lugar na noite de 28 do corrente mez, como fora anunciado, o espectáculo offerecido pela companhia do sr. Farias às recolhidas ao Asylo—Nossa Senhora da Pureza.

O theatro, apesar da sua vastidão, regorgitava da multidão que para lá accorreu para admirar a insigne companhia.

Estiveram tambem presentes o exm. sr. presidente da provincia, o dr. chefe de policia, o director da instrucção, e muitas outras autoridades.

Dois bandos musicaes soltavam ao ar melodias suaves.

Quando aos artistas, que, naquella noite atraíram a attenção dos espectadores arrojados, julgando desnecessario qualquer encomio, limitamos a dizer que todos elles se desenvolveram muito bem nos seus arriscados trabalhos.

Concluidos os trabalhos, o joven Ismael Cardoso, na occasião de recitar uma bellissima poesia, entregou ao artista João Miguel de Farias um ramalhete de olentes flores, que lhe offerecia o povo do Aracaju, sempre prompto a fazer justicia ao merito, e a dar applausos ao genio.

Depois de ter aquella innocente criança proferido, com a sua bocca ainda não manclada pelas fêzes da fisonja, aquellas enternecidas estrophes, que que partião de um peito sincero, e agitado pelo semi-divino sentimento do entusiasmo, fez-se ouvir o Sr. Severiano Cardoso com uma importante poesia, que mereceu as palmas da turba, que só se concedem ao verdadeiro talento.

Linha telegraphica — Acha-se nesta cidade, desde a semana passada, o sr. Antonio Julio Uripia, digno e intelligente chefe da estação telegraphica d'esta capital, o qual veio, acompanhado de seu adjuncto o activo e sympathico telegraphista Silva, inaugurar a mesma estação e assumir as funcções respectivas.

A estação está montada em um lindo e convenientissimo predio, propriedade do sr. capitão Pinto da Cruz, e concluido nestes ultimos dias. O edificio está ao lado esquerdo do palacio

do governo, justamente no centro da cidade.

Teudo o sr. Uripia recebido a linha do sr. engenheiro dr. Kosky, construtor da secção do norte, assim como levantador da planta da provincia, perfeitamente acabada; teve de fazer as suas experiencias, fallando logo com a estação da Bahia, que respondeu-lhe immediatamente, em vista do que esteve a inauguração marcada para o dia 29 do corrente.

Deixou, porem, de ter lugar por um incidente que cortou a communicação entre as duas estações, e tel-o-ha logo que seja elle removido.

Sera esse dia de grandes jubilos para a provincia, senão de verdadeira gloria, porque nelle data mais um largo passo na estrada da civilisação.

Pouco falta para que seja um echo a grande solidariedade humana, para que todos os povos da terra se fundam em uma grande nação.

São estas as tendencias da humanidade, as aspirações da ultima metade do seculo XIX.

Pois a electricidade realisá-as; e se ligadas ja algumas provincias do imperio pelo fio electrico, e preso este á Europa, se acham removidas as distancias entre muitas das localidades dos dous continentes, gosando estas dos beneficos e vantajosissimos resultados de uma communicação de pensamentos rapida, como o mesmo pensamento ou tão instantanea como o raio; veado se Sergipe atada igualmente á todas as outras em que ja se inauguraram as linhas parciaes que vão ter á grande arteria da corte, rasão de sobra tem para alegrar-se.

Congratulamo-nos, pois, com todos os nossos patriotas, e invocamos o seu patriotismo, para que esse dia, o da inauguração, não passe despercebido! Parabens ao governo que vê realisar-se a sua grande obra de progresso!

Parabens á repartição do telegrapho, que tão bem tem dirigido os trabalhos á seu cargo, chegando tão depressa ao seu desideratum!

Parabens aos snrs. engenheiros, nacionaes e estrangeiros, que se tem empregado no serviço das linhas!

Parabens ao distincto engenheiro dr. Kosky, que depois de tão penoso trabalho, de tantas fadigas, de um estudo acurado e uma execução perfeita, chega ao termino de sua viagem, cercado das considerações de que foi sempre credor o seu caracter.

VARIEDADE

A loucura

E' terrivel palavra—loucura!

Ella rouba ao homem a sua razão, fazendo-o descer ao nivel dos irracionais!

Loucura! Parece que exprime o mesmo que morte, quando nos referimos ao estado moral.

O louco não pode emprehender os negocios que nos emprehendemos: como o morto, silencioso na campa, elle é impassivel para todos os perigos, porque somente a razão dita ao homem o que convem eu deixa de convir e o louco não possui a razão.

E' por certo bem triste o estado de loucura!

O homem nascido e criado no meio da sociedade, cunprindo e fazendo cumprir as suas leis, esquece as suas garantias, não tem a menor lembrança d'essa sociedade, porque perdeu a razão, porque é um louco!

Infeliz! No meio de suas conquistas, no esplendor de suas glorias surge aquella terrivel panthera, e devorá-lhe conquistas e glorias, encerradas num só thesouro a razão.

Do homem prudente, sabio e religioso, ella faz um imprudente, anti-religioso e cheio de vícios!

A loucura não distingue o bem do mal. Para o louco o homem sabio é igual ao nescio, a honra é igual a infamia. Elle julga-se o complexo de todas as grandezas na mesma hora em que diz ser o ente mais desprestivel; não se ufando nem se entristecendo disto, porque elle em nada pensa. Aquellas palavras que diz não tem direcção, assim como o relógio desconcertado batendo sem regularidade.

Como as trevas occultam os objectos a nossos olhos, a loucura nos occulta aos olhos da sociedade.

Vede!—Alli passa um homem correndo, dando repetidos e melonhos gritos, fazendo tregeitos desagradaveis; ora ri-se alegremente, ora desfaz-se em pranto; vai acompanhado de muita gente que ri do que elle faz; elle brinca, escuta os que lhe rodeiam; mas de repente domina-se de furo e se arremessa furioso contra os circumstantes. Todos correm, todos temem o seu olhar carrancudo, e ninguém se atreve a applacar a sua furia, até que elle torna-se, como dantes, cantando, riudo, brincando.

O que tem esse homem e o que faz mudar de caracter repentinamente?

—A loucura!

Ah! aquelle homem é um louco! E vós, todos os que fazeis divertimento de seu estado, o que sois? Sois semi-loucos, indignos de bom conceito porque sois faltos de caridade, zombando da loucura, que Lem vos pode chegar; sois mais louco que elle, porque possuindo a razão estaes o imitando.

A loucura é um estado de compaixão para todos, estado que nos torna irracionais; e somos todos capazes de a ter.

MANOEL A. MACRADO.